

MESTRADO

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

O destaque das notícias de acidentes na secção Porto do Jornal de Notícias

Ana Filipa Ferreira Vieira

2019



O destaque das notícias de acidentes na secção Porto do Jornal de Notícias

Ana Filipa Ferreira Vieira

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pelo
Professor Doutor Fernando António Dias Zamith Silva

Membros do Júri

Professor Doutor Nuno Alexandre Meneses Bastos Moutinho
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Helder Manuel Ferreira Bastos
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Fernando António Dias Zamith Silva
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 14 valores

Dedicado à minha mãe Elisabete e à minha irmã Lara

Sumário

Introdução	12
Capítulo 1 – O centenário Jornal de Notícias	14
1.1. Tiragem e circulação	20
1.2. Estrutura do Jornal de Notícias impresso	21
Capítulo 2 – A investigação.....	22
2.1. Metodologia.....	22
2.2. Revisão de literatura	23
2.3. Contextualização do estudo	30
2.3.1. Análise de outubro de 2018.....	31
2.3.2. Análise de novembro de 2018	35
2.3.3. Análise de dezembro de 2018.....	37
2.3.4. Análise de janeiro de 2019	40
Capítulo 3 - O estágio	43
3.1. Outubro de 2018	44
3.2. Novembro 2018	47
3.3. Dezembro 2018	49
3.4. Janeiro 2019.....	53
Conclusão	57
Referências bibliográficas	60
Apêndices	62

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

[Porto, Julho 2019]

Ana Filipa Ferreira Vieira

Agradecimentos

Aqui, fecho mais um ciclo. Guardo este espaço para agradecer a todos os que, de alguma forma, me ajudaram a crescer como pessoa e profissional.

Em primeiro lugar, tenho de agradecer todo o apoio e amor incondicional da minha mãe Elisabete e da minha irmã Lara. Agradeço todas as palavras motivadoras acompanhadas de sorrisos que sempre me encorajaram a continuar a traçar o meu caminho como jornalista. Quando penso em vós, agradeço por ser sangue do vosso sangue.

Custa-me agradecer aos jornalistas com quem trabalhei porque quando penso neles penso na saudade que deixaram. Irei sempre recordar com muito carinho a forma como me receberam, acolheram e ensinaram. Cláudia Monteiro, Isabel Peixoto, Marisa Silva, Adriana Castro, Miguel Amorim, Carla Soares, Alfredo Teixeira, Célia Soares obrigada por me tornarem uma de vós. Estou-vos eternamente grata. Um agradecimento especial ao Hugo Silva. Nunca lhe faltou a boa disposição e uma boa piada para animar o dia. Um grande profissional e um excelente orientador. Obrigada Hugo.

Tenho também de agradecer ao Jornal de Notícias, na pessoa do diretor Domingos de Andrade, por me ter aceite nesta nobre instituição.

O ânimo, o entusiasmo e a felicidade reinaram na maior parte dos dias de trabalho mas eram palavras-chave quando chegava a casa e era recebida pela minha amiga Marlene Simões, a minha açoreana de raiz. Sempre me motivou e eu sabia que quando lhe batesse à porta, ela me ia receber com um sorriso no rosto e os braços abertos.

Um enorme obrigado à minha “londrina” preferida, Eduarda Dias, por ser aquela amiga que nunca tive.

Por último agradeço à Faculdade de Letras da Universidade do Porto e principalmente ao Professor Dr. Fernando Zamith pelo apoio na elaboração do meu relatório.

Resumo

Este trabalho de investigação analisa o destaque dos acidentes da secção *Porto* do Jornal de Notícias publicados entre 1 de outubro de 2018 e 31 de janeiro de 2019, suportado em análise de conteúdo e entrevistas. Através do levantamento de dados e respetiva análise conteúdo verificou-se que em quatro meses, o Jornal de Notícias noticiou na secção *Porto*, em média, um acidente por dia. Neste período, registaram-se 162 feridos ligeiros, 44 feridos graves e 44 vítimas mortais. A intemporalidade, o imediato e o impacto junto das pessoas são fatores fundamentais que determinam o destaque de cada notícia em cada edição. Com um número limitado de páginas, os editores precisam de fazer uma triagem da informação pela impossibilidade de dar o mesmo destaque a todas as notícias. Através da análise das entrevistas realizados aos jornalistas e editores da secção *Porto* verificou-se que o número de vítimas não é um fator determinante para a decisão sobre o seu destaque no noticiário. A hora de fecho da edição é o fator principal que decisivo. A capacidade de resumo e filtro da informação foram alguns desafios que ultrapassei como jornalista estagiária. Todos nós precisamos de notícias e todos somos contadores de histórias. Escrevi peças sobre pessoas e eventos, mas todas as minhas histórias ficaram registadas num diário de bordo. A necessidade de relatar o que se vê e ler sobre o que acontece é intrínseco ao indivíduo, mais ainda quando falamos de acidentes.

Palavras-chave: Acidentes; Notícias; Jornais; Jornalistas; Editores

Abstract

This research analyzes the highlights of the accidents of the Porto section of the Jornal de Notícias published between October 1, 2018 and January 31, 2019, supported by content analysis and interviews. Through the data collection and respective content analysis it was found that in four months, Jornal de Notícias reported in the Porto section, on average, an accident per day. During this period, there were 162 slight injuries, 44 serious injuries and 44 fatalities. The timelessness, the immediate and the impact on people are fundamental factors that determine the highlight of each news in each edition. With a limited number of pages, publishers need to sort the information by not being able to highlight all the news. Through the analysis of the interviews conducted to the journalists and editors of the section Porto it was verified that the number of victims is not a determining factor for the decision on its prominence in the news. The closing time of the edition is the main factor that decisive. The ability to summarize and filter the information were some challenges that I surpassed as a trainee journalist. We all need news and we are all storytellers. I wrote pieces about people and events, but all my stories were recorded in a logbook. The need to report what is seen and read about what happens is intrinsic to the individual, especially when we talk about accidents.

Keywords: Accidents; News; Newspapers; Journalists; Publishers

Índice de gráficos e tabelas

Gráfico 1: Tiragem e circulação média dos jornais diários em 2018.	20
Gráfico 2: Número total de peças publicadas ao longo dos quatro meses de estágio.	44
Tabela 1: Destaques dos acidentes e registo de vítimas do noticiário da secção Porto do Jornal de Notícias, no mês de outubro de 2018.	32
Tabela 2: Destaques dos acidentes e registo de vítimas do noticiário da secção Porto do Jornal de Notícias, no mês de novembro de 2018.	36
Tabela 3: Destaques dos acidentes e registo de vítimas do noticiário da secção Porto do Jornal de Notícias, no mês de dezembro de 2018.	38
Tabela 4: Destaques dos acidentes e registo de vítimas do noticiário da secção Porto do Jornal de Notícias, no mês de janeiro de 2019.	41
Tabela 5: Dados do <i>Calendário de Satisfação</i> de outubro de 2018	46
Tabela 6: Dados do <i>Calendário de Satisfação</i> de novembro de 2018.	49
Tabela 7: Dados do <i>Calendário de Satisfação</i> de dezembro de 2018.	52
Tabela 8: Dados do <i>Calendário de Satisfação</i> de janeiro de 2019.	56

Introdução

O presente relatório é a análise do meu estágio no Jornal de Notícias no Porto, entre 1 de outubro de 2018 e 31 de janeiro de 2019, parte integrante do 2.º ano de mestrado em Ciências da Comunicação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Estagiei como jornalista na secção local *Porto* com orientação do editor Hugo Silva.

Na sociedade em que estamos imergidos, todos os cidadãos têm o direito de serem informados e é papel dos jornais transmitir os factos recentes e atuais à população. Aqui, destacam-se os jornalistas como profissionais que buscam e trabalham sobre os mais diversos assuntos com o objetivo de torná-los públicos.

Independentemente da secção do jornal ou do público-alvo da instituição, a veracidade dos factos e a imparcialidade do jornalista são imprescindíveis para uma boa prática jornalística. “O jornalista deve relatar os factos com rigor e exactidão e interpretá-los com honestidade” (Clube de Jornalistas, 2009), lê-se na primeira alínea do Código Deontológico do Jornalista.

Para além das escolhas editoriais de cada órgão de comunicação social, é necessário seleccionar quais são as notícias de interesse público que devem ter destaque no noticiário. Na secção *Porto* do Jornal de Notícias, os relatos de acidentes cobrem grande parte das páginas dos jornais e há temas sensíveis de escrever. Ao contrário das secções como *Justiça* e *Desporto* por exemplo, as secções locais, como *Porto* e *Norte/Sul*, apenas têm a área de abrangência como um critério definido. As notícias relativas à Área Metropolitana do Porto, que engloba Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Trofa, Santo Tirso, Maia, Matosinhos, Valongo, Paredes, Porto, Gondomar, Vila Nova de Gaia, Espinho, Santa Maria da Feira, Arouca, São João da Madeira, Oliveira de Azeméis e Vale de Cambra, são noticiadas na secção local *Porto*. As notícias com origem noutros pontos do país são divulgadas na secção *Norte/Sul*.

O Jornal de Notícias confia nos editores para fazerem uma seleção criteriosa das peças publicadas em cada edição. No entanto, algumas peças podem ter privilégios de publicação. Os acidentes não têm hora para acontecerem e, na secção *Porto*, esse facto leva a que os editores compreendam o que está proposto para a paginação e que tenham um tempo de reação rápido para eventuais mudanças no plano editorial. Como acontecem essas mudanças? Com que tipo de acidentes? Que destaque lhes é dado? Há planos pré-definidos para o caso

de mudanças de última hora?

O presente relatório é uma reflexão sobre o destaque dado às notícias que envolvem os relatos de acidentes na secção *Porto*. Para além do texto que descreve os acontecimentos, a fotografia também tem uma componente explicativa. No entanto, esta análise foca-se apenas no relato escrito. Moloch e Lester em *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"* entendem os acidentes como um acontecimento inesperado. Assim, os acidentes de viação, os incêndios, os atropelamentos, as explosões, os naufrágios ou outras circunstâncias que pressupõem um imprevisto são considerados acidentes.

A investigação dá resposta à pergunta: Como é que as notícias de acidentes, da secção *Porto* do Jornal de Notícias, são hierarquizadas no noticiário? Com base nisto, são consideradas as seguintes três hipóteses: a) Na secção *Porto* do Jornal de Notícias, os acidentes com vítimas mortais têm sempre destaque na abertura; b) Na secção *Porto* do Jornal de Notícias, os acidentes com apenas feridos são sempre noticiados nas breves; c) A publicação de notícias de acidentes pode pressupor que outras notícias sejam retiradas do noticiário.

O presente relatório está dividido em três grandes capítulos. Primeiramente, há uma contextualização do Jornal de Notícias como um meio de comunicação social centenário, relevando a sua missão e valores como órgão de média. Para além disso, será destacada a tiragem e circulação do Jornal de Notícias, comparativamente aos atuais jornais generalistas diários, sendo eles, o Correio da Manhã e o Público. De forma a fechar este capítulo, será feita uma análise sobre a estrutura do JN impresso.

Em segunda instância, o estudo de caso é parte fundamental da investigação e concentra-se na análise dos relatos de acidentes entre 1 de outubro de 2018 e 31 de janeiro de 2019, traduzindo-se assim na análise de 123 jornais.

Por último, é apresentada uma análise detalhada do meu percurso de estágio com diversas referências às peças que assinei e aos melhores e piores momentos do meu percurso. Ao longo da análise, será referenciado o diário de bordo que escrevi ao longo dos quatro meses de forma a dar uma visão mais realista das sensações e aprendizagens. Além do mais, também será referenciado o *Calendário de Satisfação* que construí e preenchi diariamente de forma a ter uma visão global do meu percurso como jornalista estagiária.

Capítulo 1 – O centenário Jornal de Notícias

Em 1888, o Porto viu nascer o diário Jornal de Notícias (JN) pelas mãos de Aníbal de Moraes, Manuel Vaz de Miranda e José Arroio. Com abrangência a nível nacional e mais de um século de história, é o segundo jornal diário mais lido em Portugal, sendo apenas superado pelo Correio da Manhã.

Hoje, o JN integra a Global Media Group, um dos maiores grupos de média em Portugal nos setores da imprensa, da rádio e da internet (Global Media Group, s.d.), que também detém o jornal desportivo *O Jogo*, o Diário de Notícias, que atualmente trabalha diariamente na plataforma *online* e publica uma edição impressa ao domingo, a rádio *TSF*, as revistas *Volta ao Mundo*, *Notícias Magazine*, *Men's Health*, *Women's Health* e outras marcas desde a informação ao lazer.

Segundo Helena Lima, o JN “suruiu num período de grande dinamismo na cidade, mas também os seus impulsionadores foram capazes de criar um modelo em que se aliava uma linguagem mais ligeira, e popular, às questões mais profundas da política nacional” (Lima, 2011, p. 38). Cada órgão de comunicação social tem um estilo linguístico pré-determinado. Na perspetiva de Daniel Ricardo, os jornais possuem códigos linguísticos distintos e diferenciadores que “visam (...) públicos diferentes e diferentes setores desses públicos e prosseguem finalidades distintas, pelo que admitem o uso de registos (...) diversos, mais ou menos coloquiais, mais ou menos cultos, mais ou menos técnicos” (Ricardo, 2010, pp. 24, 25). “É diferente uma notícia no JN, no Expresso, no Público. Embora, no limite, uma notícia é uma notícia”, afirmou, em entrevista, o editor da secção *Porto* do Jornal de Notícias, Hugo Silva. Com mais de um século de história, o Jornal de Notícias mantém a linguagem popular como “imagem de marca” (Lima, 2011, p. 47) capaz de ser compreendida por pessoas de todas as idades, classes sociais e níveis de escolaridade.

A proximidade com o leitor leva o JN a querer deixar claro o seu compromisso de confiança. Na primeira edição, a 2 de junho de 1888, José Moreira Fonseca e José Guilherme Pacheco assinaram:

“Vai publicar-se na cidade do Porto um jornal periódico chamado *Jornal de Notícias*, para o qual temos a honra de solicitar o valioso auxílio de V. O novo jornal responde a uma necessidade urgentíssima e indiscutida da defesa e propugnação das ideias e ação política do nobre partido regenerador, hoje, mais

que nunca, exaltado na sanção da opinião pública pela gestão patriótica dos negócios de estado e pela isenção íntegra que distinguiu a sua administração.

Nascido da mais espontânea iniciativa, o novo órgão do jornalismo portuense, é por isso mesmo alheio a quaisquer interesses particulares que porventura prenderiam e desvirtuariam o fim que ele se propõe realizar. Pelo contrário, defenderá sem tergiversações, antes com a mais sincera devoção, os interesses e as regalias populares, sempre que hajam sido ofendidos, sempre que alguma lei gravosa para as classes que mais carecem, de proteção dos poderes públicos, para as classes que pelo seu labor mais árduo contribuem para o progredimento geral, as sobrecarregue de encargos exagerados, ou as ofendas com exigências anormais.

Quer pelos seus proprietários, quer pela sua redação, o jornal que temos a honra de recomendar a V. realiza por completo a aspiração de todos os que condenam a atual e deplorável administração do país. Rogamos a V. a fineza da sua assinatura, esperando que se digne dispensar ao novo jornal toda a sua prestante coadjuvação. Somos com consideração José Moreira Fonseca, José Guilherme Pacheco” (Lima, 2011, p. 36).

Os valores enunciados na primeira edição ditaram o futuro do jornal. E mantêm-se até hoje. O Jornal de Notícias, no Porto, junto à entrada da redação tinha exposto um compromisso de confiança, onde se lia nos primeiros parágrafos:

“Num tempo crucial, em que a generalidade dos meios de comunicação enfrente desafios de enorme exigência e incerteza, o Jornal de Notícias conta com um património de que poucos se podem orgulhar: é o valor da marca e da sua história de 126 anos, um legado de cinco gerações de grandes jornalistas. São os laços de confiança e de credibilidade na relação com os nossos leitores que fazem do JN um grande jornal nacional, orgulhoso da sua pronúncia do Norte.

Este jornal tem critérios e depende exclusivamente deles. São os da ética e do rigor profissional. Não tem ambições políticas e é indiferente a quem as tiver. Não deve obediências a partidos, autarquias, clubes, empresas ou qualquer sacristia. Mas não é nem será neutral na defesa das grandes coisas, pela liberdade

e dignidade do homem como medida de todas as coisas”.

Hoje, um novo compromisso com os leitores, datado de outubro de 2018 e assinado pelo atual diretor, Domingos de Andrade, pelos atuais sub-diretores, Inês Cardoso, Manuel Moinhos e Pedro Ivo Carvalho, dão as boas-vindas a quem entra na redação. No documento, lê-se:

“Há um privilégio único na vida de um jornalista: nunca saber, quando acorda, o que o espera na Redação ou que mundo se vai abrir para além dela.

Num jornal não há rotinas, tal como nunca a atualidade é despiada de novidades, mesmo quando parece repetir-se. E em poucos ofícios se pode, como nestes, contar uma história nova todos os dias.

No momento em que se renova este novo ciclo no “Jornal de Notícias” iniciado há quatro anos com o Afonso Camões, poderíamos recordar os princípios que nos norteiam. Mas, melhor que as palavras, do rigor, da total transparência isenção e procura incessante dos factos, sem cedência a pressões ou interesses, fala uma história de 130 anos. E, fazendo parte dela, a confiança de quem nos lê todos os dias.

O JN é hegemónico no papel a norte do Mondego e mantemos fechados a maioria dos conteúdos exclusivos da versão impressa porque acreditamos na mais-valia de oferecer notícias, reportagens e análises da atualidade que não circulam pelas redes sociais. Que fazem a diferença, no meio da avalanche de informação, credível ou nem tanto, que tende a diluir-se na máquina trituradora das redes sociais. Somos um jornal multiplataforma, que fala uma linguagem no papel e não teme inovar e multiplicar-se noutras, mais imediatas, diversificadas e atualizadas ao segundo, no digital, onde o JN é, confirmou-o há dias o Bareme Imprensa Crossmedia, o título preferido de todos os portugueses.

Próximo das pessoas e das suas causas, sem preconceitos quanto à pronúncia que marca a sua identidade, um jornal de territórios que fala para todo o país e para as comunidades espalhadas no Mundo, o “Jornal de Notícias” orgulha-se de ter, todos os dias, muita gente dentro.

O único compromisso que temos é com os leitores. A quem prometemos,

todos os dias, continuar a procurar as melhores histórias. E contá-las com entusiasmo. Com o suplemento de alma que está no ADN do JN e o mantém de olhos postos no futuro”.

Neste novo compromisso com os leitores, os representantes do JN referiam o valor de assinar a plataforma digital. E é interessante notar que desde a sua primeira edição que o JN incentiva a assinatura. No cabeçalho do jornal de 28 de junho de 1947, o JN publicou:

“Nas suas férias não se prive de ler o seu jornal. Faça a assinatura do Jornal de Notícias durante os dias em que estiver fora. Mande-nos a importância em vale do correio ou em selos à razão de \$80 por cada dia. O mínimo destas assinaturas é de 8\$00 correspondente a 10 dias”.

A proximidade com os leitores, vai mais além do que as palavras enunciadas junto da redação da sede. “O JN dá primazia à proximidade e às comunidades”, esclareceu o editor Hugo Silva. Mais de um século depois da sua criação, o JN incentiva a assinatura digital através de *newsletters* a quem permitiu a receção das notícias *online*.

Para além da linguagem editorial, o Jornal de Notícias mantém desde o seu surgimento a vontade de ajudar os outros. Segundo Helena Lima, “as campanhas de solidariedade constaram das iniciativas do jornal, na angariação de fundos para as situações mais desesperadas. Elas faziam-se para auxílio de situações isoladas de desespero ou de campanhas como o “Natal dos Pobres”” (Lima, 2011, p. 39). Após 130 anos de história, a vertente solidária continua muito presente e evidente. O Jornal de Notícias criou, há mais de 50 anos, o projeto de solidariedade social *Todo Homem é Meu Irmão* que, em agosto de 2017, transformou-se na Associação JN Solidário (Jornal de Notícias, 2018). Com vista na promoção da solidariedade, os leitores enviam donativos a quem recorre ao jornal com pedidos de socorro. Na edição de 31 de dezembro de 2006, lê-se:

“Todas as semanas chegam ao ‘Jornal de Notícias’, em cartas manuscritas, apelos de gente que necessita que a humanidade mostre o seu melhor rosto. São, na sua maior parte, de casos de desespero, de quem já percorreu os corredores da burocracia, bateu a inúmeras portas, mas não vê chegar a ajuda de que tanto necessita. Para eles, muitas vezes, a última esperança é recorrerem à

solidariedade da comunidade através do JN e da sua rubrica ‘Todo Homem é Meu Irmão’”.

“Família ameaçada de despejo”, “Ajudar menina de 10 anos”, “Maria e David necessitam de solidariedade” e “Ana Paula ainda precisa da nossa ajuda” (Jornal de Notícias, 2018), foram alguns dos títulos que chamaram a atenção para histórias que já tiveram um final feliz.

Mais recentemente, a Associação JN Solidário apostou no projeto de inovação social *JN Todos*. Numa peça publicada no *site* do Jornal de Notícias, no dia 9 de novembro de 2018, com o título “*JN Todos*” é o novo projeto da Associação JN Solidário, Domingos de Andrade, diretor do jornal, refere que este mais recente projeto “promove a cidadania ativa, a democracia participativa, a solidariedade intergeracional, mas é muito mais do que isso porque representa um salto significativo na atividade social do Jornal de Notícias”.

Segundo um texto assinado pelo jornalista e editor da secção *Porto*, Hugo Silva, na edição impressa de 25 de dezembro de 2018, o projeto “JN Todos” é uma iniciativa desenvolvida em parceria com a Câmara Municipal de Gaia “e que conseguiu obter apoio de fundos comunitários, através do programa Portugal Inovação Social”. Estas iniciativas são o exemplo claro da preocupação social do Jornal de Notícias para com os desfavorecidos. “O que se pretende é ir ao encontro da população de mais idade e, através de pequenas equipas de voluntários, responder a situações do dia a dia”, acrescentou. Para além da ajuda social, também procuram disponibilizar uma ajuda intelectual. “Por fim, o projeto irá proporcionar encontros semanais com os leitores do JN, com o objetivo de incentivar a leitura crítica da atualidade noticiada nas nossas páginas”, rematou Hugo Silva.

Segundo Marshall McLuhan, “o jornal é uma forma confessional coletiva que fornece uma participação comunitária” (2008, p. 210). A proximidade que o JN mantém com os seus leitores é algo que vai além da versão impressa. O JN foi o primeiro diário português a criar uma edição *online*, no dia 27 de julho de 1995, e aposta até hoje no ciberjornalismo. A excelência do seu trabalho na plataforma resultou na conquista de dois prémios nesta categoria em 2017. Segundo uma publicação no seu *site*, o JN venceu nas categorias “infografia” e “última hora”, com trabalhos sobre os dois mandados do ex-presidente dos EUA e sobre os incêndios da tragédia de Pedrogão Grande, respetivamente.

Confiança, reputação e satisfação são talvez os adjetivos que melhor caracterizam o

Jornal de Notícias.

Consagrando-se um diário com uma circulação média de 49 147 jornais em 2018, possui um estatuto editorial próprio, onde constam os seguintes pontos:

1. “O Jornal de Notícias define-se como publicação periódica informativa e não doutrinária, predominantemente consagrada à informação geral, sem excluir, em limites adequados de extensão e profundidade, a informação especializada” (Jornal de Notícias, 2006).
2. “O Jornal de Notícias é independente do poder político, designadamente do Governo e da Administração Pública, bem como de grupos económicos, sociais e religiosos, regendo-se por critérios de pluralismo, isenção e apartidarismo, o que implica estilo e forma distanciados na abordagem de quaisquer temas” (Jornal de Notícias, 2006).
3. “O Jornal de Notícias adota como propósito uma informação rigorosa e competente (no sentido do mais completo possível apuramento dos factos), equilibrada (na audição dos interesses envolvidos) e objetiva (ainda quando interprete os acontecimentos)” (Jornal de Notícias, 2006).
4. “O Jornal de Notícias respeita e prossegue a sua honrosa tradição de porta-voz dos interesses e dos direitos das camadas menos favorecidas da sociedade portuguesa, sem que tal orientação signifique transigência com práticas demagógicas ou sensacionalistas” (Jornal de Notícias, 2006).
5. “O Jornal de Notícias, por intermédio dos seus jornalistas e sob a responsabilidade do seu diretor, compromete-se a respeitar a legislação aplicável à atividade jornalística, designadamente a Lei da Imprensa, bem como os princípios éticos e deontológicos da profissão” (Jornal de Notícias, 2006).

Estes dados estão disponíveis para consulta no *site* do JN. Entre eles, destaco o quarto ponto pela exibição pública da preocupação e proximidade do JN com os seus leitores e, principalmente, com os mais desfavorecidos.

Considerando que a sua sede permanece na cidade do Porto, o norte do país é a sua principal zona de influência (Global Media Group, 2018). No entanto, mantém a preocupação de levar aos seus leitores conteúdos transversais ao resto do país (Global Media Group, 2018).

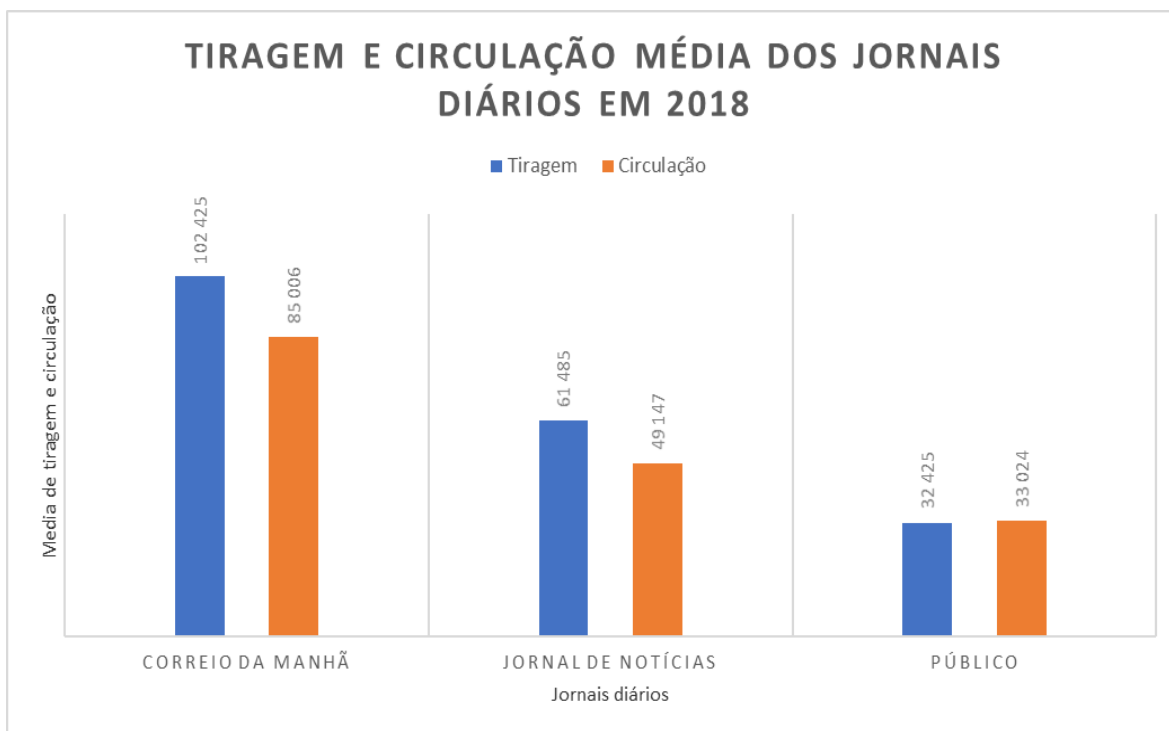
O JN procura manter-se a par dos avanços da tecnologia, principalmente no que

concerne às plataformas digitais. Desta forma, possui um *site* com notícias atualizadas e é permitido que os leitores assinem a *newsletter* ou que partilhem as notícias nas redes sociais. Através de uma organização e linguagem simples, o JN consegue abranger um grande público. Considerando o avanço das formas de comunicação, este jornal português é detentor de uma aplicação para Android e iOS. Assim como no *site*, a aplicação tem uma organização cuidada e simples para os leitores.

1.1. Tiragem e circulação

Nos jornais diários, a tiragem e a circulação são fundamentais para avaliar a dicotomia impressão/venda. O quadro 1 apresenta a média de tiragem e circulação dos três jornais diários portugueses - Correio da Manhã, Jornal de Notícias e Público – durante o ano de 2018, com o objetivo de contextualizar o JN perante a sua concorrência direta. Nesta análise, não consta o jornal i visto que, embora seja considerado um jornal diário, apenas é publicado de segunda e sexta.

Gráfico 1: Tiragem e circulação média dos jornais diários em 2018.



Fonte: Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (elaboração própria).

Os resultados apresentados no quadro 1 são bastantes reveladores. Perante os dados, é

fácil apreender que o Correio da Manhã é o diário mais vendido. No entanto, comparando os mesmos valores com o Público, conclui-se que o Público tem um maior aproveitamento relativamente à tiragem e à circulação. O Público teve 33 024 exemplares em circulação, quando apenas foram impressos 32 425 exemplares. Assim, é possível afirmar que o Público teve uma presença ativa no público-alvo. Por outro lado, o Correio da Manhã e o Jornal de Notícias possuem as tiragens são mais elevadas do que a circulação. O JN regista um maior aproveitamento através da diferença de 12 338 exemplares, enquanto que o Correio da Manhã regista um diferencial de 17 419 exemplares. Este aproveitamento é verificado pela subtração da circulação à tiragem. Assim, uma diferença menor significa um maior aproveitamento.

Com base nestes dados, conclui-se que o Jornal de Notícias, na versão impressa, é o segundo diário português mais lido pelo público.

No entanto, este ano registou-se um panorama diferente na versão *online*. Na peça publicada no dia 16 de fevereiro de 2019 - *JN cresce e está cada vez mais forte nas audiências online* – disponível no clipping do *site* oficial do Grupo Marktest, lê-se:

“O ‘Jornal de Notícias’ é o órgão de Comunicação Social de referência mais procurado online. Só em janeiro ganhou 388 mil utilizadores. (...) O JN ultrapassou, no mês de janeiro, o jornal “Público” e a TVI, voltando ao segundo lugar do ranking dos sites que alcançaram mais utilizadores em Portugal (...) reduzindo a distância para a primeira marca da lista, ocupada pelo ‘Correio da Manhã’”.

1.2. Estrutura do Jornal de Notícias impresso

O JN tem uma linguagem editorial definida, conforme já foi referido. Embora possua uma linguagem específica, muito dificilmente a capa do jornal centenário possui a mesma estrutura dia após dia. A manchete, as fotografias e as chamadas de primeira página são diárias, no entanto, não há posições definidas para a publicação. Na redação, a equipa gráfica trabalha diariamente para poder atrair os leitores e destacar os principais assuntos do dia através da capa.

A segunda página do jornal tem o *A abrir*, uma coluna escrita por um membro da direção e um texto de meia página da autoria de uma personalidade.

A publicidade ocupa grande parte das páginas do jornal. É através da divulgação de

produtos e/ou serviços que o JN, assim como outros jornais, consegue alguma da sua verba. No dia 1 de dezembro, a primeira página do JN estava revestida por uma folha publicitária à Praça de Natal de Vila Nova de Gaia. No dia 2 de janeiro de 2019, por exemplo, o JN estava coberto com uma página extra: uma folha de cor azul clara, como publicidade para a CUF – hospitais e clínicas. Assim, é possível analisar que a publicidade pode ser destacada em páginas inteiras, em meia página ou em colunas.

Uma outra vertente da publicidade são os classificados que ocupam as páginas centrais do jornal. Para além do *JN Classificados*, o *Relax* também tem grande destaque.

A linguagem simples característica do JN faz dele um jornal para toda a população. É quase como "contar uma história a um amigo". Não se utiliza vocabulário complexo para que todas as pessoas, de todas as idades e todas as habilitações literárias, consigam entender as notícias de igual forma. É, sem dúvida, um jornal próximo do seu público.

O Jornal de Notícias possui oito secções: Nacional, Justiça, Porto, Norte/Sul, Mundo, Opinião, Cultura e Desporto.

A contracapa apresenta sempre as *Últimas*, o *Sobe e desce* e a *Bandeira de canto*.

Capítulo 2 – A investigação

2.1. Metodologia

A investigação está assente numa metodologia de pesquisa qualitativa. Irei fazer uma contextualização e enquadramento do jornalismo impresso considerando a perspetiva de autores entendidos na matéria. De seguida e relativamente à análise de conteúdo, irei dar alguns exemplos de notícias de acidentes com feridos ligeiros/ Graves e/ou vítimas mortais e os seus respetivos destaques, através da análise dos 123 jornais publicados entre 1 de outubro de 2018 e 31 de janeiro de 2019. Para além disso, utilizei entrevistas com perguntas semi-estruturadas como método de investigação. As informações obtidas após o levantamento de dados permitiram-me interrogar os editores da secção local *Porto* do Jornal de Notícias, Hugo Silva e Cláudia Monteiro, de forma a entender como é que um acidente é inserido no noticiário quando são publicadas peças na mesma edição com o mesmo número de feridos e destaques diferentes, por exemplo.

Ao analisar a estrutura do Jornal de Notícias, entende-se que a secção local *Porto* utiliza, permanentemente, o jornalismo informativo. Cabe ao jornalista, mesmo antes da

redação da peça, desempenhar o papel de *gatekeeper* considerando que nem todas as informações recolhidas são divulgadas. Pensemos no ato de cozinhar como uma metáfora para a elaboração de uma notícia. Num restaurante, depois de realizadas as compras, o *chef* tem de cozinhar todos os ingredientes, deitar ao lixo aquilo que não é próprio para consumo e, no final, apresentar a sua confeção ao consumidor final. No jornalismo acontece o mesmo: o jornalista recolhe as informações no terreno, descarta o que não é essencial e aproveita as restantes informações para a redação da sua notícia apresentado assim um texto informativo e claro ao leitor.

A publicação de uma notícia com base num acidente implica um tratamento mais rápido da informação pela necessidade de informar o leitor. Através dos meios *online*, o jornal consegue dar uma resposta quase imediata aos leitores sobre o que está a acontecer em determinado local. No entanto, no que diz respeito à versão impressa e considerando o horário de fecho da secção, há a possibilidade de essa resposta não ser publicada no dia em que ocorreu o acidente.

Primeiramente, vejamos a perspetiva de diferentes autores entendidos na área.

2.2. Revisão de literatura

Com uma visão ampla do jornalismo, Cleofe Monteiro de Sequeira, no livro *Jornalismo Investigativo: O fato por trás da notícia* (2006), distingue dois géneros jornalísticos que são passíveis de serem analisados nos casos portugueses. Na perspetiva da autora, o jornalismo informativo alberga a nota (conhecida como breve), a notícia, a reportagem e a entrevista (Sequeira, 2005). O jornalismo opinativo inclui o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crónica, a caricatura e a carta (Sequeira, 2005). Na sua composição, o Jornal de Notícias contempla ambos os géneros jornalísticos. Os relatos de acidentes são publicados nos formatos enquadrados no jornalismo informativo.

No Jornal de Notícias o destaque dado a cada notícia é responsabilidade dos editores das secções mas sempre com o chapéu da chefia da redação e da direção. O planeamento do edição seguinte implica que os editores saibam o que vai ser tratado numa perspetiva a médio e longo prazo. Para além de selecionar as notícias para a edição impressa, os editores também precisam selecionar as peças que devem ser publicadas no *online*. No caso da versão impressa, os editores são responsáveis pelo desenho das páginas junto dos gráficos.

No entanto, antes de seleccionar o destaque que é dado, é necessário avaliar se a informação deve ser enquadrada no noticiário. Aqui, “triagem” é a palavra-chave. Esse é o processo de *gatekeeping*. Segundo Denis McQuail, “news media have to decide what ‘events’ to admit through the ‘gates’”¹ (McQuail's, 2000, p. 503). O Jornal de Notícias, como órgão de comunicação social, confia essa responsabilidade aos jornalistas e aos editores. Nelson Traquina, no livro *Jornalismo* (2007), defendeu a tese de que Galtung e Ruge foram os primeiros que tentaram “identificar, de forma sistemática e exaustiva, os valores-notícia” (p. 178) destacando assim a frequência, a amplitude do evento, a clareza ou falta de ambiguidade, a significância, a consonância, o inesperado, a continuidade, a composição, as referências a nações de elite e a pessoas de elite, a personalização e a negatividade como os valores-notícia (Traquina, 2007).

No jornalismo, o processo de *gatekeeping* tem a finalidade de descartar o que não têm interesse. Consequentemente, o jornalista distingue os conceitos de teoria e facto. E o facto é o seu instrumento de trabalho. Os autores William J. Goode e Paul K. Hatt, no livro *Methods in Social Research* (1985), deixam claro que, até uma teoria ser provada e tornar-se um facto, permanece entendida como especulação. E esta diferenciação é fundamental para uma boa prática jornalística, não só naquilo que é escrito mas também quando falamos em fontes de informação. Embora muitas fontes possam ser da confiança do jornalista, é necessário avaliar a informação até torná-la um facto. E isso apenas acontece perante a existência de evidências. Até então, estamos perante uma especulação. Consideremos um exemplo. No dia 28 de novembro de 2018, um leitor do Jornal de Notícias dirigiu-se à redação para apresentar o seu caso. O Sr. Carlos contou que sempre que ia à fisioterapia deixava o carro num pequeno parque perto do estabelecimento. Durante a conversa, afirmou que tinha pago a senha de validação de estacionamento e que a tinha deixado visível no *tabelier* do veículo. Após sair da fisioterapia verificou que tinha uma multa e para comprovar a sua versão, apresentou-me uma fotocópia do talão e da respetiva multa. Para além disso, o Sr. Carlos alegou que não era a primeira vez que esta situação se repetia e que, assim como já lhe tinha acontecido, exigia o cancelamento da multa. Após apresentar a situação aos editores, contactei a empresa

¹ “Os meios de comunicação precisam decidir que “eventos” admitem através dos “portões”” (tradução livre).

responsável pelo parque de estacionamento em questão e o assessor de comunicação enviou-me para o *email* um comprovativo da sua teoria. Nesse documento era evidente que o suposto visado apresentava-se com atitudes violentas na empresa e que deixava o talão comprovativo do pagamento fora do alcance visual do revisor. Perante essa circunstância, era dever da empresa responsável pelo parque de estacionamento passar a multa. Considerando este exemplo à luz da teoria de William J. Goode e Paul K. Hatt, estávamos perante especulação por parte do Sr. Carlos. Um caso que apresenta histórias idênticas mas pontos de vista diferentes. Em primeira instância, a história apresentada pelo Sr. Carlos aparentava ser um facto explícito. No entanto, essa hipótese foi desmentida quando a empresa apresentou provas inequívocas. Assim, a empresa torna-se a detentora do facto e o Sr. Carlos o detentor de especulação. O exemplo mencionado vai ao encontro da conclusão de William J. Goode e Paul K. Hatt quando defendem que os “factos são considerados definitivos, certos, sem questionamentos, e o seu significado é evidente” (Goode & Hatt, 1985, p. 8). A confirmação da informação é a essência do jornalismo. No exemplo mencionado foi necessário verificar a informação com a empresa visada. Em caso de acidente, é necessário confirmar a informação para além do que os nossos olhos vêem. No entanto, o mesmo não acontece com um comunicado de imprensa, por exemplo. Em caso de acidente, o jornalista torna-se numa “testemunha profissional” (Crato, 1982, p. 103) durante a sua “atividade de procura direta de informação” (Crato, 1982, p. 103), entendida pelo autor Nuno Crato como “investigação no local”. A capacidade individual do jornalista de obter informações é posta à prova.

Aqui, é importante, entender o conceito de notícia. No livro *O jornal: da forma ao sentido*, Motta refere a frase de Amus Cummings, ex-editor do *New York Sun*: “se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas, se um homem morde um cachorro, é notícia” (Motta, 2002, p. 307). Através deste exemplo, o autor pretende ilustrar que o que é anormal deve ser divulgado. “Para um acontecimento ganhar o estatuto de notícia, ele teria que representar um rompimento com a ordem natural das coisas, um desvio do comportamento esperado” (Motta, 2002, p. 307). No entanto, ainda nesta perspetiva, o autor reflete a possibilidade de um acontecimento ser notícia sem se basear apenas no que não é esperado. “Atualidade, proximidade, proeminência (...), impacto e significância” (Motta, 2002, p. 308) são as características apontadas pelo autor que determinam o seu carácter noticioso. O

impacto que a notícia tem junto das pessoas e a proximidade, tão característica do JN, são determinantes para a sua publicação e, consequentemente, para o destaque que lhe é atribuído.

Nuno Crato defende que “o jornalismo não é um simples reflexo da realidade, ele é, isso sim, uma representação dos acontecimentos e uma ordenação e selecção da actualidade, de acordo com um sistema de convenções e interesses que são variáveis de caso para caso” (Crato, 1982, p. 90). O que são estas convenções e interesses? Aqui falamos de influências. Durante a seleção, a recolha e o tratamento da informação, as “vivências” do jornalista influenciam a escrita. Embora a peça corresponda aos critérios definidos pelo jornal, cada jornalista possui um método próprio. Conforme afirma Nuno Crato, “a mais simples notícia reflecte escolhas ideológicas, quer pela maneira como está redigida e apresentada, quer pelo simples facto de existir e ser publicada” (Crato, 1982, p. 90). Embora cada jornalista tenha as suas vivências, é necessário haver imparcialidade no que concerne à redação das peças. Esta imparcialidade é fundamental não só para o bom exercício da profissão mas, na verdade, também é exigida pela sociedade (Travancas, 1992, p. 93). O bom exercício da profissão distingue o bom do mau jornalismo. No livro *Os Cínicos Não Servem Para Este Ofício: Conversas Sobre o Bom Jornalismo* (2008), Ryszard Kapuściński defende que uma boa prática jornalística, para “além da descrição de um acontecimento, há também a explicação do motivo por que aconteceu” (2008, p. 42). Por outro lado, “no mau jornalismo (...) há apenas a descrição, sem associação ou referência alguma ao contexto histórico, ou seja, temos só o relato do facto puro, mas não conhecemos as suas causas, nem os seus antecedentes” (Kapuściński, 2008, p. 42).

Seja a nível local ou global, o profissional sabe que fez um bom trabalho quando o leitor consegue perceber o que leu como se tivesse visto o acontecimento no momento em que ocorreu (Cardoso, 2012). No entanto, em trabalho de campo, é sempre necessário ir mais além do que os nossos olhos vêem. Vejamos um exemplo. A jornalista Adriana Castro, da secção *Porto*, assinou uma peça, no dia 26 de outubro de 2018, com o título *Acidente entre automóvel e autocarro faz 11 feridos*. Em entrevista, a jornalista descreveu o local do acidente: “Estavam lá bombeiros, (...) as televisões todas, (...) ambulâncias, carros da polícia, carros de reportagem, pessoal lá no meio a tentar perceber o que se tinha passado (...) tinha muitas crianças no autocarro na altura em que ele se despistou”. Ao analisar o local, a

jornalista percebeu que havia feridos e que havia crianças dentro do autocarro, mas não podia concluir que algumas delas fossem vítimas. A jornalista conseguiu perceber como ocorreu o acidente ao falar com uma testemunha que se encontrava numa cervejaria perto do local e conseguiu saber a quantidade de feridos e danos através do comandante dos Bombeiros. Este exemplo mostra que, mesmo no local do acidente, não podemos confiar apenas e só naquilo que os nossos olhos vêem. É preciso confirmar a informação em todas as circunstâncias de forma a transmitir ao leitor a informação credível e real.

A antropóloga Isabel Siqueira Travancas, no livro *O mundo dos jornalistas* (1992), acompanhou o funcionamento de redações de imprensa, de rádio e de televisão e conseguiu estabelecer as diferentes perspetivas de ética perante os jornalistas mais novos e os jornalistas mais experientes. É interessante notar que, embora o seu livro seja datado de 1992, tem uma visão bastante atual comparativamente ao que se aprende hoje nas escolas. No que concerne ao jornalismo escrito, a antropóloga defende que para os mais novos no exercício jornalístico “a noção de ética está ligada à ideia de um código com regras determinadas” (Travancas, 1992, p. 93). Nesta perspetiva, Carlos Camponez defendeu que “a deontologia obedece mais a um conjunto de princípios de uma (nova) ética orientada pelos valores do bem-estar” (Camponez, 2011, p. 9). Para os profissionais mais velhos – que no estudo de Isabel Siqueira Travancas englobava a grande maioria – o cumprimento do código, tão defendido pelos mais novos, baseia-se apenas na consciência de cada um (Travancas, 1992). A autora deixa bem claro que ao longo do seu estudo, embora alguns defendam que a ética é de carácter pessoal, existem limites pré-estabelecidos que devem ser respeitados. E esse limite é imposto pelo jornal para qual o jornalista trabalha. Perante essa hierarquização, o jornalista detém a responsabilidade perante as informações que escreve nas suas peças.

Em concordância com a teoria defendida por Nuno Crato, Fátima Lopes Cardoso escreveu que “mais ou menos ambíguo, um escritor tem um propósito quando inicia um texto literário” (2012, p. 52). No entanto, há influências extrínsecas ao indivíduo que “podem ser inclinações e vivências pessoais, situações extraídas do mundano para a ficção, onde se incluem grandes acontecimentos sociais, históricos e políticos” (2012, p. 52). Porém, todos os jornalistas, no primeiro parágrafo – comumente chamado de *lead* – escrevem de forma a dar resposta a seis perguntas - *O quê?*, *Quem?*, *Quando?*, *Onde?*, *Porquê?*, *Como?* -, embora o possam fazer de forma criativa.

O trabalho de um jornalista no terreno baseia-se em observar e recolher informações através de perguntas a testemunhas e/ou entidade competentes. Após este processo é necessário fazer uma triagem da informação de forma a seleccionar quais os pontos determinantes para a peça final. Com base nisto, é interessante notar a perspectiva de Mar de Fontcuberta, no livro *A notícia* (1999), quando escreve: “A função fundamental dos profissionais continua a ser a de informar, interpretar e analisar o que acontece, e não a de vender informação como se fossem sapatos” (p. 113). A perspectiva da autora é fundamental para compreender que é dever do jornalista hierarquizar a informação e avaliá-la, ao invés de escrever sem qualquer ordem e “vender como se fossem sapatos”. O jornalista Alfredo Teixeira da secção *Porto*, em entrevista, referiu que “todos nós temos uma forma de escrever própria”. O rigor e a descrição do máximo de pormenores, são características dos textos da jornalista Carla Soares. A objetividade é uma particularidade essencial nos textos do jornalista Miguel Amorim. A jornalista Isabel Peixoto opta por pequenos detalhes históricos. As jornalistas Adriana Castro e Marisa Silva não têm características definidas. Ambas “cozinham os ingredientes” e focam-se no essencial de cada peça. “Eu acho que cada texto é um texto e depende muito daquilo que vires no local”, afirmou a jornalista Marisa Silva. No geral, cada um possui características próprias mas todos hierarquizam a informação de acordo com os critérios jornalísticos e definidos pelo Jornal de Notícias.

Para além de hierarquizar as informações que constituem as notícias, é necessário hierarquizar as próprias notícias na paginação. Na secção *Porto* do Jornal de Notícias, esse papel cabe aos editores Hugo Silva e Cláudia Monteiro. No jornalismo e nas escolas que lecionam na área, é habitual falar-se do termo de *gatekeeper*. Em termos simples, o *gatekeeper* ou “guardião dos portões”, é aquele que filtra a informação. No seio de uma redação, esse papel cabe tanto aos jornalistas como aos editores. Enquanto que um jornalista filtra todas as informações que tem na sua posse para construir uma notícia, os editores filtram as notícias que têm disponíveis e destacam para a edição do dia seguinte aquelas que são mais atuais. Assim, as notícias intemporais são deixadas no “frigorífico”, como é típico ouvir na redação do Jornal de Notícias. David Manning White escreveu que “uma notícia é transmitida de um *gatekeeper* para outro na cadeira de comunicações. Do repórter para o responsável de *rewriting*, do chefe de secção para os redatores responsáveis (...), o processo de escolha e de rejeição não pára” (1993, p. 143). Nesta perspectiva, é interessante considerar

a teoria de Rogério Santos que defende que tantos jornalistas como editores, e até mesmo as fontes, têm um papel importante. “Cada agente interveniente no processo de geração da notícia tem um papel distinto e interactivo: a fonte, o jornalista que contacta a fonte, o jornalista que processa a notícia, um superior (editor ou director) que a sanciona, altera ou elimina” (Santos, 2003, p. 17). Independentemente do cargo desempenhado, todos contribuem para o produto final que, neste caso, será a edição para os leitores.

Sem nos apercebermos, a imprensa é um relato da sociedade. Todos nós precisamos de notícias. Para além do processo jornalístico, todos transmitimos as nossas ideias com base naquilo que observamos (Molotch & Lester, 1993). Todos os seres humanos são contadores de histórias. A necessidade de relatar o que se vê é intrínseco ao indivíduo. Quanto mais relatar algo que é inesperado. E haverá algo tão inesperado quanto um acidente? Segundo o Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, um acidente é “1. O que é casual, fortuito, accidental; 2. Desastre, desgraça” (1985, p. 46). O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, ainda acrescenta que um acidente é um “acontecimento negativo inesperado, que provoca danos, prejuízos, feridos ou mortos” (Priberam, s.d.).

Molotch e Lester no livro *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"* argumentam que os acidentes são acontecimentos considerados rotineiros e de forma bastante clara, clarificam que “os acidentes residem (...) nos cálculos errados que levam à quebra da ordem habitual” (1993, p. 47). Em forma de exemplo, os autores destacaram “o derramamento de petróleo em Santa Bárbara, as prisões do caso Watergate, a fuga de gás de nervos de Dugway Proving Ground e (...) bombas de hidrogénio em Espanha” (Molotch & Lester, 1993, p. 47). Em termos gerais, os autores concluem que os acidentes têm consequências contrárias ao que consideram “acontecimentos de rotina” (Molotch & Lester, 1993, p. 47). É interessante notar que os acidentes podem ter repercussões alarmantes na sociedade. Podem até mesmo ser encaradas como chamadas de atenção. Molotch e Lester escreveram: “um acidente como um derramamento de petróleo em Santa Bárbara, forneceu ao público local revelações análogas ao funcionamento quotidiano das instituições políticas e económicas norte-americanas” (1993, p. 47). Em concordância está a perspetiva da jornalista Marisa Silva que defende que a morte de uma mulher centenária é uma chamada de atenção para os perigos dos idosos morarem sozinhos, mesmo com acompanhamento dos vizinhos. Outro exemplo, são as palavras da editora Cláudia Monteiro quando argumenta que, por vezes, parte-se “de uma

morte para abordar um assunto importante que tem impacto na sociedade”. Neste contexto, a editora afirmou que na peça que relatou a morte de um sem-abrigo no centro do Porto, a editoria foi mais além e optou também por publicar uma coluna com a situação dos sem-abrigo no país. Não há nada que reverta um acidente mas há muito que se pode fazer para impedir infortúnios no futuro. Uma delas é a divulgação pública através dos órgãos de comunicação social como forma de sensibilização.

2.3. Contextualização do estudo

A investigação assenta nos acidentes noticiados entre 1 de outubro de 2018 e 31 de janeiro de 2019 na secção *Porto* do Jornal de Notícias. Neste período, o JN publicou 123 jornais e registaram-se 157 notícias de acidentes, sem contabilizar com os 17 relatos publicados como atualizações de peças anteriormente publicadas. Assim, conclui-se que há uma média de publicação de um acidente por dia. Conforme já foi referido neste trabalho, quando falamos de acidentes, falamos de um acontecimento inesperado que pode ter repercussões negativas. Com base nisto, falamos em acidentes de viação, incêndios, atropelamentos, naufrágios, explosões ou outros eventos em circunstâncias inesperadas como, por exemplo, uma morte por intoxicação, um ataque de um cão, a queda de um telhado ou da varanda de um prédio.

Já não ficamos surpreendidos quando vemos, ouvimos ou lemos relatos de acidentes. Sempre ouvi muitas pessoas dizerem que a proximidade é o fator primordial. No panorama geral da nossa sociedade marca-nos aquilo que está mais perto de nós. Vejamos um exemplo. Um atropelamento na rua onde mora a D. Maria vai ter mais impacto nela do que um atropelamento na rua da D. Alzira. Isto acontece porque é algo que lhe está mais próximo. Agora, vejamos isto no panorama de uma cidade. Os acidentes que acontecem na cidade do Porto, vão ter mais impacto nos portuenses do que, por exemplo, nos lisboetas.

A secção *Porto* do Jornal de Notícias noticia os assuntos relacionados com a Área Metropolitana do Porto: Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Trofa, Santo Tirso, Maia, Matosinhos, Valongo, Paredes, Porto, Gondomar, Vila Nova de Gaia, Espinho, Santa Maria da Feira, Arouca, São João da Madeira, Oliveira de Azeméis e Vale de Cambra.

Entre outubro de 2018 e janeiro de 2019, registaram-se 162 feridos leves, 44 feridos graves e 44 vítimas mortais. Estes valores já se mostram reveladores pela simetria de vítimas

graves e mortais, enquanto que os feridos ligeiros são mais de três vezes o número de feridos graves e mortos. Qual o seu destaque? As notícias com feridos leves têm sempre menos destaque que as notícias com vítimas mortais? Como é feita essa seleção e hierarquização no noticiário? A resposta será dada através da análise dos quatro meses. Esta análise aconteceu através da consulta de todos os jornais entre outubro e janeiro e incidiu-se na secção *Porto* do Jornal de Notícias. Todos os dados relativos aos acidentes foram registados na tabela disponível no apêndice 3. Cada tabela possui sete colunas onde registei o dia e número de páginas em que está compreendida a secção *Porto* naquela edição, o título de peça, o tema (normalmente com referência à Área Metropolitana do Porto), o número de feridos ligeiros, feridos graves, vítimas mortais e o destaque dado à peça.

2.3.1. Análise de outubro de 2018

Em outubro, foram noticiados 49 acidentes e, destes, sete foram atualizações de acontecimentos anteriormente relatados. No dia 15 de outubro, o JN fez abertura no *Porto* com *Sem-abrigo morre na rua em pleno centro do Porto*. No dia seguinte, atualizaram a abertura numa peça a duas colunas com o título *Homem que morreu na rua era acompanhado*. No dia 16, noticiou-se o que eu considero a maior tragédia do mês. “*Ninguém contava. Não lhes deu tempo sequer para pedir socorro*” foi o título da peça que relatava o naufrágio do Mestre Silva. Nos dias seguintes seguiram-se as respetivas atualizações. No dia 17, o *Porto* dedicou-lhe uma página inteira com a peça “*Perdi o ‘meu irmão mais velho’ e quase perdia o meu filho*”. No dia 18, referiu-se mais uma vez o tema com uma peça a uma coluna com o título *Três pescadores continuam desaparecidos*. Mais tarde, no dia 19, faz-se mais uma referência ao naufrágio na peça *Lágrimas e dor no adeus ao pescador*, publicada a três colunas. No dia 20, reservou-se uma breve para publicar *Submarino ajudou nas buscas pelos três pescadores*. O naufrágio é relembrado pela última vez no dia 23 numa peça a duas colunas com o título *Marinha encontrou o “Mestre Silva”*. O último caso diz respeito a uma breve publicada no dia 23 com o título *Bloco operativo do IPO em funcionamento após incêndio*. Esta peça foi publicada para atualizar o acidente relatado a uma coluna no dia 19 com o título *Bloco do IPO evacuado devido a incêndio*.

Os casos enunciados servem de exemplo para provar que a continuidade é outro dos fatores evidentes na postura do Jornal de Notícias. “Muitas vezes, no dia, não conseguimos

saber quem é a vítima (...) mas no dia seguinte partimos outra vez para o terreno para tentar perceber”, afirmou Hugo Silva, editor do *Porto*.

Para além de narrar os acontecimentos atuais, o JN dá-lhes continuidade e mantém os leitores informados sobre as histórias que trazem mais impacto. E este fator não se aplica apenas às versões *online*, onde a informação é facilmente alterada, mas também às versões em papel, conforme os exemplos o provoram.

Conforme já foi referido, no mês de outubro, o Jornal de Notícias publicou sete atualizações de notícias e portanto, estas referências não contam para a contagem das peças em análise considerando que se tratam de acidentes e vítimas anteriormente contabilizados.

Tabela 1: Destaques dos acidentes e registo de vítimas do noticiário da secção Porto do Jornal de Notícias, no mês de outubro de 2018.

Destaque em outubro	Quantidade de acidentes	Registo de vítimas			
		Feridos ligeiros	Feridos graves	Vítimas mortais	
Abertura de secção	2 ²	-	-	2	
Breves	19	22	4	1	
Uma coluna	3	4	1	-	
Duas colunas	8	8	2	3	
Três colunas	7	8	3	4	
Quatro colunas	2	4	-	1	
Seis colunas	1	-	-	1	
	42	46	10	12	Total

Fonte: Elaboração própria.

² A abertura “Ninguém contava. Não lhes deu tempo sequer para pedir socorro” ocupou duas páginas.

A tabela 1 retrata o destaque dos acidentes publicados no mês de outubro de 2018 na secção *Porto*. Em primeira instância, é perceptível que a maior parte dos acidentes são noticiados nas breves. No entanto, de que género de acidentes estamos a falar? Ao longo do mês, foram noticiados 14 acidentes de viação, sete atropelamentos, 12 incêndios, uma explosão, um naufrágio e sete outras circunstâncias: *Trator perde roda na EN318 e complica trânsito; Resgaram homem que caiu a poço; Sem-abrigo morre na rua em pleno centro do Porto; Árvore caída na estrada causa acidente fatal; Atingido por disparo quando participava na caçada ao coelho; Trabalhador sofre descarga elétrica e Três mulheres intoxicadas com cola em fábrica.*

Das 19 breves publicadas, todas elas noticiaram apenas feridos, há excepção da breve *Motociclista morre numa colisão com um carro na EN108* que noticiou uma vítima mortal. As breves são textos com cerca de 300 caracteres e que no JN aparecem na coluna *A fechar* de forma a indicar que as notícias relativas àquela secção terminaram. Em entrevista, a jornalista Isabel Peixoto esclareceu que não se tira a dignidade a uma notícia por ser uma breve. E ainda acrescentou que se for bem escrita, têm muito impacto e são mais facilmente lidas devido à sua dimensão. Não é obrigatório que as breves apenas abrangam os acidentes que resultem em feridos. O destaque do noticiário é responsabilidade dos editores e dos seus superiores.

Na entrevista ao jornalista Alfredo Teixeira apresentei duas peças distintas. Uma era a abertura *Sem-abrigo morre numa rua em pleno centro do Porto* e outra era a breve *Motociclista morre numa colisão com um carro na EN108*. Ambas com uma vítima moral e com destaques muito diferentes. A resposta do jornalista foi muito realista. “Acidentes de viação há todos os dias. E só é abertura quando tem mais de uma vítima ou tem um bebé com vida ou uma mãe grávida ou algo que puxe mais destaque”, afirmou. E qual é a perspectiva dos editores? Num jornal diário, o horário de fecho de cada secção têm de ser respeitado. Caso contrário, paga-se uma multa na gráfica. O horário de fecho dependem da quantidade de páginas do jornal da edição seguinte. “É uma questão industrial. Sempre que o jornal tem mais de 48 páginas, as centrais (...) têm de fechar até às 18 horas”, clarificou o editor Hugo Silva. Assim, o *Porto* pode ficar, por exemplo, entre as páginas 18 a 22, 20 a 22, entre outros.

O editor Hugo Silva mencionou que “enquanto o jornal não fechar no papel, pode-se sempre mudar”, mas na verdade o horário de fecho influencia sempre a quantidade de

informações publicadas. No caso mencionado anteriormente (*Motociclista morre numa colisão com um carro na EN108*), os editores argumentaram que o mais provável foi terem tido conhecimento do acidente tarde. “Provavelmente tínhamos de fechar até às 18 horas e o acidente foi às 19.45 horas e temos de dar a notícia com o que temos”, defenderam.

No mês de outubro, apenas duas peças de acidentes fizeram abertura de secção: *Sem-abrigo morre numa rua em pleno centro do Porto* e *“Ninguém contava. Não lhes deu tempo sequer para pedir socorro”*. E ambas tiveram chamada à primeira página. De acordo com isto, o jornalista Miguel Amorim referiu, em entrevista, que a abertura tem de ser um tema mais explorado do que as breves. “E até merece uma chamada à primeira página”, acrescentou. As peças que fazem abertura, por norma, são iniciativas JN, ou seja, são propostas dos jornalistas ou dos editores. “São coisas que nós fazemos que sentimos que temos de fazer e depois damos a importância”, afirmou Hugo Silva.

Na maior parte das vezes, na secção *Porto*, as referências na primeira página dizem respeito à abertura de secção. Mas nem sempre acontece. Em outubro, houve 24 referências do *Porto* na primeira página e apenas dois destes eram referências a notícias de acidentes que fizeram abertura. Entre os restantes 22, 17 diziam respeito à abertura de secção – o que inclui uma manchete e duas fotos de capa - e cinco eram referências a outras notícias com uma ou mais colunas.

Perante a análise da tabela 1, percebemos que, no que concerne a feridos ligeiros e graves, há um equilíbrio entre o que é publicado nas breves e o que é publicado entre uma e quatro colunas. No entanto, se isolarmos o separador “vítimas mortais”, apreendemos que a maior parte dos acidentes foram relatados a três colunas.

Os editores do *Porto* explicam em termos simples como hierarquizar as notícias. “Quanto maior é o alcance de pessoas, mais importância tem”, clarificam. Conforme já foi mencionado, a proximidade é o principal fator que guia o noticiário da secção local *Porto*. Desta forma, é natural que haja diversos relatos de acidentes. No entanto, nem sempre morrem pessoas e quando isso acontece o JN presta uma homenagem à vítima quando partilha com os seus leitores quem era a essa pessoa, o que fazia, onde vivia, com quem vivia, quais as suas atividades diárias. Vejamos um exemplo. A jornalista Marisa Silva cobriu um incêndio, publicado na edição do dia 1 de dezembro de 2018, que vitimizou uma senhora de 100 anos. Nesse dia, a sua peça com o título *“Já não pude fazer nada, o fogo tomou conta*

do prédio” foi a abertura do *Porto*. Pelos dados recolhidos no local, a vítima, Júlia Casanova, era muito querida pelos vizinhos e embora morasse sozinha, tinha uma vida muito ativa. “A idade da senhora foi motivo suficiente para ser abertura?”, perguntei à jornalista, em entrevista.

“Eu acho que não foi (...) a idade da senhora. Foi por ser a situação que foi. Primeiro, porque é um prédio (...) no centro do Porto que para nós tem uma grande importância (...) e depois ser um incêndio (...) que acabou por ter uma vítima mortal e foram muitas horas de processo: tirar o corpo, ainda houve as perícias, reconstruíram cá fora como é que seria o quarto da senhora para perceber como é que o incêndio se propagou”, respondeu.

Não é a situação propriamente dita que determina o destaque da peça. Tudo depende das informações que o jornalista consegue recolher no local. “Nós só definimos se é abertura ou não, dependendo da recolha de informações que tivemos no local, depende da importância ou não daquilo que recolhemos”, afirmou a jornalista Marisa Silva.

No total, foram noticiados 46 feridos ligeiros, 10 feridos graves e 12 vítimas mortais. Nesta equação, foram excluídas as 560 vacas que morrem num incêndio na Póvoa de Varzim.

Ao analisar a tabela disponível no apêndice 3, verifica-se que em outubro há dois acidentes que se destacam, ambos de viação. O primeiro diz respeito a uma peça publicada no dia 1 com destaque a duas colunas, com o título *Despiste de autocarro da STCP causa oito feridos*, um deles em estado grave. O segundo acidente foi publicado a três colunas, no dia 26, com o título *Acidente entre automóvel e autocarro faz 11 feridos*, três deles graves. Com base nisto, é possível rejeitar a segunda hipótese: na secção *Porto* do Jornal de Notícias, os acidentes com apenas feridos são sempre noticiados nas breves.

O editor Hugo Silva, admitiu o carácter paradoxal dos destaques das notícias. “Num jornal diário não podemos dar a mesma importância (...) ao mesmo assunto todos os dias”, afirmou.

2.3.2. Análise de novembro de 2018

Em novembro, foram noticiados 33 acidentes e, destes, três são atualizações de acontecimentos já noticiados. No dia 7 de novembro foi publicada a breve *Almoço para*

ajudar agricultor que perdeu 560 vacas de forma a dar ao leitor uma atualização da peça publicada a duas colunas, no dia 24 de outubro, com o título *Fogo mata 560 vacas e causa um milhão de prejuízo*. O segundo caso reflete-se no dia 17 de novembro com a peça a duas colunas *Balões e pétalas a homenagem a Miguel*. Esta peça foi uma atualização de publicação do dia 7 de outubro com o título *Apaixonado por motos morre em acidente*, também publicada a duas colunas. O último caso é da peça publicada numa breve, no dia 25 de novembro, com o título *Bombeiros já tiveram alta*.

Tabela 2: Destaques dos acidentes e registo de vítimas do noticiário da secção Porto do Jornal de Notícias, no mês de novembro de 2018.

Destaque em novembro	Quantidade de acidentes	Registo de vítimas			
		Feridos ligeiros	Feridos graves	Vítimas mortais	
Abertura de secção	0	-	-	-	
Breves	20	27	2	1	
Uma coluna	1	1	-	-	
Duas colunas	7	2	1	3	
Três colunas	2	5	-	-	
	30	35	3	4	Total

Fonte: Elaboração própria.

A análise dos dados da tabela 2 são mais uma vez um motivo para a rejeição da primeira hipótese: na secção *Porto* do Jornal de Notícias, os acidentes com vítimas mortais têm sempre destaque na abertura. Neste mês, foram noticiadas quatro vítimas mortais, três em peças a duas colunas e uma com destaque numa breve, o que inclui a morte de um bebé de dois meses por engasgamento. Não há relatos de acidentes na abertura. Aqui, retomo o depoimento da jornalista Marisa Silva que defendeu que tudo depende das informações que recolhemos e, além disso, depende das horas a que a informação chega à redação. Para além disso, conforme

referido pela jornalista Isabel Peixoto, por vezes não é possível dar mais destaque a uma peça e “mais vale dar numa breve do que não dar”.

Em novembro, o número de vítimas foi mais baixos comparativamente ao mês passado. No entanto, verificou-se um aumento de breves com registo de feridos ligeiros. Foram noticiados 35 feridos ligeiros, três feridos graves e quatro vítimas mortais em 18 acidentes de viação, dois atropelamentos, seis incêndios e quatro outras circunstâncias: *Trabalhador da EDP morre atingido por poste; Bebê morre engasgado em Crestuma; Morreu ao cair do telhado da casa para onde ia viver e Ferido grave após ter sido atacado por cão.*

Em novembro, houve 16 referências na primeira página: 14 diziam respeito à abertura de secção e duas eram referências a outras notícias com uma ou mais colunas. No entanto, nenhuma faz referência aos acidentes noticiados. É importante ressaltar que se registaram valores significativamente mais baixos no que diz respeito aos feridos graves e às vítimas mortais, em comparação com o mês de outubro.

Ao analisar a tabela disponível no apêndice 3, verifica-se que em novembro, há dois acidentes que se destacam. No dia 5 foi publicada uma breve que noticiou seis feridos ligeiros num acidente de viação. E no dia 19 foi publicado, a duas colunas, um acidente de viação com dois feridos ligeiros e uma vítima mortal. A vítima mortal era uma senhora de 78 anos. Aqui, retomo a afirmação do jornalista Alfredo Teixeira: “acidentes de viação acontecem todos os dias”. Se estivéssemos a falar da morte de uma criança poderia ter tido mais destaque. Este caso pode ser comparado com a notícia do acidente *Idoso morre na passadeira a poucos metros de casa*, noticiado a 9 de outubro de 2018, que vitimizou um homem de 79 anos. Embora ambos os casos sejam agressivos também são habituais e por este motivo têm um destaque no noticiário de duas ou três colunas, respetivamente. “Num dia, um acidente mortal pode ser abertura, noutro dia pode ser duas colunas, noutro dia de loucura pode ser uma coluna”, afirmou Hugo Silva. Até ao momento, percebemos claramente que a quantidade de vítimas é um fator importante mas não é determinante para a decisão sobre o seu destaque no noticiário.

2.3.3. Análise de dezembro de 2018

Em dezembro, foram noticiados 40 acidentes e, destes, apenas uma notícia foi uma atualização. No dia 7 de dezembro foi publicada a três colunas a peça com o título “*Vinha*

todos os dias ao quartel, vai fazer muita falta”, como uma atualização da peça publicada no dia 6 a duas colunas com o título *Camião embate numa casa após despiste*.

Tabela 3: Destaques dos acidentes e registo de vítimas do noticiário da secção Porto do Jornal de Notícias, no mês de dezembro de 2018.

Destaque em dezembro	Quantidade de acidentes	Registo de vítimas			
		Feridos ligeiros	Feridos graves	Vítimas mortais	
Abertura de secção	1	-	-	1	
Breves	16	25	13	-	
Uma coluna	5	2	2	-	
Duas colunas	10	5	4	4	
Três colunas	1	-	-	- ³	
Quatro colunas	6	7	1	5	
	39	39	19	11	Total

Fonte: Elaboração própria.

O dado de maior destaque na tabela 3 é a quantidade de acidentes noticiados nas breves, tal como também se verificou nos meses passados. No total, o mês de dezembro regista 40 acidentes e a maioria concentrase nas breves. No dia 1, o *Porto* fez abertura com o título “*Já não pude fazer mais nada, o fogo tomou conta do prédio*”. O incêndio resultou numa vítima mortal. Conforme já foi referido neste trabalho, quem assinou esta peça foi a jornalista Marisa Silva que, em entrevista, afirmou que o destaque da peça baseiou-se nas informações recolhidas no local. Nos meses passados, nenhum acidente fez abertura de secção. Assim,

³ No dia 7 de dezembro foi publicada a atualização da peça de dia 6 de dezembro. Um homem que tinha sofrido um despiste e embate numa habitação acabou por morrer no hospital, tendo sido confirmado como ferido grave no local.

pode surgir a questão: qual é o fator diferenciador deste incêndio para ter sido uma abertura? Inicialmente, considerei que o motivo estivesse na idade da vítima que, recentemente, tinha festejado os seus 100 anos. No entanto, em conversa com a jornalista, foi possível concluir que o motivo de destaque desta peça vai muito além da idade da vítima. Na perspetiva da jornalista Marisa Silva o facto de ter sido no centro da cidade do Porto e as circunstâncias em que ocorreu o acidente, poderão ter sido motivo suficiente para ter destaque na abertura. Aquando da publicação do incêndio, também foi publicada a peça *Amigos morrem na A41 ao voltar ao shopping*, onde se registaram duas vítimas mortais e um ferido ligeiro. Durante a entrevista com a mesma jornalista perguntei se a localização foi um dos motivos para os diferentes destaques porque o incêndio foi no Porto e o acidente de viação em Gondomar. A resposta da jornalista foi clara. “Embora nós também privilegiemos todos os concelhos que sejam do núcleo central da área metropolitana talvez seja um bocadinho por aí, talvez seja porque morreu uma senhora que vivia sozinha (...) e que, de certa forma, chama a atenção para outros idosos que vivem sozinhos”, afirmou. Este é mais um exemplo, assim como a morte do sem-abrigo no centro do Porto, da preocupação que o JN tem com os seus leitores e que se evidencia através dos jornalistas. “[Os idosos são] vulneráveis a este tipo de situações porque não conseguem ter a destreza suficiente para, em caso de acidente, abrirem a porta e saírem”, acrescentou.

Em dezembro registaram-se mais cinco incêndios, 23 acidentes de viação, três atropelamentos e oito acidentes em outras circunstâncias: *Foi entrado morto na mata por caçadores; Trator derruba muro e cai de uma altura de 15 metros; Mulher de 80 anos morre após cair do 3.º andar; Conduta rebentou e deixou escola sem água; Fuga de gás leva bombeiros a escola primária; Avó e netas atingidas por chapa de prédio; Caiu altar de Santo António da Igreja Matriz; Queda de árvore e fios de eletricidade cortam rua.*

A subida no número de feridos ligeiros, graves e vítimas mortais em dezembro podia ser justificada numa frase inicial pelo mau tempo característico da estação do ano em que se enquadra. Considerando os dados do resumo climatológico do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), no mês de dezembro verificou-se chuva moderada no norte do país, através do índice PDSI⁴. Este pode ser um dos potenciais motivos para o elevado número de

⁴ PDSI é a sigla para Palmer Drought Severity Index.

acidentes de viação noticiados.

Ainda este mês, houve 16 referências na primeira página: 13 diziam respeito à abertura de secção e três eram referências a outras notícias com uma ou mais colunas. No entanto, assim como no mês passado, nenhuma faz referência aos acidentes noticiados.

Ao analisar a tabela disponível no apêndice 3, verifica-se que em dezembro houve dois acidentes que se destacaram, além dos acidente já referidos (*Amigos morrem na A41 ao voltar do shopping* e *“Já não pude fazer mais nada, o fogo tomou conta do prédio”*). No dia 5 foi publicada uma breve que noticiou três feridos ligeiros e dois graves num acidente de viação. E no dia 10 foi publicado a duas colunas mais um acidente de viação com cinco feridos ligeiros e dois graves. Este é mais um dos motivos para rejeitar, mais uma vez, a segunda hipótese: na secção *Porto* do Jornal de Notícias, os acidentes com apenas feridos são sempre noticiados nas breves.

2.3.4. Análise de janeiro de 2019

Em janeiro, foram noticiados 52 acidentes e, destes, seis notícias foram atualizações. No dia 8 de dezembro foi publicada a duas colunas a peça com o título *Menina atropelada continua nos Cuidados Intensivos do São João*, como uma atualização da peça publicada no dia 7 a cinco colunas com o título *Menina de cinco anos atropelada à porta de casa em estado grave*. No dia 16, volta a ser feita uma atualização ao mesmo tema, numa breve, com o título *Menina atropela à porta de casa está a recuperar*. Ainda no mesmo dia é publicada a breve *Empresa que ardeu tem novas instalações*, como atualização de um incêndio noticiado em setembro. No dia 23, o Porto abre com *Ministério Público investiga acidente com autocarro* de forma a atualizar os leitores sobre o acidente que fez abertura de secção no dia anterior. O mesmo acidente volta a ser atualizado no dia 25, numa peça a três colunas, com o título *Sindicato diz que lomba foi a causa*. A abertura de secção do dia 24 – *Fuga de monóxido de carbono mata dois homens no hospital* – é atualizada no dia 25, a três colunas, com o título *Vítimas de monóxido de carbono no IML*⁵.

⁵ IML é a sigla para Instituto de Medicina Legal.

Tabela 4: Destaques dos acidentes e registo de vítimas do noticiário da secção Porto do Jornal de Notícias, no mês de janeiro de 2019.

Destaque em janeiro	Quantidade de acidentes	Registo de vítimas			
		Feridos ligeiros	Feridos graves	Vítimas mortais	
Abertura de secção	3	6	2	4	
Breves	23	28	7	2	
Uma coluna	6	3	1	3	
Duas colunas	6	5	1	3	
Três colunas	3	-	-	3	
Quatro colunas	4	-	-	2	
Cinco colunas	1	-	1	-	
	46	42	12	17	Total

Fonte: Elaboração própria.

Conforme mostra a tabela 4, em janeiro de 2019, foram noticiados 42 feridos leves, 12 feridos graves e 17 vítimas mortais. Estes números são o reflexo dos 17 acidentes de viação, sete atropelamentos, 12 incêndios, três explosões e sete outras circunstâncias: *Ferido grave ao cair de andaime*; *“Está a ser um momento muito difícil para todos”*; *Fuga de monóxido de carbono mata dois homens no hospital*; *Trabalhador intoxicado ao tentar apagar incêndio em corticeira*; *Idoso que estava desaparecido foi encontrado morto em zona de mato*; *Sofreu lesões graves ao cair do 1.º andar* e *Encontrado morto idoso que estava desaparecido*.

Entre os quatro meses em análise, janeiro foi o mês que registou o maior número de acidentes e a sua maior parte foi noticiada nas breves. Embora o mês de dezembro, tenha um maior registo de feridos graves, janeiro possui um número elevado de feridos leves e vítimas mortais.

Ainda este mês, houve 19 referências do *Porto* na primeira página e apenas três destes

eram referentes a notícias de acidentes considerando que dois foram abertura (um deles fez foto de capa) e outro foi uma atualização. Entre os 16 que não eram acidentes e tiveram destaque na primeira página, 14 foram aberturas de secção e duas eram referências a outras notícias com uma ou mais colunas.

Ao analisar a tabela disponível no apêndice 3, verifica-se que em janeiro houve dois acidentes que se destacaram. No dia 17 foi publicada uma breve que noticiou 12 feridos ligeiros. E no dia 22 foi publicada uma abertura de secção com seis feridos ligeiros, dois graves e duas vítimas mortais. Ambos foram acidentes de viação.

Após analisar os quatro meses, é possível concluir que os acidentes com mais vítimas e/ou mais destaque foram todos acidentes de viação. Os dados das tabelas disponíveis no apêndice 3, comprovam que os acidentes não têm um lugar de destaque pré-estabelecido. Tudo depende do noticiário do dia. Há notícias intemporais, ou seja, que podem ser publicadas em qualquer altura, e há notícias de última hora que têm de entrar no noticiário do dia. E, neste caso, é necessário uma reestruturação que é responsabilidade dos editores da secção. Em conformidade, a jornalista Isabel Peixoto aquando da entrevista sobre a peça *Cervejaria Gazela atingida por fogo à hora do almoço*, afirmou que “se não tivesse havido o incêndio, este espaço seria ocupado por outra notícia”. “Mas estas coisas entram sempre no dia. Há sempre noticiário que não seja, o dito *hard news*, que seja sacrificado para entrarem peças do dia”, acrescentou. Esta é a base para entender como é que as notícias são hierarquizadas. O tempo é o fator chave. A inserção de uma peça de última hora no noticiário depende do tempo despendido no terreno ou na recolha de informações, depende do tempo estabelecido no dia para fecho da edição e depende, sobretudo, do momento do dia que se tem conhecimento do acidente.

Todos os dias há uma reunião de planeamento na redação do JN, onde se reúnem os editores, chefes de redação e um representante da chefia para planear a edição seguinte, o que inclui o número de páginas atribuídas a cada secção. Conforme já foi referido anteriormente, quando o jornal tem mais de 40 páginas, as secções centrais têm de fechar até às 18 horas. E na grande parte das vezes é o que acontece com o *Porto*. Quando isso não se verifica não há hora para o fecho. A hora de fecho da edição torna-se condicionante no caso de haver um acidente porque os horários têm de ser seguidos escrupolosamente e os imprevistos não têm hora nem local para acontecerem.

Quando fica estabelecido que o *Porto* tem de fechar até às 18 horas, todos os acidentes que ocorrem de manhã ou à tarde podem ser inseridos no noticiário para a edição impressa do dia seguinte a qualquer momento. Quando a informação chega ao jornal perto da hora de fecho, a notícia é publicada na versão *online* e/ou escrita na paginação com todas as informações recolhidas até então. Se necessário, no dia seguinte pode haver o que intitulei de “recuperação de peça”, ou seja, a notícia já foi dada mas considerando as informações recolhidas *a posteriori* pode haver a necessidade de transmitir ao leitor as informações recentes sobre determinado acontecimento. Este processo envolve uma reestruturação do noticiário. Por norma, as peças com maior impacto junto dos portuenses têm destaque a duas ou mais colunas e as peças direcionadas para um pequeno nicho de pessoas e com menos informação são publicadas, por norma, numa breve.

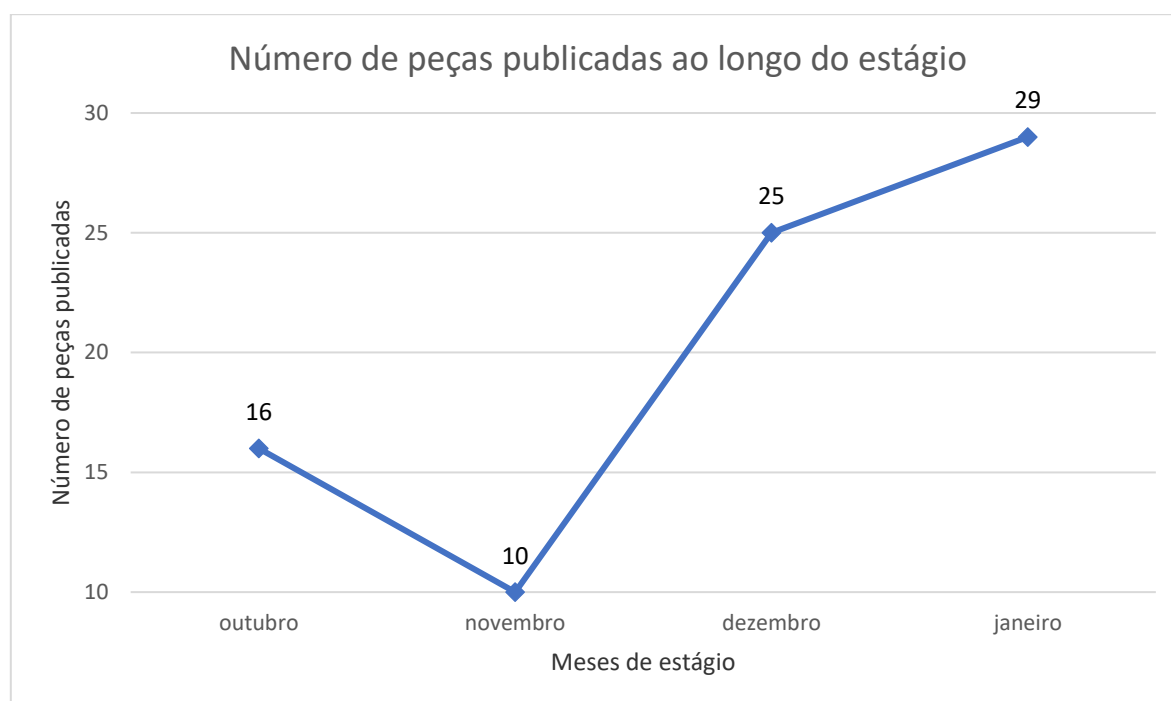
Acima de tudo, o mais importante é que os leitores abram o jornal e leiam as notícias mais atualizadas do momento. E até à hora de fecho, tudo pode mudar no noticiário.

Capítulo 3 - O estágio

Conforme referi anteriormente, o meu estágio teve a duração de 4 meses, com início a 1 de outubro de 2018 e término a 31 de janeiro de 2019. Ao longo do meu percurso como jornalista estagiária, escrevi um diário de bordo onde contei as histórias do meu dia a dia e onde refleti sobre os mais diversos desafios e consecutivas aprendizagens. Para além disso, preenchi uma tabela à qual intitulei *Calendário de Satisfação*, conforme é possível ver no apêndice 4. Cada mês tinha uma tabela com os respetivos dias do mês e da semana. Com base numa escala de 1 a 5 (onde 1 é *Muito insatisfeita* e 5 é *Muito satisfeita*), tornou-se possível uma análise geral mensal, através de uma reflexão diária e explicada na coluna *Justificação*, também presente na tabela.

O gráfico 2 espelha o número de peças que assinei ao longo dos quatro meses de estágio. De forma geral, é possível apurar que em novembro publiquei menos peças comparativamente ao mês anterior e que nos meses que se seguiram o número de publicações cresceu exponencialmente.

Gráfico 2: Número total de peças publicadas ao longo dos quatro meses de estágio.



Fonte: Elaboração própria.

3.1. Outubro de 2018

No primeiro mês de estágio não tinha as expectativas muito altas porque não me conheciam como pessoa e profissional. Numa primeira fase escrevi e assinei pequenas peças nas quais não foi necessário sair da redação. Aos poucos, senti que me foi dada responsabilidade e saí sozinha em serviço na primeira semana, algo que não estava à espera. Acredito que foi um voto de confiança e fiz o máximo para não falhar.

As minhas primeiras três notícias foram reescritas praticamente na íntegra pelo meu coordenador e editor Hugo Silva. Com a responsabilidade de assinar as peças, coube-me também a responsabilidade de manter a proximidade com o leitor, algo que é muito característico do Jornal de Notícias.

Tornei-me autónoma com muita facilidade e apenas não o fiz mais cedo porque não tinha acesso a alguns sistemas necessários, por exemplo, para transferir as imagens para o editor. Conforme já referi, todas as minhas peças eram revistas e desde cedo apercebi-me que devia deixar a nota ao editor para me chamar quando fosse revisar os meus textos. O contacto com o editor na revisão final dos textos, mostrou ser uma mais valia na aprendizagem. Não

apenas em termos de escrita mas também na hierarquização da informação. Foi através deste contacto que arrisquei em algumas peças através de títulos ou frases introdutórias criativas. Conforme já foi referido neste trabalho, cada jornalista tem as suas particularidades no que concerne à redação jornalística. Cada peça escrita foi um aprendizado e a revisão final do editor levou-me a arriscar em títulos e em frases que considere criativos e chamativos para o leitor. Ao longo da reflexão dos meses, serão destacados alguns exemplos.

Através da análise do *Calendário de Satisfação* (apêndice 4), não há dúvidas que, em outubro, vivenciei os melhores dias de trabalho na terceira semana pois contou com *Muito satisfeita* todos os dias. Na totalidade dos 31 dias, apanhei um feriado e oito fins-de-semanas. No entanto, no dia 20 (sábado), aproveitei o facto de estar na cidade da Régua para entrevistar a D. Maria Leitão para o *Protagonista*.

Este mês, um dos melhores momentos em serviço registou-se no dia 18, cujo relato diário está disponível no apêndice 4. Entrevistei três pessoas surdas através de um tradutor de linguagem gestual. A entrevista mais desafiadora foi à jovem cipriota Spyroula Timotheou, com a ajuda da intérprete Panayiota Themistokleous, que traduzia as perguntas em inglês para linguagem gestual do Chipre e vice-versa. Foi um processo demorado mas uma grande experiência. O segundo momento que registo neste mês é, para mim, um motivo de orgulho. No dia 20 de outubro, entrevistei a D. Maria Leitão, a rebuçadeira da Régua, para o *Protagonista* (uma rubrica diária publicada na secção *Norte/Sul*). A peça foi publicada em papel no dia 27 (sábado) e no *online* no dia 28 (domingo), às 22.34 horas. No dia 30 (terça-feira), o repórter fotográfico Rui Manuel Ferreira, que fotografou e gravou a entrevista enviou-me uma mensagem a informar a quantidade de partilhas da peça. “Antes de sair da redação, eram 1721 partilhas”, escrevi no diário de bordo do dia 30. Achei impressionante a número de pessoas que partilharam a peça. E tenho um carinho especial por este trabalho porque foi uma proposta minha e foi alguém da minha cidade.

Infelizmente, neste mês não houve apenas episódios memoráveis. “Dia após dia melhora como profissional e sinto que me estou a tornar mais independente nas minhas peças. É uma sensação incrível”, escrevi no diário de bordo de dia 15. Não havia um dia igual ao outro e por isso tanto podia ter dias incríveis como dias em que não tinha nada para fazer. “Parece que vou acabar o primeiro mês de estágio sem ter trabalho. Acho que já repeti isto imensas vezes neste diário de bordo mas não gosto nada de não ter nada para fazer”, escrevi

no dia 30. No dia seguinte, a situação repetiu-se. “Hoje também não tive trabalho em agenda. Parece que só venho mesmo marcar presença”, escrevi em forma de desabafo.

No geral, sinto que o primeiro mês serviu para mostrar como trabalhava e para me ambientar ao espaço, aos meus colegas jornalistas e ao método de escrita.

Conforme mostra o gráfico 2, em outubro escrevi 16 peças:

- a) Oito em formato de notícia da minha autoria: *“Rocky” dá os parabéns ao Shopping Brasília; Conhecer o vinho na “cidade onde o vinho dorme”; Alunos conquistam uma “sala do futuro”; Feira de emprego atrai milhares; Espaço renovado para pediatria e consultas abre sexta; Laboratório para pequenos cientistas; Lavra fica sem banco a partir de 9 de novembro; Menos sal e fritos nas cantinas e bares escolares;*
- b) Três peças quase totalmente reescritas: *Coliseu vai encher com mais uma gala a favor do IPO; Recorde de alunos estrangeiros; Ajuda para famílias de crianças tratadas no IPO e no S. João;*
- c) Um Protagonista: *A reбуçadeira mais antiga da Régua;*
- d) Uma notícia escrita como colaboração: *Carne e peixe estragam pegada;*
- e) Duas breves: *Misericórdia apresenta Cartão de Saúde a partir de 3,10 euros; “Shop in Porto” é a nova ferramenta para aumentar vendas do comércio;*
- f) Um número em breve: *16 mil participantes (...).*

Tabela 5: Dados do *Calendário de Satisfação* de outubro de 2018

Dados do Calendário de Satisfação de outubro 2018			
Classificação 2 (Insatisfeita)	Classificação 3 (Pouco satisfeita)	Classificação 4 (Satisfeita)	Classificação 5 (Muito satisfeita)
4	4	2	12

Fonte: Elaboração própria.

Conforme já foi referido, o mês de outubro teve 31 dias. Tirando da equação o feriado e os fins-de-semana, restam 22 dias. Com base nisto e tendo em conta a tabela 5, é possível apurar que mais de metade dos dias de estágio no mês de outubro contaram com uma avaliação de *Muito Satisfeita*. Por este motivo e embora haja quatro referências a *Insatisfeita*,

é possível afirmar que foi um bom mês no que concerne a trabalho, o que se reflete na publicação de oito notícias e apenas três breves.

3.2. Novembro 2018

Se tivesse de atribuir uma frase ao mês de novembro seria: tudo é uma aprendizagem. Ao contrário do mês passado, novembro foi um mês muito calmo. Conforme ilustra o gráfico 2, escrevi 10 peças, o que representa seis notícias a menos do que no mês de outubro. No entanto, senti mais responsabilidade no momento da redação. No mês em que tudo foi uma aprendizagem, o maior desafio foi a peça *Arte sem limites na exposição “Fogo”*. Foi uma peça a três colunas com fotografia de João Pedro Santos. No dia 21, entrevistei o artista plástico e performer Albuquerque Mendes, na Casa-Museu Teixeira Lopes, em Gaia. Considero que foi um desafio porque o artista falava imenso das obras e as descrições sobre a sua exposição eram muito vagas. Embora eu tenha algum conhecimento geral no que concerne à arte, achei difícil compreender o seu ponto de vista. Depois de uma visita com mais de duas horas, optei por lhe pedir o número de telemóvel para o caso de ser necessário esclarecer alguma questão posteriormente. Sendo que se tratava de uma temática lúdica, optei por deixar as explicações na boca do artista e os editores aprovaram a estrutura do texto. Neste caso em específico, foi uma grande satisfação receber uma chamada do artista a agradecer o tratamento da informação pois tinha gostado muito do que fora publicado.

Este mês também ultrapassei alguns desafios, como é o caso das entrevistas de última hora a alguns leitores que se dirigiram ao jornal com a esperança de verem os seus casos problematizados na comunicação social. Mas o episódio do dia 20 foi o que mais me entusiasmou. Conforme está relatado no diário de bordo, fui ao Conservatório de Música do Porto fotografar uma nota de repúdio a uma aluna afixada no corredor na escola. Não me podia apresentar como jornalista pois podiam proibir-me de entrar. Com isso em mente, encarnei uma personagem. Fingi estar à espera de uma criança enquanto vagueava pelos corredores na escola. O jornalismo tem destas coisas.

Embora tivesse sido um mês de pouco trabalho, a minha relação profissional com os elementos da secção ficou mais sólida e descontraída. As coisas eram muito mais naturais, comparativamente com os primeiros dias de estágio e sentia-me um membro da equipa. Um dos factores para isso ter acontecido, foi uma reportagem que fiz com a Marisa Silva sobre

as condições das residências. Até então, apenas tinha escrito peças em nome próprio e a reportagem deu-me oportunidade de trabalhar em equipa e fazer algo com mais impacto.

Mas nem tudo são rosas. Tive alguns dias entediados porque não tinha nada agendado e acabava por ficar um pouco frustrada. “Confesso que tenho andado um pouco desanimada”, escrevi no diário de bordo de dia 8. Este pensamento estendeu-se até grande parte do mês pois todas as manhãs entrava na redação a pedir serviço mentalmente. Nesses dias, aproveitei para pesquisar potenciais entrevistas para o *Protagonista do Norte/Sul*. São trabalhos com uma agenda criada por mim e considero que há mais espaço para a criatividade. Com oscilação entre dias com muito trabalho e dias com pouco trabalho, o relato de dia 26 foi importante para os dias de trabalho que se seguiram. “O dia de hoje foi a prova de que não ter serviço em agenda não significa que não tenha trabalho”, escrevi.

Ao analisar o *Calendário de Satisfação*, é evidente que a segunda e a terceira semanas foram as melhores. Destaco, particularmente, o dia 2 e o dia 9 como os piores dias pois ambos foram assinalados com *Insatisfeita*.

Em termos de comparação, o mês passado foi mais trabalhoso, mas este mês foi mais exigente e senti que estava dentro do ritmo de trabalho de uma redação. Por um lado, é desafiante porque sentia cada vez mais responsabilidade. Por outro lado, é entusiasmante porque o *Porto* é uma secção generalista e nunca se sabe o que pode surgir.

Conforme mostra o gráfico 2, o mês de novembro apresentou um pequeno decréscimo de peças publicadas, assinalando apenas 10:

- a) Cinco peças em formato de notícia da minha autoria: *Seminário Padre Dehon planta sorrisos nas escolas angolanas; Pizza e vinho “casam” no Palácio da Bolsa; Bonecas também ajudam a ganhar autonomia; Arte sem limites na exposição “Fogo”; Centro da Abraço incentiva os rastreios;*
- b) Uma reportagem como colaboração: *Pais denunciam “clima de guerrilha” no Conservatório;*
- c) Quatro breves: *Campeonato juntou vinho português e piza italiana; Casa Ronald McDonald celebrou cinco anos de existência no Porto; Restaurante Mundo entrou na rede do Grupo Fullest; EUA e Bulgária vencem campeonato de piza e vinho.*

Tabela 6: Dados do *Calendário de Satisfação* de novembro de 2018.

Dados do <i>Calendário de Satisfação</i> de novembro 2018			
Classificação 2 (Insatisfeita)	Classificação 3 (Pouco satisfeita)	Classificação 4 (Satisfeita)	Classificação 5 (Muito satisfeita)
2	4	6	9

Fonte: Elaboração própria.

Excluindo um feriado e oito fins-de-semana da totalidade dos 30 dias de novembro, trabalhei 21 dias. Embora fosse o mês com um menor número peças publicadas, conforme é possível apurar na tabela 6, consigo fazer um balanço geral positivo pois regista-se uma maior concentração na quinta classificação, o que corresponde a *Muito satisfeita*. Estes dados, reiteram a afirmação de dia 26, relatado no diário de bordo e citado anteriormente, de que não ter serviço em agenda não significa não ter trabalho.

3.3. Dezembro 2018

Em dezembro senti um grande crescimento a nível profissional. Fiz mais trabalhos e, com o Natal e a passagem de ano, sinto que me aproximei mais dos meus colegas e em certa altura comecei a sentir o pesar do final do estágio pois sempre fui acolhida como um membro a equipa. Neste mês senti uma grande diversidade em termos de géneros jornalísticos pois escrevi notícias e breves, como era habitual, mas também protagonistas e reportagens.

Este mês, houve duas peças que me marcaram particularmente. Uma delas foi *Montar a Cabriola faz as delícias dos mais pequenos*, cujas entrevistas foram dia 21 e publicação no dia 30. Nesta peça, optei por um título criativo que, felizmente, foi aprovado pelo editor. Conforme já referi anteriormente, sempre que possível escrevia frases mais criativas com o objetivo de imprimir no texto as minhas características. Neste caso, a criatividade para contar uma história. *Os “iás” ao montar a Cabriola ouvem-se de longe a longe*, foi a primeira frase da peça e uma introdução às lindas histórias dos meninos com necessidades especiais que viam naquela égua – a Cabriola – a possibilidade de todos os dias terem uma aventura. *Maria Leonor Nogueira, de oito anos, tem trissomia 21, paralisia cerebral e é uma das entusiastas da égua transformada em estrela do programa de férias para crianças com necessidades especiais organizado pela Câmara da Maia*, escrevi na segunda fase. O restante texto tem

um carácter de escrita mais noticioso. No entanto, as duas frases salientadas que deram início à peça tinham um teor mais criativo.

Outra peça que me marcou foi a entrevista à enfermeira Paula Rosa no dia 16 para o *Protagonista do Norte/Sul*. *A enfermeira que tem sempre um sorriso nos lábios* foi o título escolhido para a peça publicada no dia 29. Conheço a enfermeira Paula há anos porque ela é a minha enfermeira. Somos as duas da cidade de Peso da Régua e era impossível não me lembrar dela para um *Protagonista*. Quando lhe fiz a proposta aceitou imediatamente e recebeu-me prontamente na sua casa para a entrevista. Agora, quando passa por mim diz que sou “a menina do JN que a colocou no *Programa da Cristina*”, na SIC.

Conforme já referi, escrever a rubrica do *Protagonista* dava-me liberdade criativa. “*Quero que vistam a roupa e sintam que podem tudo*”, foi o título de mais um destaque do *Norte/Sul*, numa entrevista ao jovem estilista Francisco Félix, também natural de Peso da Régua. A sua publicação foi no dia 15 de dezembro mas a entrevista decorreu no dia 26 de novembro.

A peça “*Uma nova vida! Nas bandas filarmónicas*”, publicada no dia 1 de dezembro foi bastante desafiante. Nos dias 1 e 2 ia decorrer o VI Festival de Bandas de Música no Pavilhão Multiusos de Gondomar, com mais de 500 músicos amadores e profissionais. A proposta foi-me apresentada pelo meu coordenador e editor Hugo Silva que pediu para contactar os maestros das bandas e perceber se era difícil arranjar músicos. Considero a execução desta peça bastante desafiante porque devido à falta de disponibilidade dos membros da organização, tornou-se impossível conseguir assistir aos ensaios das bandas e entrevistá-los presencialmente. Desta forma, apenas foi possível falar com todos as fontes necessárias através da via telefónica. Para além de não ter conseguido entrar em contacto com alguns maestros, a maior parte não tinha dados, em concreto, tanto sobre os elementos das bandas ou sobre a dificuldade de arranjar novos membros. Os dados que me deram foram bastante generalizados e eu necessitava de dados específicos. Desta forma, para abrir a peça escrevi: “*Não há problemas de músicos*”. *A garantia é do maestro Francisco Ferreira, da organização do VI Festival de Bandas de Música (...)*. Aquando da redação, apercebi-me que podia acrescentar um cunho pessoal. Assim, escrevi: *O palco de boas-vindas de uns será o palco de regresso para outros*. Desta forma, torna-se claro que as bandas mencionadas até ao momento iam ser uma estreia no evento e que a partir da frase referida iram ser anunciadas

bandas que participaram no evento em anos anteriores.

Ainda neste mês, mais precisamente no dia 4, foi publicada em abertura de secção a reportagem das residências que fiz juntamente com a jornalista Marisa Silva com o título *Más condições fecham 127 camas nas residências da UP*. O maior desafio desta reportagem foi conseguir obter contactos de estudantes que tivessem quartos com más condições e que aceitassem dar entrevista. Na maior parte dos casos, os alunos que tinham particular interesse para a reportagem não aceitavam que o seu nome e fotografia fossem publicados. Embora isso seja uma condição aceite para determinadas peças, não era hipótese para esta reportagem em específico. Embora com diversas dificuldades, a Marisa conseguiu entrevistar as alunas Rute Pereira e Marlene Simões, residentes na Novais Barbosa. As entrevistas aconteceram no dia 14 de novembro e não me foi possível presenciar porque tive um serviço no Museu do Carro Elétrico na mesma hora das entrevistas às alunas. No entanto, no dia seguinte consegui acompanhar a Marisa e o repórter fotográfico Rui Oliveira às entrevistas aos alunos Horácio Ladera e José Fernandes, residentes na Bandeirinha. Com estas quatro entrevistas conseguimos ter uma base para a reportagem e gostei muito do produto final.

A peça *Legionela volta a ser detetada em residência universitária*, publicada no dia 15 de dezembro, foi uma proposta que eu fiz ao Hugo. Para conseguir obter contactos para a reportagem das residências, pedi para entrar em grupos privados na plataforma do *Facebook*. No dia 14, deparei-me com uma publicação no grupo da Residência Jayme Rios de Sousa que denunciava a situação. Após confirmação do assessor da Universidade do Porto, a peça foi publicada. Não havia dúvidas que era uma informação com bastante carácter noticioso.

Este foi um mês trabalhoso e, por esse motivo, destaco também a peça *Raquel Loureiro homenageia pai com livro* que escrevi para a secção *Cultura*, publicada numa página inteira.

O gráfico 2 apresenta os dados evidentes de que o mês de dezembro apontou um crescimento exponencial relativamente aos meses passados, com a publicação de 25 peças:

- a) Onze peças em formato de notícia da minha autoria: *Sindicalistas exigem “mais respeito” da gerente de loja*; *“Uma nova vida” nas bandas filarmónicas*; *Obras para tirar mau cheiro da Belavista*; *Raquel Loureiro homenageia o pai com livro solidário*; *Benção das grávidas emociona futuras mães*; *Legionella volta a ser detetada em residência universitárias*; *Operação especial da STCP para o Natal*; *Trabalhadores do Continente exigem*

respeito; Concurso enche rotundas com árvores de Natal; Montar a Cabriola faz as delícias dos mais pequenos; Moradores do Viso contestam mau estado dos passeios;

- b) Dois Protagonistas: *“Quero que vistam a roupa e sintam que podem tudo”;*
A enfermeira que tem sempre um sorriso nos lábios;
- c) Uma reportagem sozinha: *Turistas de todo o Mundo enchem elétricos do Porto;*
- d) Duas reportagens como colaboração: *Más condições fecham 127 camas nas residências da UP; Música e foguetes por todo o país para receber 2019;*
- e) Oito breves: *Exposição de presépios reúne coleções únicas até 6 de janeiro;*
Iluminação em S. João da Madeira; Autarquia assinala dia dos Direitos Humanos;
Artesanato para miúdos e graúdos; Uma “refeição” de 100 mil euros;
Corrida de S. Silvestre com inscrições esgotadas; Trabalhadores exigem integração nos quadros;
São Silvestre de Espinho fecha inscrições amanhã;
- f) Um Protagonista do Dia na breve: *Artur de Almeida Leite.*

Considerando os 31 dias e excluindo quatro dias de folga (dois por causa do Natal e dois por ter trabalho no sábado e no domingo) e sete dias de fins de semana, restam 20 dias o que corresponde aos dias de trabalho.

Tabela 7: Dados do *Calendário de Satisfação* de dezembro de 2018.

Dados do Calendário de Satisfação de dezembro 2018		
Classificação 3 (Pouco satisfeita)	Classificação 4 (Satisfeita)	Classificação 5 (Muito satisfeita)
1	5	14

Fonte: Elaboração própria.

Considerando os dados da tabela 7, é possível verificar que a maioria das classificações concentra-se em *Muito satisfeita*, seguido por *Satisfeita* e apenas uma referência e *Pouco satisfeita*. O grande motivo para as classificações apresentadas foram as 25 peças anteriormente enunciadas. É evidente que, comparativamente aos meses anteriores, houve

um crescimento exponencial de publicação de peças, representando, até ao momento, o melhor mês de trabalho. Uma prova disso é facto de não haver valores indicativos da classificação 2 (*Insatisfeita*).

3.4. Janeiro 2019

O primeiro mês de 2019 foi o meu último mês de estágio. E dei entrada no novo ano com a peça *Trabalhar a mente para combater o stresse dos alunos*. Embora tivesse sido publicada no dia 1 de janeiro, as entrevistas tiveram lugar no Colégio Luso-Internacional do Porto, no dia 12 de dezembro. Tive conhecimento das sessões de *mindfulness* através da assessora Fátima Martins. Devido ao ambiente da sessão, decidi começar a redação da peça com uma componente descritiva. Lê-se no primeiro parágrafo:

Todas as semanas, o cenário se repete no Colégio Luso-Internacional do Porto. Às quartas-feiras, quando as luzes da sala 110 se apagam, um grupo de alunos do Secundário senta-se confortavelmente no chão. Fecham os olhos para ouvir a voz calma da professora Raquel Loureiro, que se faz acompanhar por uma música relaxante.

Embora o texto tivesse o apoio visual da fotografia, optei por envolver o leitor com o tema através da descrição do ambiente. Antes de sair para o serviço, pesquisei sobre o que era o *mindfulness*. Percebi que é a atenção plena em nós mesmos e naquilo que nos rodeia. Assim, o tema da peça serviu para fonte inspiradora para criar uma imagem mental das sessões nos leitores.

Outro exemplo de textos criativos foi a peça publicada no dia 2, em colaboração com a jornalista Joana M. Soares que trabalha mais frequentemente no JN Direto. *Famílias encheram a Praça de Natal em Gaia*, foi o título. No dia anterior, fui à Praça de Natal entrevistar algumas famílias e recolhi informações para abrir a peça.

Foram muitas as famílias que visitaram, ontem, o último dia da Praça de Natal Jogos Santa Casa, em Gaia, onde entoavam as gargalhadas dos mais pequenos como prova da vontade de calçar os patins ou de ir até às alturas. A pista de gelo e a roda gigante foram as principais atrações.

Apesar das grandes filas de espera, nada foi entrave à diversão e a roda

gigante foi sinónimo de adrenalina. Enquanto uns aguardavam pela sua vez debruçados nas barreiras de proteção da pista, outros treinavam coreografias de patinagem.

Não há dúvida que estes parágrafos descrevem o ambiente vivido numa praça de diversões.

Uma peça que tive particular gosto de fazer, foi a entrevista ao designer gráfico Wandson Lisboa. Acompanho o seu trabalho há alguns anos e não podia deixar de o entrevistar para a rubrica do *Protagonista*. *Um designer gráfico com a criatividade a correr-lhe nas veias*, escrevi no diário de bordo de dia 4 (data da entrevista). O Wandson Lisboa é brasileiro, natural de São Luís do Maranhão, mas foi em Portugal que conseguiu impulsionar o seu trabalho. *O designer gráfico que ultrapassou fronteiras*, foi o título da peça publicada a 15 de janeiro.

Como jornalista com pouca experiência sempre quis ter a oportunidade de cobrir um acidente. Ao longo do meu período de estágio pensei que só teria essa oportunidade quando não houvesse ninguém disponível na secção para cobrir um serviço com essa natureza. No entanto, foi no final do meu estágio, mais especificamente no dia 21 de janeiro, que tive essa chance. *Mota foi contra carro e atropelou três pessoas*, foi o título da peça do dia seguinte. Senti uma adrenalina diferente no terreno, desde a procura pela informação, à busca de testemunhas que pudessem descrever o acidente, à tentativa de falar com um dos envolvidos e arranjar manobras que chegar a um responsável credível que pudesse dar as informações necessárias, fez-me sentir uma profissional.

Para além do acidente, houve uma peça particularmente desafiadora. No dia 28, a Cláudia pediu-me para pesquisar algumas informações sobre o leilão que a PSP do Porto ia fazer com os itens dos perdidos e achados. Foi bastante difícil conseguir entrar em contacto com as entidades responsáveis mas consegui fazer a peça com o título *Perdidos e achados foram leiloados na PSP*. Ultrapassei alguns obstáculos para conseguir ter acesso às informações necessárias. O primeiro contacto foi, obviamente, a PSP. Fiz diversas chamadas para o posto do Porto e em nenhuma das vezes tinha acesso a informação. O último recurso foi fazer algumas pesquisas até encontrar elementos suficientes que me permitissem construir a peça. No jornalismo impressa, temos de preencher os caracteres no espaço disponível na

paginação. Assim, neste caso em específico, fiz um jogo de palavras e descrevi o ambiente para o leitor perceber o enquadramento e cobrir o espaço necessário.

Guarda-chuvas, peças de roupa, óculos de sol, mochilas, carteiras, malas e algumas peças de ouro e prata concentraram vários comerciantes no primeiro de dois leilões do ano da PSP do Porto. (...) E ontem foi dia de lhes dar uma vida nova.

A notícia *Tabela Periódica humana coloriu Praça Garrett* foi das últimas peças que escrevi no estágio. O tema da peça permitia-me ser mais criativa. *Alunos com batas impermeáveis azuis, vermelhas, brancas e amarelas, coloriram, ontem, a Praça Almeida Garrett*, foi a frase que deu início à peça. Para falar um pouco mais sobre a tabela periódica mas não dar destaque de forma a ser o ponto fulcral da peça, optei por escrever no seguinte parágrafo: *Hidrogénio, lítio, berílio, carbono, azoto... não faltou nenhum dos 118 elementos à tabela humana periódica*. Inicialmente, estava entusiasmada com a publicação da peça pois ia ser das últimas assinadas por mim. No dia em que a peça foi publicada, conforme relata o diário de bordo do dia 30 de janeiro, recebi um *email* de um leitor a referir que a praça enunciada não era a Almeida Garrett. Basicamente, tinha um grande erro na minha peça. Não conhecia muito da cidade do Porto e procurei a informação na página oficial da Câmara Municipal do Porto e nessa fonte citava: “Mais de uma centena de alunos de várias escolas do Grande Porto vão formar uma Tabela Periódica humana nesta terça-feira, logo a partir das 9 horas, na Praça de Almeida Garrett, em frente ao edifício da Câmara do Porto”. Um erro da Câmara Municipal do Porto, levou-me a publicar um erro. No entanto, nesta situação que me deixou bastante triste, as jornalistas da minha secção reconfortaram-me imenso afirmando que escapa sempre um erro ou outro. A Cláudia, a editora que reviu o meu texto, não reparou na falha. Aliás, nenhum dos revisores reparou na falha.

Os dados presentes no gráfico 2 relativos ao mês de janeiro são o reflexo de semanas de trabalho. No primeiro mês do ano de 2019, tive a oportunidade de publicar 29 peças:

- a) Cinco peças em formato de notícia da minha autoria: *Trabalhar a mente para combater o stresse dos alunos; Mota foi contra carro e atropelou três pessoas; Concurso polémico na Escola do Infante; Perdidos e achados foram leiloados na PSP; Tabela periódica humana coloriu Praça Garrett;*

- b) Uma notícia escrita como colaboração: *Famílias encheram a Praça de Natal em Gaia;*
- c) Um Protagonista: *O designer gráfico que ultrapassou barreiras;*
- d) 19 breves: *Corrida dos Reis para queimar calorias e entrar em forma em 2019; Retomada hoje recolha de lixo suspensa na passagem de ano; Douro Azul quer contratar 100 funcionários; Concerto de Ano Novo na Casa da Criatividade; “Ambiente em Família” anima Quinta do Covelo neste sábado”; Decorar colheres de pau continua a ser uma tradição; Inscrições para a Bienal de Arte de Espinho no final do mês; Campanha solidária oferece 5800 euros à Cruz Vermelha, Menos sal na sopa das escolas; Cursos Livres da Escola das Artes abertos a toda a comunidade; Cantadores da Janeiras cumprem a tradição; Manutenção nas árvores da Boavista condiciona a circulação até dia 27; Inscrições para a Irondog Challenge 2019 estão abertas; Dois mil brindes e uma viagem à Eurodisney; Favorita do Bolhão teve a melhor montra; Águas do Porto apostam em novo balcão digital; Rua de Fernando Cabral prolongada até à Rua de Pedro Hispano; Refeições escolares pagas com Ticket Educação; Começaram as obras nas ruas próximas da marginal;*
- e) Uma frase em breve: *“Este ano celebramos 520 anos a servir a cidade e as pessoas (...) cheios de responsabilidade, entusiasmo e dedicação” Misericórdia do Porto;*
- f) Um número em breve: *3965 euros (...);*
- g) Uma breve em colaboração: *Rivoli festejou 87 anos com ode à identidade cultural do Porto.*

Tabela 8: Dados do *Calendário de Satisfação* de janeiro de 2019.

Dados do <i>Calendário de Satisfação</i> de janeiro 2019		
Classificação 3 (Pouco satisfeita)	Classificação 4 (Satisfeita)	Classificação 5 (Muito satisfeita)
5	3	13

Fonte: Elaboração própria.

Considerando os 31 dias e excluindo dois dias de folga por motivos de doença e oito dias de fins-de-semana, restam 21 dias, correspondentes aos dias de trabalho. Considerando os dados da tabela 8, é possível verificar que a grande maioria das classificações concentram-se em *Muito satisfeita* (13), seguido por *Satisfeita* (4) e *Pouco satisfeita* (5). Assim como no mês passado, não houve quaisquer referência a *Insatisfeita*. Houveram dias muito bons de trabalho mas também houve dias fracos em que apenas escrevi breves, preparei entrevistas ou acompanhei os meus colegas nos seus serviços.

Os dados de *Muito satisfeita* são facilmente justificáveis pela quantidade de peças que tive oportunidade de trabalhar de forma autónoma. Os valores de *Pouco satisfeita* são o reflexo dos dias de trabalho em que não tive serviço em agenda.

No último dia de estágio, antes de sair das instalações do Jornal de Notícias, deixei algumas peças que ainda não tinham sido publicadas no *email* do Hugo. E algumas semanas mais tarde, saíram assinadas por mim, como é o caso do projeto “Troca no Coração”. Para além desta peça, também foi publicada na rubrica *Protagonista do Norte/Sul* a entrevista que fiz ao José Rui Marques, um investigador na Universidade do Porto e que sofre de paralisia cerebral.

Com mais altos do que baixos, sempre cheguei ao final do dia com a sensação de dever cumprido.

Conclusão

Dia após dia noticiam-se cada vez mais acidentes e o número de feridos e de vítimas mortais não para de aumentar. O papel da comunicação social é transmitir as informações essenciais dos acontecimentos aos leitores. Os editores do *Porto* do Jornal de Notícias, sublinham que “quanto maior é o alcance de pessoas, mais importância tem”. Divulgar essas informações de interesse público envolve muito mais do que escolher um espaço aleatório entre as páginas do noticiário. O impacto que terá na vida das pessoas é o maior critério para a publicação da peça. Em termos realistas, os editores Hugo Silva e Cláudia Monteiro reiteram que “as pessoas vão querer ver [no jornal] (...) os acidentes”.

A quantidade de páginas correspondente a cada editoria é uma batalha diária. E este fator determina as horas de fecho de cada secção pois as páginas centrais do jornal têm de

fechar às 18 horas para serem impressas na gráfica. Considerando a ordem das secções no jornal, na maior parte das vezes, o *Porto* fica nas páginas centrais. Os acidentes não têm hora para acontecer e, por vezes, quando a informação chega ao jornal, não há tempo para reestruturar o noticiário para lhe dar mais destaque. Conforme referiu a jornalista Isabel Peixoto, mais vale dar numa breve do que não a noticiar. Embora os acidentes sejam sempre notícia, é impossível dar-lhes sempre o mesmo destaque. E por vezes, no caso de fecho da edição, um acidente com vítimas mortais pode ser publicado em breve. Com base nisto, as duas primeiras hipóteses são nulas: a) Na secção *Porto* do Jornal de Notícias, os acidentes com vítimas mortais têm sempre destaque na abertura; b) Na secção *Porto* do Jornal de Notícias, os acidentes com apenas feridos são sempre noticiados nas breves.

Os acidentes que chegam tarde à redação podem ser considerados de última hora. Na verdade, não há planos pré-definidos para o caso de eventuais situações alarmantes. A solução é refazer todo o trabalho. No entanto e mais uma vez, refiro que tudo depende da hora de fecho estipulada para o dia. No caso de ser possível publicar na edição impressa do dia seguinte, cabe aos editores fazer uma triagem da informação. No caso se haver vítimas ou estar uma estrada cortada com muito movimento e a provocar um grande distúrbio, por exemplo, é motivo suficiente para ir ao local e noticiar. No entanto, no caso de não ser possível publicar na edição impressa, é publicado no *online* e, no dia seguinte, o tema é retomado na edição em papel. As horas a que o relato chega à redação, as informações recolhidas no local e o impacto que terá nas pessoas são sempre fatores a considerar aquando na paginação. Por este motivo, a ordem do noticiário pode ser alterada a qualquer momento até à hora de fecho da edição. Assim, a terceira e última hipótese é aceite e validada: a publicação de notícias de acidentes pode pressupor que outras notícias sejam retiradas do noticiário.

Não é fácil hierarquizar as notícias de acidentes principalmente quando esse fator implica que ajam alterações no plano editorial. A pergunta de partida - Como é que as notícias de acidentes, da secção *Porto* do Jornal de Notícias, são hieraquizadas no noticário? – tem agora uma resposta clara que se resume numa única palavra: tempo. Este é o fator determinante. Seja o tempo que o jornalista precisa para ir até ao local do acidente, seja o tempo de redação da peça e, com maior influência, o tempo até ao fecho da edição.

O meu trabalho como jornalista estagiária no Jornal de Notícias fez-me apaixonar pela

imprensa. Quando entrei na redação do JN, no dia 1 de outubro de 2018, não sabia o que me esperava mas entrei curiosa e ansiosa. Dia após dia, a ansiedade cessava e a curiosidade por novas experiências aumentava. Comecei a estabelecer algumas metas e consegui atingi-las, nomeadamente, no que diz respeito à publicação de uma abertura de secção e à cobertura de um acidente, que se tornou a grande alavanca para a escolha do tema para a investigação.

Acredito que é “humano” um jornal nacional preocupar-se com as vítimas. No período de quatro meses, o Jornal de Notícias noticiou apenas na secção *Porto*, a média de um acidente por dia, o que se refletiu na totalidade em 162 feridos ligeiros, 44 feridos graves e 44 vítimas mortais. Não são apenas números. São 250 pessoas vítimas de acidentes.

Cada peça que assinei, à sua maneira, foi essencial para o meu crescimento profissional, seja pela sua história, pelas pessoas envolvidas, pela dificuldade de chegar ao local, pelos obstáculos em conseguir as informações ou, até mesmo, algumas peripécias na redação da peça.

Nem todos os jornais trabalham os temas da mesma forma. O facto do Jornal de Notícias publicar temas relacionados com acidentes não significa que outros jornais concorrentes tenham o mesmo género de publicação. Assim sendo, coloco a questão: é correto considerar as notícias de acidentes são *fait-divers*? Este é o meu ponto de chegada mas também pode ser um ponto de partida.

Referências bibliográficas

- Camponéz, C. (2011). *Deontologia do jornalismo: a autoregulação frustrada dos jornalistas portugueses, 1974-2007*. Coimbra: Almedina.
- Cardoso, F. L. (2012). *Jornalistas-Escritores: A Necessidade da Palavra*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- Clube de Jornalistas. (24 de agosto de 2009). *Código Deontológico*. Disponível em: http://www.clubedejornalistas.pt/?page_id=118
- Convergência - Gabinete Técnico Editorial. (1985). *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Crato, N. (1982). *Comunicação Social: A imprensa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Fontcuberta, M. d. (1999). *A notícia: pistas para compreender o mundo*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Global Media Group. (15 de dezembro de 2018). *Jornal de Notícias*. Disponível em: <http://www.globalmediagroup.pt/marcas/media/jornais/jornal-de-noticias/>
- Global Media Group. (s.d.). *Quem somos*. Disponível em: <http://www.globalmediagroup.pt/o-grupo/quem-somos/>
- Goode, W. J., & Hatt, P. K. (1985). *Methods in Social Research*. Singapore: International Student Edition.
- Jornal de Notícias. (29 de março de 2006). *Estatuto Editorial*. Disponível em: <https://www.jn.pt/estatuto-editorial.html>
- Jornal de Notícias. (9 de novembro de 2018). *"JN Todos" é o novo projeto da Associação JN Solidário*. Disponível em: <https://www.jn.pt/local/videos/interior/jn-todos-e-o-novo-projeto-da-associacao-jn-solidario-10157536.html>
- Jornal de Notícias. (21 de abril de 2018). *Ajudar quem mais precisa através do JN Solidário*. Disponível em: <https://www.jn.pt/nacional/dossiers/jn-solidario/interior/ajudar-quem-mais-precisa-atraves-do-jn-solidario-9275065.html>
- Jornal de Notícias. (16 de fevereiro de 2019). *JN cresce e está cada vez mais forte nas audiências online*. Disponível em: <https://www.marktest.com/wap/clip.aspx?id=efbc>

- Kapuściński, R. (2008). *Os Cínicos Não Servem Para Este Ofício: Conversas Sobre o Bom Jornalismo*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Lima, H. (2011). *A Imprensa Portuense e os Desafios da Modernização*. Livros Horizonte: Lisboa.
- McLuhan, M. (2008). *Compreender os Meios de Comunicação: Extensões do Homem*. Lisboa: Relógio D'Água.
- McQuail's, D. (2000). *Mass Communication Theory* (4^a. ed.). London; Thousand Oaks; New Delhi: SAGE Publications.
- Molotch, H., & Lester, M. (1993). As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. Em N. Traquina, *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"* (1.^a ed.). Lisboa: Vega.
- Motta, L. G. (2002). Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. Em M. Mouilland, & S. D. Porto, *O jornal: da forma ao sentido* (2.^a ed.). Brasília: Universidade de Brasília.
- Priberam. (s.d.). *Acidente*. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/acidente>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (4.^a ed.). Lisboa: Gradiva.
- Ricardo, D. (2010). *Ainda bem que me pergunta* (2.^a ed.). Alfragide: Casa das Letras.
- Santos, R. (2003). *Jornalistas e Fontes de Informação*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- Sequeira, C. M. (2005). *Jornalismo Investigativo: O fato por trás da notícia*. São Paulo: Editora Summus.
- Traquina, N. (2007). *Jornalismo* (2.^a ed.). Lisboa: Quimera.
- Travancas, I. S. (1992). *O mundo dos jornalistas* (3.^a ed.). São Paulo: Summus Editorial.
- White, D. M. (1993). O gatekeeper: uma análise do caso na seleção de notícias. Em N. Traquina, *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"* (1.^a ed.). Lisboa: Vega.

Apêndices

Apêndice 1 - Entrevista aos jornalistas da secção *Porto* do Jornal de Notícias

As entrevistas abaixo transcritas foram realizadas no dia 3 de abril de 2018, na sede do Jornal de Notícias, na Rua de Gonçalo Cristovão, no Porto. Os entrevistados foram os jornalistas fixos da secção *Porto* aquando do meu período de estágio, entre 1 de outubro de 2018 e 31 de janeiro de 2019, sendo eles, a Isabel Peixoto, a Célia Soares, a Adriana Castro, o Miguel Amorim, a Marisa Silva, o Alfredo Teixeira e a Carla Soares. Todas as entrevistas foram feitas presencialmente, à exceção da entrevista à jornalista Carla Soares que, por incompatibilidade de horários, foi por via correio eletrónico.

Uns com mais experiência do que outros. Uns com perpssetivas iguais e outros com pontos de vistas diferentes sobre os meus assuntos. Cada um vale por si. E todos valem pelo jornalismo.

1.1. Isabel Peixoto

A jornalista Isabel Peixoto tem 49 anos. É jornalista há 30 anos e há 29 que trabalha no Jornal de Notícias. A entrevista que se segue, remete a uma notícia publicada a três colunas, no dia 8 de novembro de 2018, com o título *Cervejaria Gazela atingida por fogo à hora do almoço*.

Filipa Vieira (FV): Na peça em questão, como é que soubeste que tinha havido o acidente?

Isabel Peixoto (IP): O incêndio? Chegou-nos a informação porque até acho que foi a Célia que tinha ido para um serviço e passou no sítio perto do sítio do incêndio e viu a confusão lá instalada de Bombeiros Sapadores e tal e avisou o Hugo.

FV: Foi fácil chegares ao local?

IP: Fácilimo. É muito perto. É muito perto e não é uma zona inacessível, digamos. Além de ser perto, é uma zona acessível. É na Batalha, na Praça da Batalha, é perto e não havia cortes no trânsito porque era um incêndio relativamente, foi uma ocorrência relativamente simples. Não obrigou a cortar as ruas por ali portanto chegou lá facilmente.

FV: Quando chegas-te qual era o cenário? Não sei se te lembras,

IP: Lembro. Não era nada de muito devastador. Aliás, de cá de fora conseguiasse ver que..

olhavas para o estabelecimento e não tinha aquele ar de ter ficado muito danificado com o incêndio. O que faltava mais à vista eram os efeitos das operações dos bombeiros, ou seja, vias que havia materiais que estavam escuros, estavam danificados porque houve efetivamente um incêndio mas vias muitos efeitos dos extintores e da água, normalmente quando os incêndios são de pequena escala, os danos até são mais por causa das operações dos Bombeiros. O combate ao fogo não é uma coisa inócu.

FV: Nessa peça, apenas há citação do proprietário. Achas-te que por ser um pequeno incêndio secalhar não valia a pena falar com nenhum dos Bombeiros, ou então, não queriam falar.

IP: Não é normal falarmos com muitas pessoas se é uma ocorrência assim tão.. vou voltar a dizer insignificante... quer fazer, insignificante do ponto de vista jornalístico, não é insignificante para quem tem um negócio, não é? Porque o estabelecimento teve de ficar fechado e deu ali prejuízo certamente. As pessoas não queriam muito falar. Os empregados não quiseram falar. Eu tentei falar lá com os empregados. Porque nestas coisas o que é que nós tentamos? Mais do que saber causas, muitas vezes é que as pessoas nos contam como é que as coisas aconteceram. E as histórias contadas na primeira pessoa são sempre muito melhores para nós depois reproduzirmos ao leitor aquilo que realmente aconteceu. Nestas situações como não houve dificuldade das parte dos Bombeiros em chegar ao local, em apagar o incêndio, em fazer o rescaldo, não houve assim nada de muito complicado que me obrigasse depois a ir falar com os Bombeiros e ver a parte deles. Nós falamos com os Bombeiros, normalmente, quando os incêndios como este ou outros numa fábrica, por exemplo, ainda há pouco tempo foi uma fábrica que a coisa tinha uma dimensão muito maior e aí houve um ferido. Portanto, quando as situações são mais complicadas e há pessoas envolvidas aí sim temos de tentar junto dos bombeiros e por norma, eles falam.

FV: Achas que a peça podia ter tido outro destaque? Por não ter tido ferido ou secalhar porque está escrito na peça que os espaço tinha recebido a visita de um apresentador norte-americano e de um chef teve esse destaque? Achas que podia ter sido uma breve? Era material para uma breve?

IP: O local em si não é importante só pelo facto de ter sido escolhido pelo Anthony Bourdain, é também porque é uma cervejaria muito típica da cidade e é muito conhecida pelos cachorrinhos. Claro que, do ponto de vista da dimensão, podíamos ter reduzido a uma breve mas como é um local que diz alguma coisa às pessoas. Até porque quem é cliente do

restaurante ficou a saber que por uns dias não ia poder frequentá-lo. A notícias também dá para as pessoas chegarem a esse tipo de conclusões. Não lhe teria dado nem mais nem menos espaço. Acho que é o razoável porque o restaurante teve de fechar por alguns dias por causa dos danos do incêndio mas é um restaurantezinho que, não sendo muito grande, é famoso porque, pelos vistos, os cachorrinhos são bons. Eu não sei porque nunca lá comi.

FV: Neste dia, já havia peça para esse espaço? Ou alguma peça teve de sair para ir a tua?

IP: Não faço ideia. Mas estas coisas entram sempre no dia. É evidente que se não tivesse havido o incêndio, este espaço seria ocupado por outra notícia. Mas estas coisas entram sempre no dia. Há sempre noticiário que não seja, o dito *hard news*, que seja sacrificado para entrarem peças do dia. Sobretudo quando nós vamos aos locais.

FV: Há uma coisa nos teus textos, que tu tentas imprimir como característica tua?

IP: Isso acho que acontece sempre sem eu dar por ela. Eu lembro que, há tempos, um amigo dizia-me que leu uma breve que eu tinha escrito. Era uma breve que não tinha nada haver com noticiário do *Porto*, até acho que fiz a breve para outra secção, tinha a ver com cultura, acho eu. Esse meu amigo olhou para lá, leu a notícia e viu logo que tinha sido escrita por mim. Eu não sei o que isso quer dizer sinceramente porque não tenho nenhuma marca assim distintiva. Tento sempre ser o mais informativa possível, isso tento. E às vezes ir buscar uns bocadinhos de história, se houver, porque eu sou muito informativa. Tento não ficar pelos factos de uma forma muito seca. Mas isso é uma coisa que sai naturalmente sem que eu faça muito por isso porque tenho, entre aspas, esse defeito um bocadinho além do que é o circunstancial e o factual. Quer dizer, factual é sempre mas vou um bocadinho mais.

FV: Na tua perspetiva, quais são as condições para uma peça ser abertura e para ser breve?

IP: Para ser abertura e para ser breve... uma abertura deve ser sempre, acho eu, a chamada notícia no dia, que é muito importante, imagina: o presidente da Câmara do Porto demitiu-se. Aí secalhar nem era abertura, secalhar era *Primeiro Plano*, secalhar aí o jornal tinha de dar outro destaque. Mas tem de ser ou um facto do dia, *hard news* sério, ou um trabalho que é só nosso, exclusivamente nosso. Ou trabalhos que, tenham alguma necessidade de acompanhamento, imagina, vou dar o exemplo do helicóptero que caiu no cima em Valongo. No dia teve o tratamento que teve porque foi um assunto muito inesperado e teve as proporções que teve e nem foi... acho que até foi *Primeiro Plano*, mas depois há uma série de dias em que o assunto tem de ser alimentado.

FV: Outro dos exemplo é do Alfredo que fez abertura com o Mestre Silva...

IP: Sim.

FV: E depois estava sempre a ser lembrado.

IP: A abertura da secção normalmente é sempre um tema mais nobre, um tema mais rico em conteúdo e um tema, de preferência, mais exclusivo nosso. A breve não tem menos importância, até porque há uma teoria, que secalhar até é mesmo verdade, que as breves são lidas muito mais depressa do que as notícias maiores. A necessidade da breve ou pôr uma notícia numa breve é porque realmente o espaço... não se tira dignidade à notícia por ser uma breve, atenção. Mas às vezes, o espaço não permite que as notícias tenham uma maior dimensão mas uma breve, se for bem escrita, tem grande impacto, o que é normalmente que vão para lá assuntos de menor importância. Até uma legenda pode ser muito importante, se for incisiva e se for informativa. Tudo aquilo que nós escrevemos é importante. A importância de uma breve é sempre secundária, pronto. Até pelo tamanho mas nunca deve ser renegada para uma prateleira de patinha feio. É informação na mesma, deve ser bem escrita na mesma. As breves têm muita leitura e, claro, vão para lá os assuntos mais pequeninos. Às vezes, não se consegue dar um espaço maior, mas dá-se numa breve. É preferível dar numa breve do que não dar.

FV: Entre a abertura e as breves, estas peças, tudo vai depender do destaque dados pelos editores.

IP: Sim porque são sempre os editores que decidem a paginação da secção. Os editores em consonância com a hierarquia deles que é a chefia de redação, que também é chefia nossa mas é tudo decidido por eles. Os jornalistas sem função de chefia não decidem. Podem decidir neste aspeto: os editor pergunta se pode ser assim, se pode ser a três colunas, se pode levar outra caixa, mas normalmente a distribuição dos temas pelas páginas, sim, é dos editores, de preferência conversando com os jornalistas e é fácil as pessoas entenderem-se. Mas normalmente são os editores até porque nós temos uma árvore e eles vêm o bosque inteiro. Eles têm de ter a noção da importância de tudo e não só do trabalho que é aquele que eu estou a fazer. Eles sabem melhor que eu e têm uma noção melhor de como vai ficar a informação distribuída ao longo das páginas e, por isso, sendo que páginas ímpares são sempre mais importantes que as páginas pares porque as ímpares são aquilo que tu lêes mais facilmente. Lêes mais facilmente o que está nas ímpares. É isto.

FV: E pronto. É isto. Obrigada.

1.2. Célia Soares

A jornalista Célia Soares tem 24 anos. É jornalista desde março de 2018 e foi no Jornal de Notícias que deu os primeiros passos como profissional. A entrevista que se segue, tem base em duas notícias publicadas pela jovem jornalista. A primeira foi publicada a três colunas, no dia 9 de outubro de 2018, com o título *Idoso morre na passadeira a poucos metros de casa*. A segunda foi publicada a três colunas, no dia 23 de novembro de 2018, com o título *Acidente corta A43 e lança caos no trânsito*.

Filipa Vieira (FV): Relativamente a esse acidente, como é que tiveste conhecimento dele? Foi numa volta, foi alguém que te disse...

Célia Soares (CS): Acho que foi na volta, para ser às 10.30 horas... não, não foi nada, não pode ser sido. Para ser às 10.30 horas, como é que foi na volta? Foi alguém que nos disse. Foi alguém da redação, já não sei quem. Um colega qualquer da redação falou que havia uma situação qualquer.

FV: Já não te lembras se foi fácil chegar ao local ou não?

CS: Se foi fácil? Foi. Foi fácil e quando eu cheguei ainda nem sequer estavam os meios de socorro. Eu cheguei primeiro.

FV: Pois, era isso que eu te ia perguntar a segui. Quando chegaste qual era o cenário no local?

CS: Estava a vítima, a polícia mas as ambulâncias chegaram depois e pronto, já estavam populares a ver.

FV: Com quem tentaste falar primeiro?

CS: Embora me tivesse apercebido que já estava lá uma pessoas que seria a filha, por uma questão de respeito e a senhora estava bastante alterada, por uma questão de respeito, não abordei a filha em momento algum. Fui falar... era uma loja que a senhora tinha visto tudo, viu o acidente e como era pessoa sem ligação à vítima foi mais fácil. Ela contou só como foi o acidente, contou a que horas tinha sido e pronto e disse que era numa zona de passadeira, pelo que me lembro.

FV: Quando chegaste então o corpo ainda estava lá. Qual era o ambiente?

CS: A filha estava aos berros e os populares estavam todos a comentar e toda a gente se

juntava ali. Mas tirando a situação da filha não me lembro de mais nada.

FV: Foi difícil conseguir informações sobre a vítima?

CS: Informações sobre a vítima... lembro-me que fomos a uma clínica porque nos disseram no local, já não me lembro bem se foi uma das testemunhas que estava na loja, que seria um idoso que estava a ser tratado, a fazer algum tipo de fisioterapia, numa clínica na mesma rua mas mais acima. Fomos lá, disseram-nos que por uma questão de proteção de dados não podiam dizer nada mas confirmaram só que era um senhor que era tratado lá e que tinha saído de uma sessão de fisioterapia.

FV: Ainda fomos áqueles bairros todos...

CS: Sim. Fomos procurar a casa do senhor porque nos disseram também que ele morava ali perto, fomos a vários bairros sempre com o táxi atrás de nós e não descobrimos a casa. Mas entretanto quando chegámos à redação, temos o nosso colega da Rádio Imprensa que nos dá a idade e o nome da vítima e se já foi para o Instituto de Medicina Legal e etc.

FV: Essa peça começaste de forma muito objetiva. Começaste logo por dizer que era um homem de 79 anos, por algum motivo em especial? Achas que tentas criar algum distanciamento quando envolve uma vítima mortal?

CS: É assim. Por exemplo, se tivesse sido um acidente que tivesse causado muito, muito aparato em termos de destruir casa ou de muitas horas em que o trânsito tivesse complicadíssimo pegava por aí porque de certa forma que acaba por afetar mais gente do que, infelizmente, a morte da pessoa, mas sendo a situação da morte de um senhor o mais importante é dizer quem era, a idade, morreu ontem, em que situação: ao ser atropelado quando atravessava a passadeira, em que sítio e pronto. Na notícia de um acidente é isso que mais importa e temos mesmo de ser objetivos.

FV: Nos teus textos tens alguma característica própria?

CS: De acidentes?

FV: Não, no geral. Alguma coisa que tentes imprimir nos teus textos.

CS: É assim. Em questão de acidentes tenho mesmo de ser objetiva mas tirando isso gosto de me armar em poeta. Começar por um pormenor e dizer “foi desta forma que alguém assistiu” e a partir daí é que vou explicar. Pronto.

FV: No teu ponto de vista, o que achas sobre o destaque que foi dado ao acidente?

CS: Acho que é o normal. Tendo em conta aquilo que conseguimos obter no local, acho que

é normal. Falta, neste caso, a fotografia da vítima, nem sempre conseguimos. Quando não conseguimos falar com familiares, é normal que não haja fotografia da vítima.

FV: No teu ponto de vista, quais são as condições para uma peça ser abertura e ser breve?

CS: É assim. Para ser abertura tem de ser alguma coisa com alguma dimensão efetivamente que seja uma coisa em grande. Ou alguma coisa que apesar de não ser um evento com muita gente, tenha a particularidade, nem que seja uma pessoa mas que tenha alguma coisa muito forte. E depois há o tipo de eventos que pode ser breve e no dia seguinte uma abertura. Podem ser uma breve a dizer que vai acontecer de segunda a sexta feira e pode ser uma abertura de formos para o local falar com toda a gente que participou, trazer história giras.

FV: Neste caso, como isto foi de manhã, quando foi feita a paginação, já estavam a contar com o acidente.

CS: Já, já estávamos a contar.

FV: Agora, vou trocar isto e por esta que tem o mesmo destaque que este que tem um morto (troca para outra notícia). Pergunto a mesma coisa que perguntei à bocadinha. Como é que tiveste conhecimento, se foi fácil chegar, com quem tentaste falar primeiro.

CS: Isto foi em Gondomar, não foi? Foi, Foi um acidente em que tive de andar em contramão na autoestrada. Pronto, este acidente foi...

FV: Como é que tiveste conhecimento dele?

CS: Acho que foi na volta telefónica. Não foi nada. Olha não me lembro.

FV: Não faz mal.

CS: Pronto, mas foi um acidente muito complicado porque era numa autoestrada e foi mesmo um caos. Foram atropelados bombeiros e foram as operações de limpezas e de fazer regular outra vez o trânsito e demoraram imenso tempo e como foi uma tarde... aquilo foi por volta das 15 horas e como foi até ao fim da tarde que a situação esteve muito complicada, foi por causa disso que se deu o destaque, que foi mesmo o caos no trânsito numa das artérias que passa toda a gente que sai do Porto e vai para Gondomar. Portanto é que teve tanto destaque.

FV: Mas então quando chegaste lá, qual era o ambiente? Era o caos mesmo?

CS: Era, era o caos. Estavam muitas ambulâncias, já estava o Comandante da Proteção Civil, já estavam outras televisões a chegar. Para conseguir chegar ao local, tivemos de dizer que éramos da comunicação social e ir num carro da polícia. Neste caso, como a via estava cortada, tivemos de ir na berma mas em sentido contrário, ou seja, andamos mesmo em

contramão na autoestrada e depois tivemos lá perto de duas horas ainda a falar com pessoas que tinham ficado presas no carro porque não podiam inverter o sentido de marcha, demorou muito tempo. Portanto já estavam cansadas de estar lá, fomos falar com essas pessoas e no local o Comandante da Proteção Civil explicou-nos que houve um primeiro acidente e chegaram três ou quatro elementos dos Bombeiros que estavam ali na autoestrada e foram atropelados. Portanto, também por isso, esta notícia teve tanto destaque. Apensar de, lá está, os bombeiros atropelados não foram para o título porque, apesar de tudo, graças a deus, eram ferimentos leves mas não deixa de ser uma situação caricata. Além do trânsito caótica aquela tarde inteira, mais as pessoas que foram socorrer serem apanhadas e terem de ir para o Hospital também, foi por isso que teve tanto destaque.

FV: Esse peça, lá está, foi publicada a três colunas como a outra, achas que também o destaque foi o correto?

CS: Sim. Sim porque houve feridos, houve muito caos, muito trânsito, acho que sim.

FV: Sendo isso por volta das 15 horas não chegou a substituir nenhuma outra peça. Já estavam a contar com isso para a paginação.

CS: Não estávamos a contar. Eu lembro-me que não estávamos a contar. Não me lembro se teve de sair alguma coisa mas não estávamos a contar porque eu soube depois das três, já estavam quase a ser quatro portanto não estávamos a contar. A edição já estava mais ou menos encaminhada.

FV: Pronto, é isto.

1.3. Adriana Castro

A jornalista Adriana Castro tem 22 anos. Começou o seu percurso como jornalista no Jornal de Notícias em 2 de julho de 2018 como estagiária curricular mas 29 de setembro do mesmo ano que trabalho em contrato de estágio profissional. A entrevista que se segue, tem base em duas notícias assinadas pela jornalista. A primeira foi publicada a duas colunas, no dia 10 de dezembro de 2018, com o título *Sete feridos em acidente junto à Santa Rita*. A segunda foi publicada a três colunas, no dia 26 de outubro de 2018, com o título *Acidente entre automóvel e autocarro faz 11 feridos*.

Filipa Vieira (FV): Nesta peça em específico como é que tiveste conhecido do acidente? Foi

na volta ou foi alguém que disse? Se não te lembrares não há problema.

Adriana Castro (AC): Não me lembro mesmo. Sei que não foi na volta portanto deve ter sido alguém aqui do jornal a dizer que a estrada tal tal estava cortada.

FV: Não te lembras se foi fácil ou não chegar ao local.

AC: Não foi fácil porque acho que isto é uma estrada nacional. Exato, estrada nacional 208. Não foi fácil chegar lá. Não foi fácil dar com o sítio mas a partir do momento em que tu vês carros parados e polícia e bombeiros a limpar a estrada pronto.

FV: O cenário com que te deparaste.

AC: Já não estava lá nada. Quando chegámos lá já não estava lá nada. Estava o carro aqui em cima, ou seja, o carro tinha ficado destruído, acho que era este que levava a criança atrás. Pronto, estava a ser rebocada, as pessoas estavam a ser transportadas para o Hospital. Conseguimos falar com moradores, que é o que tem aqui, falamos com um morador que estava lá numa casa perto a almoçar quando aconteceu o acidente.

FV: Era isso que eu te ia perguntar a seguir. Com quem tinhas tentado falar primeiro.

AC: Pronto, lá está. Nós tentamos falar com pessoas que tivessem ali quando viram o acidente, ou seja, seriam moradores. Estava lá um senhor a dizer que a estrada é muito perigosa porque é um estrada nacional muito comprida porque vai de uma zona à outra sempre em linha reta e apesar do limite ser 50 o pessoal não respeita e etc, pronto. O morador disse-nos isso. Disse que não viu o acidente mas estava lá a almoçar quando ele aconteceu, portanto ouviu o estrondo e estava uma mãe e uma criança no carro.

FV: Começaste a peça de forma muito objetiva. Começaste logo a dizer quantas pessoas tinham ficado feridas. Isso foi por algum motivo em especial, ou é uma característica tua? Ou tentas criar sempre algum distancionamento quando há feridos?

AC: Não. Quando há acidentes, a gente foca-se logo naquilo que for mais grave. Tipo, aqui imagina são sete pessoas feridas, duas delas com gravidade pronto. Uma das crianças estava no carro mas acho que não ficou ferida mas imagina, se a criança tivesse morrido não se começava por “sete pessoas ficaram feridas”, era “uma criança morreu”, percebes? Começas logo por aquilo, não digo mais chamativo, mas o que seja mais grave porque tendo em conta que o jornal é diário, aquilo que se foca mais é a atualidade. Pronto, ok, é um acidente mas convém perceber o que resultou do acidente. Aqui neste caso foram sete feridos, foram sete pessoas, o que é muito, e é relevante. Mas se a criança tivesse morrido, a criança passava à

frente das sete pessoas.

FV: Não só nesta peça mas no geral, tens alguma característica tua que tentas imprimir nos teus textos? Ou não há nada específico?

AC: Eu tinha uma característica antes de vir para aqui que era começar os textos de uma forma muito poética, digamos assim, sei lá, antes secalhar não começava o texto assim, começava por “um acidente” não sei quê, não sei que mais, mas pronto com as orientações do Hugo e da Cláudia também o que eles dizem é “foca-te naquilo que é importante”. Por exemplo, ontem também, houve um protesto de uns pais que sai hoje no jornal e durante o protesto, acho que foi a DGEstT ou assim, anunciaram 47 novos funcionários. A gente abriu por aí “47 novos funcionários”, ou seja, imagina, aquilo que eu faço depois de eu ouvir as orientações do Hugo e tudo foi uma coisa que eu aprendi também na faculdade em rádio que era, tu em rádio tens de pensar que estás a falar para a tua avó, ou seja, a tua avó tem de perceber o que estás a dizer. Consegui perceber que conseguisse aplicar isso em tudo. Ao escrever no jornal, também é um bocado isso. Não pergunto o que diria à minha avó mas sim quando chegar a casa e a minha mãe, por exemplo, perguntar o que é que eu fiz, qual é a primeira coisa que eu lhe digo sobre este assunto? E a primeira coisa que me vier à cabeça, é o que é mais importante para a notícia e portante é assim que a gente abre o texto.

FV: Qual é o teu ponto de vista sobre o destaque que foi dado? Para o número de feridos, esse número de colunas está bem ou podia ser só uma breve?

AC: Não, aliás. Eu não recolhi informação suficiente no local para estas duas colunas. A gente foi acrescentando com a localização e com a criança e com o transporte dos feridos para o Hospital porque, como te disse, quando cheguei lá não havia nada. Mas tendo em conta que foram sete pessoas sim. Se eu tivesse conseguido recolher mais informações secalhar tinha mais espaço.

FV: Lembraste se teve de sair alguma peça que estava neste espaço para entrar esta ou já contaram na paginação com isto?

AC: Não, na paginação não contaram com isto porque acho que só descobrimos isto a meio da tarde. Eu não me lembro exatamente mas acho que tiveram de substituir alguma coisa.

FV: E isso acaba sempre por ser uma decisão dos editores.

AC: Sim, sim. Claro que sim.

FV: Por último, no teu ponto de vista, quais são as condições para uma peça ser abertura e

para ser uma breve?

AC: Breve são coisas que não têm muita relevância. A abertura tem de ser uma coisa atual, tem de ser uma reportagem grande e relevo. Tendo em conta que a secção do Porto é uma secção muito local, é muito direcionada para as pessoas que moram no Porto, a abertura tem de ser uma coisa que fale diretamente com essas pessoas. Nós não vamos fazer uma abertura que não tem nada haver com o Porto. Nós, para além de sermos um jornal muito local, estamos muito perto das pessoas. Portanto, a abertura também de ser uma coisa dessas. Também tem de estar perto das pessoas.

FV: Tenho aqui outra coisa para ti.

(Mostro o jornal com a notícia *Acidente entre automóvel e autocarro faz 11 feridos*)

AC: Meu deus. Este acidente foi horrível. Este acidente foi um pandemónio.

FV: Como é que soubeste do acidente?

AC: Nós soubemos deste acidente porque o Ivo, o fotógrafo Ivo Pereira, passou por lá e ligou para aqui. Foi logo de imediato. “Oh pessoal houve um acidente no Campo Alegre, um autocarro foi contra uma árvore. Tinha pessoas lá dentro”. Ouvi o pessoal a tirar as pessoas do autocarro. Nós fomos logo para lá, levámos vídeo, fizemos direto. Foi uma confusão, foi um pandemónio. Acho que esta rua estava em obras à pouco tempo ou ia entrar em obras. Já não me lembro.

FV: Conseguiste chegar lá rápido?

AC: Sim, sim. Nós sabíamos onde é que era. Por acaso, uma colega minha mora nessa rua, relativamente perto da casa dela. Portanto mal o táxi parou, eu percebi onde é que era o sítio. Pronto, andei para aí 200 metros a pé.

FV: Quando chegaste lá como é que era o cenário?

AC: Jesus. Estás a ver isto? (Aponta para a foto que acompanha a notícia) Era mil vezes pior que isto.

FV: Estavam lá Bombeiros...

AC: Estavam lá Bombeiros, estavam lá as televisões todas, estava lá o INEM... estava um pandemónio completo... ambulâncias, carros da polícia, carros de reportagem, pessoal lá no meio a tentar perceber o que se tinha passado, se algum familiar porque pronto tinha muitas crianças no autocarro na altura em que ele se despistou, quer dizer, já não sei se ele se despistou...

FV: Embateu por causa do... (enquanto aponto para a fotografia de um carro)

AC: Pronto ou isso. Na altura do acidente, estavam muitas crianças dentro do autocarro. Então as pessoas passavam e estavam preocupadas a tentar perceber se algum familiar delas estava envolvido no meio do acidente.

FV: Com um aparato desses, com quem é que tentaste falar primeiro?

AC: Nós levámos Direto, eles estavam a cortar o acesso portanto nós não estávamos a conseguir passar para o local do acidente e tentar falar com as poucas pessoas que estavam a ser retiradas do autocarro. Na altura, quando nós chegámos já não havia quase ninguém no autocarro. Então eu lembro-me de estar a tentar cortar para falar com alguém e ouvi um casal a dizer qualquer coisa de que um funcionário num restaurante ali à beira, tinha sido a pessoa que tinha ajudado a tirar as pessoas do autocarro. Então parei um bocado, apresentei-me ao casal, disse o que estava lá a fazer e eles disseram-me “olhe é naquele restaurante, é o Sr. Ferreira que trabalha na Cervejaria Galiza, vá lá que ele fala consigo”. Fui lá, falei com ele. Trouxe o Sr. para a rua, meti-o no Direto, meti a Rita Neves a falar com ele. Na altura em que chegámos lá, apesar de ter sido muito rápido o acidente e nós termos sabido do acidente... quando chegámos lá as pessoas que tinham visto já se tinham ido embora. E o condutor do carro também não podia falar connosco porque era da NOS portanto não estava autorizada a prestar declarações. Falamos com os Bombeiros, claro, para tentarmos perceber o que se tinha passado, a que horas tinham recebido o alerta, pronto, essas coisas todas que tu já sabes.

FV: Começaste a peça também de forma objetiva como a outra porque a peça pedia mesmo essa objetividade.

AC: Sim, 11 feridos, é muita gente. E também tinha crianças mas acho que as crianças estavam todas bem.

FV: Esta peça foi publicada a três colunas. Achas que tinhas material para isso ser abertura?

AC: Sim, sim. Quer dizer abertura não, não tinha relevância para isso. É um autocarro da STCP, é um serviço público. Mas abertura não. Se tivesse morrido alguém, era abertura. Houve um autocarro que por causa de uma lombada, bateu numa árvore e subiu um carro?

FV: Sim.

AC: Isso foi abertura. Isto não foi uma tragédia. Foi um acidente, foi grave mas foi uma tragédia. E, aliás, nós soubemos do acidente lá para as 17.30 horas e eu só sai daqui eram 20 horas porque o Hugo teve de mudar isto tudo. E apesar de ser pouco texto, ainda tive de ouvir

o que as pessoas me disseram e estas duas miúdas que estão aqui [aponta para o texto] também estavam lá, estavam a atravessar a estrada, a levar o lixo.

FV: Como ficaste a saber disto a esta hora, esta peça veio como substituta de outra?

AC: Sim. Quer dizer, não veio como substituta de outra. Secalhar uma peça que fosse um bocadinho mais intemporal, ou seja, sei lá, se fosse um projeto lançado pela Câmara Municipal ou um festival ou qualquer coisa desse género podia passar para o dia seguinte. Peças intemporais é relativamente mais fácil de as trocar, de as substituir naquele dia pela atualidade. Isto ou saía no dia seguinte ou então não saía porque é um acidente e depois ia perder a atualidade toda.

FV: (Retomei a pergunta da abertura/breve) No teu ponto de vista, quais os critérios para uma notícia ser abertura e ser breve?

AC: Ah! Era isso que nós estávamos a falar à bocado. A abertura depende da relevância do tema. Por exemplo, nós, no outro dia, fizemos abertura com o funeral da rapariga que deu à luz em morte cerebral. Na minha opinião isso não devia ser abertura. Depende da relevância do assunto, da proximidade que as pessoas têm com ele, ou seja, o que é que a abertura vai acrescentar à vida das pessoas? Por exemplo, esta história da Selminho [aponta para uma página de jornal aberto em cima da mesa] não está tão ligada às pessoas que moram no Porto, mas há gente que ficou prejudicada à conta disto por causa dos terrenos e etc, é uma coisa relevante. Há pessoas que estão a ser postas em causa porque os terrenos não são delas e construíram lá casas. Portanto, depende muito da relevância e da atualidade do tema. Ao fim de semana, as reportagens são um bocado intemporais. Nós temos reportagens em frigorífico, como saiu na semana passada uma coisa gigante sobre bibliotecas que por acaso fui eu que fiz e podia não sair na semana passada, podia sair esta semana, para a próxima... temos em frigorífico coisas intemporais que têm a ver com as pessoas, e as pessoas se relacionam e faz parte às vezes até da rotina, os hábitos delas, mas depende muito da relevância e daquilo que acrescenta às pessoas. Isto, exemplo, é um assunto mesmo muito local. Pessoas de São João da Madeira [enquanto aponta para uma peça do jornal], só era abertura se fosse uma coisa gigante que abrangesse a área metropolitana do Porto e pusesse em casa uma data de teatros, não sei. E breves...

FV: Ainda no teu ponto de vista... [enquanto aponto para duas peças distintas] isto aqui foi um acidente com 11 feridos e aqui foi um acidente com seis feridos. Este teve um destaque

de três colunas e este foi uma breve. Porque é que achas que há esta discrepância? Embora sejam decisões dos editores, porque é que achas que há esta discrepância? Este foram dois acidentes na A4 que provocaram seis feridos e aqui foram 11 feridos... porque achas que houve esta diferença?

AC: Em primeiro lugar, o que se destaca aqui nesta é o autocarro é um serviço público e independentemente de ser culpa do autocarro ou não, provavelmente não foi, foi o outro que fez a manobra mal, mas independentemente disso, é um serviço público portanto as pessoas têm de estar a par do que é que acontece com o serviços públicos. Se fosse um comboio ou uma carruagem da CP que se despistasse as pessoas iam querer saber porque à partida são os nossos impostos que estão a pagar o serviço público. Se acontece alguma coisa com a Metro. Se um gajo é atropelado, nunca isso é uma breve porque o metro é um serviço público. E para além disso, destes 11, três ficaram em estado grave e acho que daqueles foram todos ligeiros...

FV: Sim. Foram cinco ligeiros.

AC: Também é um bocado por aí. E é assim, acidentes na autoestrada, ou a estrada ficou cortada, houve uma data de constrangimentos, filas e filas... imagina a A4 cortada, que é a principal de acesso ao Porto, cortada para aí durante três ou quatro horas, as pessoas a fazerm filas e filas e filas e rotundas e a impedir o centro da cidade e essa história... um acidente no centro do Porto com um autocarro da STCP com 11 feridos...

FV: Merece mais destaque.

AC: É um serviço público lá está.

1.4. Miguel Amorim

O jornalista Miguel Amorim tem 51 anos. É jornalista desde o final de 1993 e desde o mesmo que trabalho no Jornal de Notícias. A entrevista que se segue foi publicada a duas colunas, no dia 1 de outubro de 2018, com o título *Despiste de autocarro da STCP causa oito feridos*.

(A resposta à primeira pergunta não ficou gravada. Quando perguntei como tinha tido conhecimento do acidente, o Miguel Amorim respondeu que estava noutro serviço e ligaram-lhe a pedir para ir até ao local do acidente)

Miguel Amorim (MA): (...) e desloquei-me para lá.

Filipa Vieira (FV): Foi fácil chegar lá?

MA: Sim, sim. Foi fácil. Eu estava de táxi e saí em determinada zona porque pensei que o trânsito estava cortado e estava mesmo e depois o repórter fotográfico veio ter comigo. Ele foi de carro. Regressámos os dois juntos mas não estávamos os dois juntos.

FV: Quando chegaste lá qual é que era o cenário, lembraste?

MA: Quando eu cheguei lá, já estavam lá colegas. O acidente já tinha acontecido a algum tempo.

FV: Com quem é que tentaste falar primeiro?

MA: Aliás, os bombeiros já estavam quase de saída. Eu tentei falar com os bombeiros e com algumas pessoas, testemunhas entre aspas. Mas não foi fácil dizerem o que, de facto, se tinha passado.

FV: Tu começaste peça logo muito objetivo, a dizer que tinham sido oito feridos, um deles com gravidade...

MA: Isso depois também tem a ver, provavelmente, com contactos posteriores por telefone. As fontes são os bombeiros.

FV: Começaste muito objetivo. Por algum motivo em especial?

MA: Porque é o meu estilo.

FV: Era isso que eu te ia perguntar, se tens alguma característica própria nos textos?

MA: É o meu estilo.

FV: És muito objetivo?

MA: Sim. Tento que a entrada nas notícias sejam apelativas e que tenham a informação essencial e que sejam apelativas, que agarrem logo o leitor. Basicamente, é isso.

FV: Qual é o teu ponto de vista sobre o destaque que foi dado à peça? Achas que tinham material para ser uma breve ou por ser um transporte público, tem um bom destaque?

MA: Pois, exato. Por ser transporte público, acho que sim, está razoável.

FV: No teu ponto de vista, agora no geral sem ser só nessa [notícia], quando são as condições para uma peça ser abertura e ser breve?

MA: Também tem haver com a atualidade. As breves, às vezes, também podem ser intemporais e a breve é mais no sentido de dar informações pontuais ou soltas aos leitores. Às vezes podem não ser tanto notícias mas o papel do jornal também é veicular informação

de, não digo, autarquias, mas entidades, a chamada economia social, angariação de fundos, percebes? Por aí... assim coisas mais pontuais. Uma abertura tem de ser uma coisa mais de fundo, a ver com a atualidade e que até merece uma chamada à primeira página. A breve não vai ter uma chamada à primeira página. Nós não trabalhamos em função disso, tem a ver com a atualidade e com a força do tema.

FV: Lembraste se neste dia estava alguma escrita que teve de sair para entrar isso?

MA: Provavelmente sim. Isso é o dia a dia, como tu sabes. Temos muita coisa em frigorífico que são intemporais e que podem entrar no dia seguinte. Dado que o espaço é exíguo é preciso fazer uma seleção das coisas com maior interesse.

FV: Entre a abertura e as breves, a organização das peças é toda feita pelos editores.

MA: Sim.

FV: Em discussão com o jornalista...

MA: Nem tanto com o jornalista mas com quem está acima deles, editores e a chefia de redação olhando para a distribuição das notícias, se acharem que se deve mudar, falam com os editores e mudam-se.

FV: Pronto é isto.

1.5. Marisa Silva

O jornalista Marisa Silva tem 24 anos. Tem carteira profissional desde agosto de 2017 e desde aí que trabalha no Jornal de Notícias, tendo apenas escrito alguma peças enquanto *freelancer*, no entanto sem carteira profissional na altura. A entrevista que se segue remete para uma notícia que foi abertura de secção, no dia 1 de dezembro de 2018, com o título “*Já não pude fazer nada, o fogo tomou conta do prédio*”.

Filipa Vieira (FV): Para começar, dessa peça pergunto-te como é que ficaste a saber disso.

Marisa Silva (MS): Como ficamos a saber disto? Esta peça, este incêndio foi de manhã, de manhã cedo e quando cá cheguei, a chefia já tinha conhecimento que nesta rua, havia uma casa num prédio que estava a arder. Eu fui a primeira a chegar na secção, pediram-me para tentar apurar mais alguma informação, eu liguei para os Sapadores do Porto que eram eles que estavam no local e pedi informações. Disseram-me que realmente havia um incêndio naquela rua, naquele prédio e que suspeitavam que uma senhora ou um senhor teria morrido

queimado neste incêndio. Foi assim que soubemos. Fomos para o local.

FV: Foi fácil chegar lá?

MS: Foi, foi fácil chegar lá. É uma rua aqui perto no jornal, é junto ao centro comercial La Vie. Portanto, foi fácil, não chamamos táxi nem nada, fomos a pé. Chegamos lá e já existia um grande aparato e quando lá chegamos já circulavam rumores na rua de que morava lá uma senhora centenária naquele prédio que era casa única, que a senhora estava sozinha e que tinha morrido de certeza. Os Bombeiros ainda não tinham confirmado esta informação mas andava lá um senhor que disse que realmente viu uma senhora à janela a pedir ajuda, a pedir socorro, ele ainda tentou arrombar a porta, ainda tentou tirá-la do prédio mas quando arrombou a porta já havia muito fumo. Não havia visibilidade nenhuma, ele ainda foi até às escadas mas como não conseguia ver nada, acabou por recuar. Quando chegou olhou para a janela e já não estava lá a senhora. Como a senhora não saiu do prédio, tinha que haver aqui um vítima, não é?

FV: Mas quando chegaste lá qual é que era o cenário? Já estavam lá os Bombeiros...

MS: Olha, quando eu lá cheguei, estavam os Bombeiros, estavam a apagar o incêndio que aquilo já estava quase em fase de rescaldo. Estava um grande aparato na rua, estava muita gente, estava muita comunicação social, estavam os Bombeiros, estava a PSP, estava lá toda a gente e aquilo já estava quase apagado. Passado um bocado, confirmaram que realmente havia uma vítima, quando o Comandante veio falar connosco, realmente havia uma vítima. Uma senhora de 100 anos que vivia sozinha e o corpo foi retirado passado algum tempo quando vieram os peritos.

FV: As primeiras pessoas com quem falaste foram com os Bombeiros?

MS: Não. As primeiras pessoas com quem eu falei foram com quem estava lá a ver, tentei perceber se alguém conhecia a senhora, quem é que vivia naquele prédio, o que é que tinha acontecido, se alguém tinha visto alguma coisa, o início do incêndio, se tinha havido algum estrondo... até que cheguei a um senhor que disse que ia a passar, viu o incêndio, viu a senhora à janela, muito aflita, a pedir ajuda. E foi então que arrombou a porta, tentou entrar foi até às escadas mas como não tinha visibilidade voltou para trás e já não viu a senhora. Falei também com outros vizinhos que me diziam que sim, que vivia lá uma senhora de 100 anos e depois foram-me dando alguma pistas de que “ah, eu não conheço bem a senhora, mas ali o supermercado. Ela costumava fazer encomendas. Ela costumava sair, andava bem, fazia a

comida para toda a família ao domingo e ela costumava encomendar ali naquele supermercado e de vez em quando ia lá, deixava a encomenda e depois as senhoras do supermercado, para ela não andar carregada com sacas iam lá levar”. Eu fui recolhendo estas informações e quando os Bombeiros nos deram estas confirmações, eu fui ao supermercado tentar apurar algumas informações e foi lá que me disseram efetivamente que me deram o nome da senhora, a idade e deram-me alguns pormenores de que ela tinha uma vida muito ativa, vivia sozinha, encomendava coisas, ia ao talho, ia ali ao supermercado, ia à missa na Igreja e que era uma senhora de 100 anos que tinha comemorado à pouco tempo mas não sabiam à quanto tempo. Pedi uma fotografia porque nós costumamos sempre pedir uma fotografia da vítima e disseram-nos que não tinham... não tinham nenhuma ali, mas que o café onde a senhora costumava ir tomar o pequeno-almoço podia ter uma fotografia da vítima. Então nós perguntamos onde era, deslocamo-nos e quando chegamos os proprietários já estavam a chorar. Conheciam a senhora há muito tempo, ela tinha celebrado lá o aniversário dela, tinha levado um bolo, tinha feito lá uma festinha mas também não tinham nenhuma fotografia. Deram-nos a data em concreto de quando ela tinha nascido, quando filhos é que tinha, que vivia sozinha por opção, que a continuavam a visitar, que a senhora não estava de todo abandonada. E pronto. Depois aí no café, como nós temos sempre de tentar ter uma fotografia da vítima, conseguimos o número de uma das filhas. Quando cheguei aqui ao jornal e liguei para esse número, a senhora disse que não conhecia nenhuma senhora chamada Júlia Casanova a viver neste prédio e nesta rua. Portanto, ficou sem efeito.

FV: Mas, no geral, não foi difícil conseguir as informações sobre a vítima: o nome, se tinha filhos ou não tinha...

MS: Não, porque a senhora já residia naquele prédio há muito tempo e era conhecida ali da zona, então ainda existia aquela proximidade, que não existe em todos os locais, dos vizinhos, que conheciam alguma coisa dela, que sabiam que esta senhora morava ali... pronto, já existia esta proximidade, o que não acontece sempre que saímos em reportagem, há uma ou outra peça que eu fiz, que foi uma senhora que se despistou e caiu com o carro no rio Douro, essa senhora também acabou por morrer e quando eu fui lá a casa ninguém sabia quem era a senhora, mesmo o café vizinho à casa da senhora não sabia quem ela era. A senhora costumava sair de manhã, voltava ao final do dia e ninguém sabia. Essa senhora foi uma achado mesmo o nome, a idade e assim, foi uma achado ter conseguido descobrir porque não

já vínhamos embora, não tínhamos conseguido nada, batemos a todas as portas, fomos ao café, não tínhamos conseguido nada e por sorte, quando estávamos a vir embora entrou gente dentro da casa, nós começamos a correr até à casa e conseguimos chegar à fala com a nora. E foi aí que conseguimos as informações todas. Esta foi mais fácil porque ainda exista aquela proximidade com vizinhos e tinha o supermercado perto onde ela ia, e tinha o café perto, onde ela ia, exceto a fotografia da vítima.

FV: Na redação da peça, optas-te por meter uma citação no título e na abertura. Por algum motivo em especial? É uma característica tua?

MS: Não. O jornal quando sai no dia seguinte, já está um bocadinho desatualizado. A informação, nós damos-la no *online* no próprio dia. Quando ela sai no papel já está um bocadinho desatualizada.

FV: E esta saiu no *online*?

MS: Saiu, no *online* e no papel. Mal nós soubemos do incêndio, nós colocamos no *online* que naquele momento decorreu um incêndio num prédio. Assim que soubemos que morreu uma senhora, informamos que morreu uma senhora centenária. No dia seguinte, estar a escrever para o papel que morreu uma senhora centenária na rua x, às x horas, após um incêndio na casa que terá começado no quarto, isto já eram informações todas desatualizadas, o que nós apostamos e fazemos é tentar fazer alguma coisa que seja diferenciadora da notícia (a entrevista foi interrompida porque a Marisa Silva recebeu uma chamada que precisou de atender).

FV: Estavas a dizer que publicar no papel... já podia estar desatualizado.

MS: Publicar no dia seguinte a notícia pura e dura era uma coisa que já podia ser desatualizada. O que é que nós tentamos sempre fazer? Haver aqui qualquer coisa que seja diferenciadora para o papel. Ainda para mais fazendo uma abertura, que nem todos os textos têm tanto espaço quando uma abertura, seria ridículo estarmos a pegar num trabalho que poderia ser muito mais rico com o testemunho de alguém que viu e escrevermos o mesmo que escrevemos no *online*. No dia seguinte, quem fosse ler a notícia, podia ler o primeiro parágrafo a dizer que morreu uma senhora de 100 anos mas iria associar ao que aconteceu no dia anterior e iam dizer “ok, eu já sei o que aconteceu, eu li ontem”. A ideia aqui é aproveitarmos aquilo que não aproveitamos para o *online*. O testemunho deste senhor não ficou na íntegra no *online*, ficou apenas que um vizinho ou um senhor que ia a passar na rua,

já não me recordo, acho que é um senhor que ia a passar, que ia para o trabalho no centro comercial La Vie, viu a senhora à janela e tentou socorrê-la, pronto. Isso foi o que saiu no *online*. O que saiu no papel, fazia muito mais sentido começarmos antes por aqui. Se temos aqui alguém que viu, que tentou salvar a senhora, que não conseguiu, que ainda arrombou a porta, que ainda entrou mas devido a falta de visibilidade... seria muito mais interessante pegar e chamar por aqui porque é um testemunho diferente do que estar apenas a dar apenas a notícia pura e dura de que morreu uma senhora na sequência de um incêndio porque isso as pessoas já sabiam. Já leram todas no dia anterior. E então foi por aí. Foi essa a justificação de ter colocado uma citação no texto e ter começado por uma citação. Não houve qualquer outra justificação. Normalmente, nem todos os meus textos têm citação no título, nem todos começam por citação. Isso varia muito de acordo com aquilo que é importante ou não.

FV: Mas tens particularidade que gostes de deixar nos teus textos? Alguma coisa própria. Ou não tens uma coisa específica?

MS: Não. Não. Eu acho que cada texto é um texto e depende muito daquilo que tu vires no local. Não te vou dizer que quando vou já levo coisas pré-formatadas de como é que poderá ser. Não. Eu vou para o local, se o tema for um bocadinho mais complexo, obviamente que pesquiso, não é? Faço pesquisa para perceber do que é que se trata e no dia poder compreender e acompanhar aquilo que é dito mas nunca levo nada pré-definido. Normalmente, quando chego observo o que há no local, recolho a informação, faço as perguntas que tenho a fazer, esclareço todas as dúvidas e depois quando venho é cozinhar todos os ingredientes que trouxemos e tirar o melhor proveito daquilo que trouxemos. Se o melhor é este senhor que tentou salvar a senhora, então é por aqui que começamos. Se o melhor for outra coisa qualquer começamos por ali.

FV: A idade da senhora foi motivo suficiente para ser abertura?

MS: Eu acho que não foi por ser a idade da senhora. Foi por ser a situação que foi. Foi simplesmente por isso. Primeiro, porque é um prédio, que já estava um bocadinho degradado, já era um prédio velho, no centro do Porto que para nós tem uma grande importância sendo nós a secção do local e depois ser um incêndio da magnitude que foi que acabou por ter uma vítima mortal e foram muitas horas de processo: tirar o corpo, ainda houve as perícias, reconstruíram cá fora como é que seria o quarto da senhora para perceber como é que o incêndio se propagou. Terá começado num cobertor elétrico mas ainda não tinha sido

confirmado. Eles estiveram a fazer as perícias. E foi por aí. Não foi pouco outro motivo qualquer, acho eu.

FV: Lembras-te se neste dia já havia abertura? Ou logo, desde cedo, ficou definido que isto ia ser a abertura para o dia seguinte?

MS: Acho que não. Não ficou desde cedo definido. Eu não sei o que era a abertura no dia mas acho que não ficou desde cedo definido porque nós sabíamos que existia um incêndio mas nós só definimos se é abertura ou não, dependendo da recolha de informações que tivemos no local, depende da importância ou não daquilo que recolhemos, daquilo que temos em termos de informação. E acho que depois a decisão fique só na sequência disso. Eu, quando cá cheguei [ao jornal] e depois de ter contado ao Hugo aquilo que tinha ele disse que era abertura mas acho que não ficou definido logo de manhã que isto seria abertura, na reunião.

FV: Nestas duas páginas, para além disto, temos logo aqui outro acidente⁶, que não foi escrito por ti mas... só o teu ponto de vista. Aqui temos uma vítima mortal e aqui temos duas vítimas mortais e um ferido ligeiro. Esta por ter sido no Porto e esta em Gondomar, dá motivos suficientes para isto ser abertura e isto não?

MS: Talvez, talvez seja um bocadinho por aí. Embora nós também privilegiemos todos os concelhos que sejam do núcleo central da área metropolitana. Talvez seja um bocadinho por aí, talvez seja porque morreu uma senhora que vivia sozinha, mesmo que seja por opção e ia cabar também por ser um bocadinho uma problemática. Não deixa de ser uma senhora centenária que vivia sozinha e que, de certa forma, chama a atenção para outros idosos que vivem sozinhos no concelho e na área metropolitana, existem muitos. E que mesmo que seja por opção, mesmo que seja viver sozinho por opção como esta senhora, estão mais vulneráveis a este tipo de situações porque não conseguem ter a destreza suficiente para em caso de acidente muitos abrirem a porta a saírem, principalmente em edifícios como este que tinha três andares e montes de escadas para a senhora descer.

FV: Última pergunta. Na tua perspetiva, quais são as condições para uma peça ser abertura e para uma peça ser breve?

MS: A proximidade que tiver ao leitor; o conteúdo, o que conseguirmos trazer em termos de

⁶ A notícia aqui mencionada foi publicada a três colunas, no mesmo dia, com o título *Amigos morrem na A41 ao voltar do shopping*.

conteúdo e em termos de imagem; o impacto que terá no leitor...

FV: Quando mais impacto...

MS: Sim, quando mais impacto...

FV: Maior probabilidade de ser abertura.

MS: Exatamente e quando mais for também um bocadinho o conteúdo, ou seja, quanto mais for a história, de contares a história de alguém que é alguém que cria afinidade e que cria empatia e que cria proximidade. Eu acho que quando maior for isso, maior é a probabilidade de nós termos aquilo abertura. Quando maior for a novidade, a proximidade, o impacto que terá, acho que são alguns dos factores que influenciam uma abertura ou não.

FV: Pronto, é isto.

1.6. Alfredo Teixeira

O jornalista Alfredo Teixeira tem 50 anos. É jornalista há 26 anos, e é um recente membro da equipa do Jornal de Notícias porque trabalha para esta entidade há um ano. A entrevista que se segue faz referência a duas notícias, ambas foram publicadas na abertura. A primeira foi publicada no dia 15 de outubro de 2018, com o título *Sem-abrigo morre numa rua em pleno centro do Porto*. A segunda foi publicada no dia 24 de janeiro, com o título *Fuga de monóxido de carbono mata dois homens no hospital*.

Filipa Vieira (FV): Relativamente a essa peça, a primeira coisa que te pergunto é: como é que tiveste conhecimento do que aconteceu.

Alfredo Teixeira (AT): Tive conhecimento do que aconteceu no *Facebook*. Alguém partilhou uma notícia no *Facebook*, a dizer que terá acontecido isto na Praça dos Poveiros e, na altura, como é no *Facebook*, numa rede social, a gente desconfia sempre se é verdade. Depois fui ver se seria mesmo verdade. Isto foi num fim de semana, falei com a editora que ia lá ver, apurar a veracidade do que era dito e era verdade. As pessoas confirmaram isso. Entretanto foi lá o repórter fotográfico e fizemos a reportagem.

FV: Foi fácil conseguir chegar ao local?

AT: Foi. Foi aqui na Baixa, foi perto, fui a pé.

FV: Quando chegaste lá qual era o cenário? Ainda estava lá o corpo?

AT: Não, já não estava lá o corpo porque isto tinha acontecido no dia anterior, acho eu, à tarde. Portanto, ninguém deu por nada.. nas redes sociais as pessoas põem-se logo a denunciar

a situação. Pelos vistos, isto já é um local muito frequentado por sem-abrigo. Não é a primeira vez que isto tenha acontecido.

FV: Numa situação dessas com quem é que tentaste falar primeiro?

AT: Foi com as pessoas que... comerciantes, que estão ali de forma permanente na zona e foram os comerciantes que confirmaram a situação. Depois falei com colegas do sem-abrigo, que vivem uma realidade naquele local.

FV: Era isso que eu te ia perguntar. Se tinha sido difícil ou não conseguir informações sobre a vítima.

AT: Não foi difícil porque estavam lá os outros amigos e pronto, à partida as informações eram verdadeiras. Eu tentei ainda falar com a Câmara Municipal do Porto porque eles têm aqueles programas de apoio aos sem-abrigo mas, como era fim de semana, não consegui.

FV: No início da peça, começaste por uma contextualização e descrição até mesmo do local. Por algum motivo em especial? É uma característica tua? Ou achaste apropriado?

AT: Achei apropriado neste caso, uma vez que é um espaço muito frequentado na cidade. Um dos espaços mais frequentados e também um dos espaços onde existem mais pessoas sem-abrigo. Nas entradas tem um parque subterrâneo à praça e as pessoas dormem lá nas escadas.

FV: Esta peça foi abertura de secção. No teu ponto de vista, porque é que teve este destaque? Mesmo sendo uma coisa que já não era atual, muito atual.

AT: Era atual porque ainda não tinha sido noticiado e depois é uma situação chocante ser realizada num país que se diz de primeiro mundo, haver gente que ainda morre assim sem nenhum apoio no meio da rua. Segundo se consta, este senhor terá sido descoberto por um casal de turistas franceses. É chocante, não é?

FV: Lembraste se, nesse dia, já havia abertura?

AT: Eu penso que já haveria abertura. Eu fui para lá à tarde portanto a editora já teria um texto destinado a este espaço. Mas entretanto, como este era uma situação do dia e grave, pronto.

FV: Nos teus textos tentas imprimir alguma coisa que seja uma característica tua?

AT: Não sei.

FV: É natural.

AT: É natural. Todos nós temos uma forma de escrever própria, não é?

FV: Sim. Tenho de fazer aqui uma comparação. Aí foi apenas o caso de um morte. Vamos comparar, por exemplo, com este⁷. Temos aqui uma vítima mortal e aqui também. Neste caso foi um motociclista que morreu numa colisão com um carro. No teu ponto vista, quais são os motivos para, embora seja um vítima mortal, uma peça ser abertura e outra ser breve?

AT: Acidentes de viação há todos os dias. E só é abertura o acidente de viação quando tem mais de uma vítima ou tem um bebé com vida ou uma mãe grávida ou algo que puxe mais destaque. Mas sobretudo que tem mais de uma vítima. Há todos os dias acidentes.

FV: Sim, isso sim.

AT: Passando aqui para outro caso⁸... esta da fuga. Começo também pelas primeiras perguntas que te fiz. Como é que tiveste conhecimento disso? Se te recordas.

AT: Esta foi através da volta telefónica.

FV: E foi fácil chegar lá? Porque isso não é bem cá.

AT: Sim, é no Porto mas já é fora do centro, não é? É num hospital psiquiátrico.

FV: Mas foi fácil chegares lá.

AT: Já não foi tão fácil porque já se tem de atravessar a cidade para chegar ali. E nem sempre é fácil.

FV: Mas isso aí é recente. Estava a acontecer quando soubeste.

AT: Estava a acontecer sim. O alerta foi às 9.45 horas, nós fazemos a volta por volta das 10 horas e pronto estava... na altura até diziam que, se bem me lembro, nem sequer era aqui, que era no Bairro de Aldoar, foi a informação que tivemos que é aqui ao lado, fica aqui perto. Depois é que foi aqui. O cenário que encontrámos não foi fácil porque isto é um espaço fechado com muros. Não tínhamos acesso ao local. Tínhamos de estar no exterior do edifício. Isto era um Hospital ainda por cima numa área que é explorada por uma empresa privada e tivemos de ficar no exterior do edifício a ver o que se passava, a falar com as pessoas que entraram e saíam.

FV: Foi fácil conseguir essas informações?

AT: Não, não foi fácil porque lá está... nós estávamos ali, era um bocado o “diz que disse”, foi mais através dos Bombeiros e por acaso acabei por falar com uma pessoa que estava lá

⁷ A notícia aqui mencionada foi publicada numa breve, no dia 6 de outubro de 2018, com o título *Motociclista morre numa colisão com carro na EN108*.

⁸ Este caso diz respeito à peça *Fuga de monóxido de carbono mata dois homens no hospital*, publicada no dia 24 de janeiro, com destaque na abertura.

porque a vítima mortal era colega de trabalho. E foi assim uma coisa. A sorte. (...) Não conseguimos chegar depois à família e não quiseram falar.

FV: Nesse caso, qual achas que foi a maior dificuldade na redação da peça? Porque informações secalhar não eram muitas. E depois era muito espaço.

AT: Nós sabíamos o que tinha acontecido. Isso era o mais importante, não é? O Comandante dos Bombeiros tinha-nos explicado e depois pronto conseguimos saber o nome das vítimas. O mais difícil foi chegar à identidade e ter algum testemunho. O Comandante dos Bombeiros é normal ou a Polícia... temos de ter um *vevo*, uma voz. E aqui a grande dificuldade era encontrar isso.

FV: No teu ponto de vista, o que achas sobre o destaque que foi dado? Isto era peça para ser abertura.

AT: Era. São dois mortos, num Hospital, portanto...

FV: Por último, também te pergunto, se na altura em que isto foi abertura, já havia peça para ser.

AT: Penso que não. Neste dia foi logo ao início da manhã portanto, há partida, ia ser...

FV: Já estavam a contar com isso?

AT: Já, já.

FV: E pronto, é isto.

1.7. Carla Soares

O jornalista Marisa Silva tem 43 anos. É jornalista há 22 anos e sempre trabalhou no Jornal de Notícias. A entrevista que se segue remete para uma notícia de duas colunas, referente ao dia 3 de novembro de 2018, com o título *Despistou-se e escapou por pouca a ravina*. Esta entrevista, por falta de disponibilidade da jornalista, foi realizada por correio eletrónico.

Filipa Vieira (FV): Como tiveste conhecimento do acidente?

Carla Soares (CS): Através dos bombeiros, durante a volta telefónica que fazemos diariamente.

FV: Foi difícil chegar ao local? Deparaste-te com que cenário?

CS: Foi difícil apenas porque, sendo uma via de cintura interna (VCI), não havia local para

circulação de peões. Quando cheguei, deparei-me com o camião acidentado junto à ravina, sem confusão no trânsito.

FV: Conseguiu falar com Carlos Ricardo, o condutor do camião. Foi fácil conseguir obter declarações dele?

CS: Sim, estava junto ao camião e foi acessível.

FV: Não há nenhuma declaração dos Sapadores do Porto ou da divisão de Trânsito da PSP. Qual é o motivo?

CS: A informação do texto partiu das autoridades, não sendo necessário sempre especificar o nome de alguém, o importante é ter a informação correta. Os responsáveis foram entrevistados para o vídeo que fizemos porque nesse caso é importante personalizar um depoimento.

FV: Tens alguma característica própria que tentes imprimir nos teus textos?

CS: Sobretudo rigor e o máximo de pormenores.

FV: Qual é o teu ponto de vista sobre o destaque dado a esta peça? Podia ter sido breve?

CS: Acho que foi suficiente e adequado.

FV: Na tua perspetiva, quais são as condições para uma peça ser abertura? E breve?

CS: Depende do assunto, num acidente terá sempre a ver com a sua gravidade e das respetivas vítimas.

Apêndice 2 - Entrevista aos editores da secção *Porto* do Jornal de Notícias

As entrevistas abaixo transcritas foram realizadas no dia 26 de abril de 2018, na sede do Jornal de Notícias, na Rua de Gonçalo Cristovão, no Porto. Os entrevistados foram os editores da secção *Porto* aquando do meu período de estágio, entre 1 de outubro de 2018 e 31 de janeiro de 2019, sendo eles, o Hugo Silva e a Cláudia Monteiro. As entrevistas foram feitas presencialmente.

Hugo Silva tem 41 anos e é editor da secção Porto do Jornal de Notícias há 10 anos. O seu percurso como jornalista começou no JN há 21 anos.

Cláudia Monteiro tem 43 anos e também é editora da secção Porto do Jornal de Notícias. Com uma carreira de duas décadas no JN, faz parte da editoria há quatro.

Filipa Vieira (FV): Qual é o trabalho de um editor?

Hugo Silva (HS): Edita. Um editor começa pelo planeamento da secção. Saber o que vai ser tratado, o que não vai ser tratado. Quer numa perspetiva a médio e longo prazo, que numa perspetiva mais imediata, fazer a agenda do dia seguinte. Durante o dia é a seleção das notícias que vão entrar quer no papel, quer no *online* e no caso do papel desenhar as páginas com os gráficos, hierarquizando as notícias.

FV: Há algum critério que vocês tenham para selecionar as notícias que vão para cada edição?

Cláudia Monteiro (CM): Claro. O impacto que as notícias têm junto das pessoas. Temos o critério da proximidade desde logo porque tratamos das notícias da área metropolitana do Porto e temos atenção do número que pessoas que é afetada por cada notícia. Acho que a proximidade deve ser o principal.

FV: O destaque que é dado a cada notícia é da vossa responsabilidade ou é de alguém que está acima de vós?

HS: Em primeiro passo é da editoria sempre mas depois tem sempre o chapéu quer da chefia da redação quer da direção. Em última instância, a palavra é sempre da direção.

FV: Em caso de notícias de última hora... por exemplo, final de dia, a edição está a fechar... têm algum plano?

CM: Temos. Voltar a fazer.

HS: Desfazer e voltar a fazer. Enquanto o jornal não fechar no papel, pode-se sempre mudar.

FV: A intemporalidade e o imediato são fatores importantes nesta secção?

CM: O imediato é importante nesta secção e em todas as secções porque é matéria com que nós tratamos, não é? São as notícias. Aquilo que é notícia é aquilo que é novo, que é novidade, que aconteceu. Essa é a matéria-prima. Agora, a intemporalidade...

HS: A intemporalidade tem mais haver com trabalhos de fundo. Pensar na cidade, pensar nas cidades, pensar na região. Ir um bocadinho além do que acontece no dia a dia.

FV: Como é que decidem qual é a peça que vai para abertura? Sendo que é a peça que tem mais destaque.

HS: Tem haver com aquilo que a Cláudia já disse que é aquela que tem mais impacto junto das pessoas. Temos de ver também que estamos a trabalhar no JN que é diferente uma notícia no JN, no Expresso, no Público. Embora, no limite, uma notícia é uma notícia. Mas o JN dá primazia à proximidade e às comunidades. Por isso, é o impacto que a notícia tem. Quanto maior é o alcance de pessoas, mais importância tem.

CM: Também é um tema nosso. Há temas que são nossos, que somos nós que pensamos ou que são bandeiras de JN que saíram de propostas de jornalistas ou nossas, é um tema nosso, não é um tema de agenda e por isso merece também maior destaque.

HS: E boa parte das nossas peças e das nossas aberturas são temas nossos. Somos nós que marcamos na nossa agenda, não é agenda vinda de fora, dos Presidentes de Câmara por muita importância que tenham ou dos Ministérios, são coisas que nós fazemos que sentimos que temos de fazer e depois damos a importância e tentamos seguimos sempre.

FV: O destaque que é dado às peças também vai depender das informações que o jornalista recolhe no local?

CM: Claro.

HS: Sempre.

FV: Agora tenho aqui dois exemplos. (Preparo dois jornais em cima da mesa: *Despiste na Al vitima jovem jogador de futebol de 20 anos* [publicado a duas colunas no dia 1 de janeiro de 2018] e *Apaixonado por motas morre em acidente* [publicado a duas colunas no dia 7 de outubro de 2018]). Porque é que esta peça, por exemplo, (*Despiste na Al vitima jovem jogador de futebol de 20 anos*) não acabou por este três ou quatro colunas, porque é que

acabou por não ser abertura, porque por coincidência acabaram por ter as duas o mesmo destaque.

HS: Sabes que num jornal diário não podemos dar a mesma importância, por paradoxal que seja, a mesma importância ao mesmo assunto todos os dias. É impossível dizer-te isto sem saber o que é a abertura (vira a página do jornal) e a abertura é um assunto que mexe com a região. Isto aqui provavelmente, ao início da tarde, com a informação que tínhamos, foi o que achamos bem dar.

CM: Aqui também tínhamos pouca informação acerca deste morto. Nós soubemos no limite quem era um rapaz e onde jogava e isso também pesa...

HS: Há sempre uma série de fatores, a que horas sabemos, as informações que temos, se temos de fechar mais cedo ou não, se é uma boa história, às vezes sabemos que há um morto mas não há história. Houve um acidente e morreu. Outras vezes temos uma história para contar. Se for uma carrinha com crianças temos uma história para contar. Depois depende muito dos assuntos do dia. Num dia, um acidente mortal pode ser abertura, noutro dia pode ser duas colunas, noutro dia de loucura pode ser uma coluna.

FV: Quanto eu falei com os jornalistas, também disseram que acidentes de viação é algo que acontece todos os dias, que não é novidade. Também acaba por ir um bocadinho por aí?

HS: Não.

CM: Não. Porque um acidente com mortes, geralmente...

HS: É sempre notícia.

CM: É sempre notícia. Tentamos sempre...

HS: Pode haver acidentes que não tendo vítimas mortais param a VCI e tens de refletir isso... isso mexe com a vida das pessoas. Se mexe com a vida das pessoas é notícia. Tens de refletir isso porque no café, no dia seguinte, as pessoas vão querer ir ver e querem ver os acidentes.

FV: (Preparo mais dois jornais: *Sem-abrigo morre na rua em pleno centro do Porto* [publicado em abertura de secção no dia 15 de outubro de 2018] e *Motociclista morre numa colisão com um carro na EN108* [publicado numa breve no dia 6 de outubro de 2018]). Tanto neste como neste, trata-se de uma vítima mortal e este foi para breve e este foi para abertura. Basicamente é o porquê de isto acontecer?

HS: Não te sei explicar em concreto mas muito provavelmente isto soubemos tarde, provavelmente tínhamos de fechar até às 18 horas e o acidente foi às 19.45 horas e temos de

dar a notícia com o que temos.

CM: Enquanto esta aqui (fala sobre a peça que foi abertura) reflete uma problemática muito mais abrangente. Partimos de uma morte para abordar um assunto importante que tem impacto na sociedade que é o número de sem-abrigos... desde logo a situação dramática de um sem-abrigo morrer numa cidade no século 21, depois até fomos mais além e damos a situação dos sem-abrigo no país.

HS: Apesar no título ser este é o ponto de partida para um trabalho mais vasto que neste caso não conseguimos ir mais o que não significa que no dia seguinte não voltemos ao assunto. Muitas vezes, no dia, não conseguimos saber quem é a vítima, se há alguma história, mas no dia seguinte partimos outra vez para o terreno para tentar perceber.

FV: Outra vertente. Hora de fecho, quantidade de páginas, como é que isso acaba por ser definido? Porque nem sempre tem o mesmo número de páginas. Vai sempre variar.

CM: Isso não depende de nós.

HS: Não depende de nós. Dependendo de nós, tínhamos sempre muitas páginas. É sempre a direção que decide, a direção e a chefia. De acordo com o número de páginas disponíveis e depois o horário de fecho é uma questão industrial. Sempre que o jornal tem mais de 48 páginas, as centrais, as que ficam no meio do jornal têm de fechar até às 18 horas. E muitas vezes o local calha nessas páginas e temos de fechar até às 18 horas.

CM: O papel é um dos maiores custos de produção, vivendo nós uma crise de publicidade, temos menos páginas de jornal que são disputadas por cada editoria. E jogasse sempre uma luta, uma tensão. Porque pedimos sempre mais páginas e acabamos por ter nos cingir às páginas que não.

HS: E as horas de fecho têm de ser respeitadas senão pagas uma multa na gráfica.

FV: O desenho das páginas são vocês que fazem?

(A entrevista foi interrompida por uma jornalista que precisou de falar com os editores)

FV: Desenho das páginas...

HS: Sim somos nós que decidimos e por norma desenhamo-las e depois, com os gráficos, é que acertamos os pormenores.

FV: Em termos de acidente, quando acontece alguma coisa como é que vocês avaliam? Vão pelo morto, vão pelas informações que há no local... pelo impacto que tem, que é no Porto ou não...

HS: Acabamos sempre por fazer uma triagem para ver se vale a pena ir ao sítio ou não. Se há vítimas, se está a cortar uma estrada, se está a cortar alguma estrada importante, se há muitos meios no local... depois, no mundo ideal, íamos sempre ao sítio porque as notícias não se fazem aqui sentadas é ir sempre ao sítio mas com recursos debilitados temos sempre de fazer uma triagem para ver se vale a pena ir ao sítio. E depois há isso, é uma conjugação... se há vítimas, se está uma estrada cortada, se está muita confusão, se conjugar esses três fatores temos de ir lá.

FV: Pronto, é isto.

Apêndice 3 – Acidentes entre 1 de outubro de 2018 e 31 de janeiro de 2019

As tabelas apresentadas são os levantamentos de todos os acidentes noticiados entre 1 de outubro de 2018 e 31 de janeiro de 2019, na secção *Porto* do Jornal de Notícias.

3.1. Mês de outubro de 2018

Dia e páginas	Título	Local	Vítimas			Destaque
			FL	FG	VM	
1 ⁹ (18-21)	Despiste de autocarro da STCP causa oito feridos	Maia	7	1		DUAS COLUNAS
2 ¹⁰ (22-25)	Três feridos em acidente na A29	Espinho	3			Breve
3 ¹¹ (29-33)	Morre em acidente de mota quando ia para o trabalho	Paredes			1	DUAS COLUNAS
	“As chamas estavam muito perto das casas”	Maia				DUAS COLUNAS
	Trator perde roda na EN318 e complica trânsito	Trofa				Breve
5 ¹² (22-24)	Fogo em exaustor de cozinha faz três feridos por inalação de fumo	Porto	3			Breve
6 (18-22)	Motociclista morre numa colisão com um carro na EN108	Gondomar			1	Breve
	Resgataram homem que caiu a	Paredes	1			Breve

⁹ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

¹⁰ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

¹¹ A notícia (que não é acidente) faz referência de capa.

¹² A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa com pequena fotografia. O jornal ainda foi revestido por uma página publicitária ao Prémio Uva de Ouro 2018.

	poço					
7 ¹³ (22-26)	Apaixonado por motos morre em acidente	Porto			1	DUAS COLUNAS
8 ¹⁴ (18-22)	Cinco feridos em acidente nas portagens de Grijó	Gaia	4	1		UMA COLUNA
9 (20-24)	Idoso morre na passadeira a poucos metros de casa	Matosinhos			1	TRÊS COLUNAS
10 ¹⁵ (20- 25)	Foi comer uma sopa e a casa ardeu	Feira				Breve
11 ¹⁶ (20-23)	Atingidos pelo metro ao atravessar	Matosinhos	2			Breve
12 ¹⁷ (24-28)	Fogo em três zonas do mesmo prédio assustou moradores	Porto				TRÊS COLUNAS (UMA DELAS É PARA DUAS VOZES)
14 (22-25)	Jovem morre em despiste de mota no regresso a casa	Oliveira de Azeméis			1	SEIS COLUNAS
15 ¹⁸ (20-23)	Sem-abrigo morre na rua em pleno centro do Porto	Porto			1	Abertura de secção
	Fogo em fábrica não põe em	Oliveira de				UMA COLUNA

¹³ A abertura de secção (que não é acidente) faz manchete.

¹⁴ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

¹⁵ A notícia (que não é acidente) faz referência de capa.

¹⁶ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

¹⁷ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

¹⁸ A abertura de secção (é acidente) faz referência de capa.

	risco empregos	Azeméis				
	Retirados de prédio devido a incêndio numa cozinha	Porto				Breve
16 ¹⁹ (22-27)	“Ninguém contava. Não lhes deu tempo sequer para pedir socorro”	Naufrágio			1 ²⁰	Abertura de secção (ocupa duas páginas)
	Árvore caída na estrada causa acidente fatal	Maia			1	QUATRO COLUNAS (UMA DELAS PARA A VÍTIMA)
	Homem que morreu na rua era acompanhado	Porto				DUAS COLUNAS (ATUALIZAÇÃO DE DIA 15)
	Bombeiros feridos quando iam acorrer a falsa emergência	Santo Tirso	4			QUATRO COLUNAS
17 ²¹ (28-31)	“Perdi o ‘meu irmão mais velho’ e quase perdia o meu filho	Naufrágio				PÁGINA INTEIRA (ATUALIZAÇÃO DE DIA 16)
18 ²² (20-25)	Três pescadores continuam desaparecidos	Esmoriz				UMA COLUNA (ATUALIZAÇÃO DE DIA 16)
	Morreu atropelada no dia em que fazia 82 anos	Vila do Conde			1	TRÊS COLUNAS
	Jovem de 20 anos ferida com gravidade em atropelamento	Matosinhos		1		Breve

¹⁹ A abertura de secção (é acidente) faz referência de capa.

²⁰ Para além de uma vítima mortal, contam-se três desaparecidos e um sobrevivente.

²¹ A abertura de secção (que não é acidente) faz foto de capa.

²² A notícia (que não é acidente) faz referência de capa.

19 ²³ (20-24)	Morre atropelado a poucos metros do bairro onde vivia	Gondomar			1	DUAS COLUNAS
	Lágrimas e dor no adeus ao pescador	Póvoa de Varzim				TRÊS COLUNAS (ATUALIZAÇÃO DE DIA 16)
	Bloco do IPO evacuado devido a incêndio	Porto				UMA COLUNA
	Explosão seguida de fogo danifica prédio	Gaia				TRÊS COLUNAS (FOTOGRAFIA OCUPA DUAS)
	Idosa retirada de casa devido a incêndio na cozinha	Porto	1			Breve
20 ²⁴ (20-23)	Passeio com cadela acabou em tragédia	Gondomar			1	TRÊS COLUNAS
	Idosa sobrevive a colisão que bloqueou A28	Matosinhos	1			DUAS COLUNAS
	Submarino ajudou nas buscas pelos três pescadores	Esmoriz				Breve (ATUALIZAÇÃO DE DIA 16)
21 (22-26)	Fogo em camião de legumes obrigou a cortar acesso à A28	Póvoa de Varzim				Breve
22 ²⁵ (18-23)	Atingido por disparo quando participava em caçada ao coelho	Matosinhos		1		DUAS COLUNAS
23 ²⁶	Marinha encontrou o “Mestre	Naufrágio				DUAS COLUNAS (ATUALIZAÇÃO

²³ A notícia (que não é acidente) faz referência de capa.

²⁴ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

²⁵ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

²⁶ A abertura de secção (que não é acidente) faz foto de capa.

(24-27)	Silva”					DE DIA 16)
	Três feridos ligeiros em acidente	Matosinhos	3			Breve
	Bloco operativo do IPO em funcionamento após incêndio	Porto				Breve (ATUALIZAÇÃO DE DIA 16)
24 ²⁷ (26-30)	Fogo mata 560 vacas e causa um milhão de prejuízo	Póvoa de Varzim			560	DUAS COLUNAS
25 ²⁸ (26-28)	Cinco feridos em acidente que envolveu três veículos	Gaia	5			Breve
26 ²⁹ (18-20)	Acidente entre automóvel e autocarro faz 11 feridos	Porto	8	3		TRÊS COLUNAS
27 (18-21)	Incêndio destrói casa devoluta na Travessa do Bonjardim	Porto				Breve
	Incêndio destrói sistema de exaustão de churrasqueira	Gaia				Breve
	Trabalhador sofre descarga elétrica em corticeira	Feira		1		Breve
28 (20-22)	Três mulheres intoxicadas com cola em fábrica	Trofa	3			Breve
29 ³⁰ (20-23)	Acidente de mota faz ferido grave	Gaia		1		Breve
	Dois jovens feridos em despiste na EN 108	Gondomar	1	1		Breve

²⁷ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

²⁸ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

²⁹ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

³⁰ A notícia (que não é acidente) faz referência de capa.

31 ³¹ (22-26)	Foi despejar o lixo e foi atropelado	Gondomar			1	TRÊS COLUNAS
			FL	Ferido ligeiro		
			FG	Ferido grave		
			VM	Vítima mortal		

3.2. Mês de novembro de 2018

Dia e páginas	Título	Local	Vítimas			Destaque
			FL	FG	VM	
1 ³² (18-21)	Trabalhador da EDP morre atingido por poste	Trofa			1	DUAS COLUNAS
2 ³³ (20-24)	Vizinhos alertaram para incêndio que destruiu um quarto	Oliveira de Azeméis				Breve
3 ³⁴ (18-22)	Despistou-se e escapou por pouco a ravina	Porto				DUAS COLUNAS
	Moradores de prédio apagam chamas em loja	Feira				DUAS COLUNAS
	Bebé de dois meses morre engasgado em Crestuma	Gaia			1	Breve

³¹ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

³² A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

³³ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

³⁴ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa. E uma notícia (que não é acidente) faz referência de capa.

5 ³⁵ (18-21)	Dois acidentes na A4 provocaram seis feridos	Matosinhos	6			Breve (fotolegenda)
	Incêndio em apartamento na Rua 21	Espinho				Breve
6 ³⁶ (20-24)	Carrinha em contramão faz um ferido ligeiro perto do Freixo	Porto	1			Breve
7 ³⁷ (24-26)	Almoço para ajudar agricultor que perdeu 560 vacas	Póvoa de Varzim				Breve (ATUALIZAÇÃO DO DIA 24 DE OUTUBRO)
8 ³⁸ (20-24)	Cervajaria Gazela atingida por fogo à hora do almoço	Porto				TRÊS COLUNAS
10 (20-25)	Saiu do carro pelo próprio pé após capotamento	Feira	1			UMA COLUNA (TAMANHO BREVE)
11 (24-27)	“Tive de sair de casa, as labaredas eram enormes”	?				DUAS COLUNAS
	Mulher de 71 anos sai ilesa e pelo próprio pé de despiste aparatoso	S. João da Madeira				Breve (fotolegenda)
	Dois feridos em acidente que condicionou trânsito na VCI	Porto	2			Breve
12 ³⁹ (20-22)	Incêndio num salão na Gandra	Paredes				Breve

³⁵ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

³⁶ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

³⁷ A notícia (que não é acidente) faz referência de capa.

³⁸ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

³⁹ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

13 ⁴⁰ (20-24)	Jovem colhido na EN1 fica em estado grave	Gaia		1		Breve
	Autocarro sem travões atropela trabalhador	Gaia	1			Breve
14 (25-28)	Morreu ao cair do telhado da casa para onde ia viver	Trofa			1	DUAS COLUNAS
17 ⁴¹ (20-24)	Balões e pétalas em homenagem a Miguel	Porto				DUAS COLUNAS (ATUALIZAÇÃO DA PEÇA DE DIA 7 DE OUTUBRO)
18 ⁴² (20-24)	Ferido grave após ter sido atacado por cão	Trofa		1		DUAS COLUNAS
19 ⁴³ (18-22)	Morre num acidente em cruzamento a um quilómetro de casa	Feira	2		1	DUAS COLUNAS
	Mulher e criança assistidas após acidente com autocarro da STCP	Matosinhos	2			Breve
	Homem de 37 anos ferido em capotamento em Gulpilhares	Gaia	1			Breve (fotolegenda)
20 ⁴⁴ (20-24)	Motociclista ferido em colisão	Feira	1			Breve (fotolegenda)
23 ⁴⁵ (22-27)	Acidente corta A43 e lança caos no trânsito	Porto	5			TRÊS COLUNAS

⁴⁰ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁴¹ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁴² A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁴³ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁴⁴ A notícia (que não é acidente) faz referência de capa.

⁴⁵ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

	Um ferido grave em acidente na A1 em Pedroso	Gaia	1	1		Breve
	Duas pessoas feridas após colisão na A28 em Modivas	Vila do Conde	2			Breve
25 (24-27)	Bombeiros já tiveram alta	Gondomar				Breve (ATUALIZAÇÃO)
27 ⁴⁶ (22-25)	Duas mulheres feridas em acidente na Rua Alão de Moraes	São João da Madeira	2			Breve
	Despiste de camião corta EN326	Arouca	1 ⁴⁷			Breve
	Colisão junto à ponte de Reguenga	Santo Tirso	4			Breve
29 ⁴⁸ (22-27)	Colisão entre carro e mota deixou dois homens feridos	Gaia	2			Breve
	Carro capotado na VCI condicionou trânsito	Porto	1			Fotolegenda (= breve com fotografia)
			FL	Ferido ligeiro		
			FG	Ferido grave		
			VM	Vítima mortal		

⁴⁶ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁴⁷ A peça refere que o ferido precisou de ser desencarcerado. Supõe-se que seja ferido ligeiro pois não há referência a ferimentos graves.

⁴⁸ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

3.3. Mês de dezembro de 2018

Dia e páginas	Título	Local	Vítimas			Destaque
			FL	FG	VM	
1 ⁴⁹ (20-25)	“Já não pude fazer nada, o fogo tomou conta do prédio”	Porto			1	Abertura de secção
	Amigos morrem na A41 ao voltar do shopping	Gondomar	1		2	QUATRO COLUNAS (DUAS SÃO PARA AS VÍTIMAS)
	Ardeu mais um autocarro da Resende	Valongo				DUAS COLUNAS
2 ⁵⁰ (24-27)	Três jovens feridos em acidente de viação	Feira	1	2		Breve
3 ⁵¹ (18-21)	Foi encontrado morto na mata por caçadores	Feira			1	DUAS COLUNAS
5 ⁵² (24-27)	Cinco pessoas ficaram feridas num choque entre dois carros	Espinho	3	2		Breve
6 ⁵³ (20-25)	Camião embate numa casa após despiste	Oliveira de Azeméis		1		DUAS COLUNAS
	Descarrilamento baixa velocidade para 50 km/h	Porto				TRÊS COLUNAS

⁴⁹ A notícia (que não é acidente) faz referência de capa.

⁵⁰ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁵¹ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁵² A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁵³ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

	Acidente entre carro e moto na ponte de Leça faz dois feridos	Matosinhos	2			Breve
7 ⁵⁴ (23-27)	“Vinha todos os dias ao quartel, vai fazer muita falta”	Oliveira de Azeméis			1	TRÊS COLUNAS (ATUALIZAÇÃO DE DIA 6)
	Trator derruba muro e cai de uma altura de 15 metros	Vale de Cambra		1		UMA COLUNA
	Três passageiros feridos em acidente entre morta e autocarro	Gaia	3			Breve
9 ⁵⁵ (22-26)	Mulher de 80 anos morre após cair do 3.º andar	Oliveira de Azeméis			1	DUAS COLUNAS
	Colisão frontal na Via Estruturante Espargo/Rio Meão faz três feridos	Feira	2	1		Breve
10 ⁵⁶ (18-21)	Sete feridos em acidente junto à Santa Rita	Valongo	5	2		DUAS COLUNAS
11 ⁵⁷ (26-29)	Conduta rebentou e deixou escola sem água	Maia				UMA COLUNA
	Fuga de gás leva bombeiros a escola primária	Gaia				Breve
12 ⁵⁸ (24-27)	Despiste de pesado fechou A29 durante dez horas	Gaia	4			QUATRO COLUNAS

⁵⁴ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁵⁵ A notícia (que não é acidente) faz referência de capa.

⁵⁶ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁵⁷ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁵⁸ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

13 ⁵⁹ (21-25)	Aparatoso embate manda cinco pessoas para o hospital	Matosinhos		5 ⁶⁰		Breve
14 (18-22)	Acidente entre camião e carro provoca dois feridos	Maia	2			UMA COLUNA
	Idoso ferido com gravidade em atropelamento na passadeira	São João da Pesqueira		1		Breve (fotolegenda)
15 (22-25)	Acidente em Santa Maria de Lamas causou quatro feridos	Feira	4			Breve
16 (20-24)	Colisão violenta na EN14 mata jovem de 21 anos	Trofa	2	1	1	QUATRO COLUNAS
19 (16-21)	Avó e neta atingidas por chapa de prédio	Porto		1		UMA COLUNA
	Fogo danifica cinco carros em Mafamude	Gaia				DUAS COLUNAS
	Camião colide com casa em Valongo	Valongo				UMA COLUNA
	Idoso morreu atropelado pelo camião do lixo	Vila do Conde			1	DUAS COLUNAS
	Caiu altar de Santo António da Igreja Matriz	Vila do Conde				DUAS COLUNAS
	Queda de árvore e fios de eletricidade cortam rua	Gaia				Breve
20 ⁶¹ (20-23)	Sente-se mal ao volante e morre em despiste	Matosinhos			1	DUAS COLUNAS

⁵⁹ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁶⁰ A breve não explicita a gravidade dos feridos. Apenas salienta “(…) violento embate entre dois carros (...)”.

⁶¹ A abertura de secção (que não é acidente) faz foto de capa.

22 (22-25)	Incêndio em cozinha	S. João da Madeira	2 ⁶²			Breve (fotolegenda)
23 (20-25)	Ferido com gravidade após capotar na A4	Paredes		1		DUAS COLUNAS
24 (16-19)	Morre em colisão frontal após jantar da empresa	Trofa			1	QUATRO COLUNAS
	Despiste fatal para motociclista a caminho de casa	Ovar			1	QUATRO COLUNAS
25 ⁶³ (18-21)	Funcionários da Suma feridos em acidente	Gaia	2	1		Breve
26 ⁶⁴ (14-17)	Acidente entre três carros causa dois feridos em Mindelo	Vila do Conde	1	1 ⁶⁵		Breve
27 ⁶⁶ (20-24)	Duas meninas atropeladas ao atravessar a passadeira	Paredes	2			Breve
28 ⁶⁷ (20-23)	Colisão entre carro e metro faz um ferido em Rio Tinto	Gondomar	1			Breve
29 (20-23)	Cadela deu alerta para incêndio em garagem	Gaia				QUATRO COLUNAS (MEIA PÁGINA)
31 (18-21)	Acidente fere casal na EN222 em Avintes	Gaia	2			Breve

⁶² A breve não é explícita. Apenas salienta “Um homem e uma mulher foram assistidos ontem de manhã pelos Bombeiros de São João da Madeira e INEM devido a inalação de fumos”.

⁶³ Uma notícia (que não é acidente) faz referência de capa.

⁶⁴ A abertura de secção (que não é acidente) faz foto de capa.

⁶⁵ A breve não é explícita. Apenas salienta “O ferido grave foi transportado para o Hospital de S. João, enquanto o outro recebeu tratamento no Hospital da Póvoa”. Assim, pressupõe que, o segundo, fosse um ferido ligeiro.

⁶⁶ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁶⁷ A abertura de secção (que não é acidente) faz foto de capa.

	FL	Ferido ligeiro
	FG	Ferido grave
	VM	Vítima mortal

3.4. Mês de janeiro de 2019

Dia e páginas	Título	Local	Vítimas			Destaque
			FL	FG	VM	
1 (16-20)	Despiste na A1 vítima jovem jogador de futebol de 20 anos	Feira	1		1	DUAS COLUNAS
3 ⁶⁸ (18-20)	Despistou-se e foi contra poste de eletricidade em Cucujães	Oliveira de Azeméis		1 ⁶⁹		Breve
	Ferido grave ao cair de andaime	Feira		1		Breve
5 ⁷⁰ (16-21)	Motociclista morreu em colisão que entupiu a VCI	Porto			1	QUATRO COLUNAS
	Mulher atropelada na passadeira	Gaia	1			Breve
	Incêndio desaloja casal e filho	Feira				Breve

⁶⁸ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁶⁹ A breve não é explícita. Apenas salienta “O despiste de um carro (...) feriu um homem. A vítima foi assistida pelos Bombeiros de Oliveira de Azeméis e pela equipa da viatura médica de emergência e reanimação da Feira, seguindo depois para o Hospital de S. Sebastião”. Assim, pressupõe que se trate de um ferido grave.

⁷⁰ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

6 (18-21)	Funcionários apagam incêndio	Oliveira de Azeméis				Breve (fotolegenda)
7 ⁷¹ (16-20)	Menina de cinco anos atropelado à porta de casa em estado grave	Feira		1		CINCO COLUNAS
8 ⁷² (18-22)	Menina atropelada continua nos Cuidados Intensivos do São João	Feira				DUAS COLUNAS (ATUALIZAÇÃO DE DIA 7)
	“Tive de sair dali, senão morria. Foi um susto”	Póvoa de Varzim				QUATRO COLUNAS
	Ferido no rosto e numa mão após explosão em fogueira	Feira		1 ⁷³		UMA COLUNA
9 (18-22)	Família de Paredes chora morte de emigrante	Paredes			1	QUATRO COLUNAS
10 ⁷⁴ (18-22)	Incêndio em cozinha deixa casa inabitável	Feira				Breve
11 (18-22)	“Está a ser um momento muito difícil para todos”	Gaia			1	DUAS COLUNAS
	Homem queimado devido a explosão	Paredes	1	1		DUAS COLUNAS
12 ⁷⁵ (20-24)	Morre atropelada por autocarro à frente do marido	Gaia			1	TRÊS COLUNAS

⁷¹ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁷² A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁷³ A breve não é explícita. Apenas salienta “Um homem de 63 anos sofreu ferimentos no rosto e na mão devido a uma explosão numa fogueira (...) A vítima foi assistida pelos Bombeiros Voluntários da Feira e pela equipa médica de emergência e reanimação Após ter recebido os primeiros socorros e ter sido estabilizado, o homem foi transportado para o hospital”. Assim, pressupõe que se trate de um ferido grave.

⁷⁴ Duas notícias (que não são acidentes) são referência de capa.

⁷⁵ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

	Curto-circuito provoca incêndio na Baixa do Porto	Porto				DUAS COLUNAS
	Sete corporações unidas no combate ao fogo em lixeira	Valongo				UMA COLUNA
14 ⁷⁶ (16-19)	“Fomos seis pessoas a sair pela janela do meu quarto”	Matosinhos				QUATRO COLUNAS (DUAS DELAS SÃO APONTAMENTOS)
	Acidente faz um ferido e corta avenida	S. João da Madeira	1			Breve
15 ⁷⁷ (18-21)	Morreu em despiste a caminho de casa	São João da Madeira			1	TRÊS COLUNAS
	Atropelamento provoca um ferido grave	Trofa		1		Breve
16 ⁷⁸ (18-21)	Atropelamento fatal para idoso que passeava com a companheira	Trofa			1	Breve
	Motorista da Gondomarense gravemente ferido em acidente	Gondomar		1		Breve (fotolegenda)
	Menina atropelada à porta de casa está a recuperar	Feira				Breve (ATUALIZAÇÃO DA PEÇA DE DIA 7 E 8)
	Empresa que ardeu tem novas instalações	Santo Tirso				Breve
17 ⁷⁹	Acidente em cadeira provoca	Valongo	12			Breve

⁷⁶ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁷⁷ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁷⁸ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁷⁹ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

(18-20)	12 feridos na A4 em Ermesinde					
18 (19-23)	“Só tive tempo de avisar outro pessoal e fugir”	Gaia				Abertura de secção
	Morreu ao regressar a casa depois de consulta	Gaia	3		1	UMA COLUNA
	Acidente entre carro e camião junto a escola causa três feridos	Feira	3			Breve (fotolegenda)
19 ⁸⁰ (16-20)	Morreu atropelado na EN306	Vila do Conde			1	DUAS COLUNAS
	Incêndio em restaurante do aeroporto	Maia				Breve
21 ⁸¹ (14-18)	Ferido grave em acidente que cortou a EN14	Trofa			1	UMA COLUNA
	Acidente na A1 com carro e motociclo faz dois feridos	Gaia	2			Breve
22 ⁸² (20-25)	Autocarro desgovernado causa acidente com dois mortos	Matosinhos	6	2	2	Abertura de secção
	Mota foi contra carro e atropelou três pessoas	Porto	3			DUAS COLUNAS
	Fogo em reboque de camião corta A4 durante uma hora	Paredes				Breve
23 ⁸³ (20-23)	Ministério Público investiga acidente com autocarro	Matosinhos				Abertura de secção (ATUALIZAÇÃO DE DIA 22)

⁸⁰ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁸¹ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa e tem muito destaque.

⁸² A abertura de secção (que é acidente) faz foto de capa.

⁸³ A abertura de secção (atualização de acidente) faz referência de capa.

	Acidente cortou trânsito na EN104 e fez dois feridos	Trofa	2			Breve
24 ⁸⁴ (20-23)	Fuga de monóxido de carbono mata dois homens no hospital	Porto			2	Abertura de secção
	Morre carbonizado em casa com cobertor elétrico	Arouca			1	TRÊS COLUNAS
25 ⁸⁵ (20-24)	Fogo destrói oficina e carros e afeta armazém de móveis	Paredes				UMA COLUNA
	Sindicato diz que lombada foi a causa	Matosinhos				TRÊS COLUNAS (ATUALIZAÇÃO DE DIA 22 E 23)
	Vítimas de monóxido de carbono no IML	Porto				TRÊS COLUNAS (UMA SOBRE VÍTIMAS – ATUALIZAÇÃO DE DIA 24)
	Acidente com táxis no aeroporto fere motorista e dois passageiros	Maia	3			Breve
	Explosão de forno num bar da praia deixa duas pessoas feridas	Matosinhos	2			Breve
	Trabalhador intoxicado ao tentar apagar incêndio em	Feira		1 ⁸⁶		Breve

⁸⁴ A abertura de secção (que é acidente) faz referência de capa.

⁸⁵ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁸⁶ A breve não é explícita. Apenas salienta “O homem, de 63 anos, tentou apagar as chamas e teve de ser assistido devido à inalação de fumos. Ao local acorreram os Bombeiros Voluntários de Lourosa e a viatura médica de emergência e reanimação da Feira”. Assim, pressupõe que se trate de um ferido grave.

	corticeira					
28 ⁸⁷ (18-22)	Idoso que estava desaparecido foi encontrado morto em zona de mato	Gondomar			1	Breve
	Colisão junto a cruzamento fez dois feridos em São João de Ver	Feira	2			Breve
	Sofreu lesões graves após cair de varanda do 1.º andar	Vila do Conde		1		Breve
30 (16-20)	Encontrado morto idoso que estava desaparecido	Oliveria de Azeméis			1	UMA COLUNA
31 ⁸⁸ (20-23)	Atropelada pelo metro sofreu vários ferimentos	Vila do Conde		1		Breve
			FL	Ferido ligeiro		
			FG	Ferido grave		
			VM	Vítima mortal		

⁸⁷ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

⁸⁸ A abertura de secção (que não é acidente) faz referência de capa.

Apêndice 4 – Calendário de Satisfação

Ao longo do meu período de estágio preenchi, diariamente, uma tabela que intitulei de *Calendário de Satisfação*. Neste espaço, através de uma escala de 1 a 5 (onde 1 é *Muito insatisfeita* e 5 *Muito satisfeita*), assinalei a classificação respectiva a cada dia. Para além disso, ainda acrescentei uma coluna com o nome *Justificação*, onde é deixada uma nota sobre o motivo da classificação assinalada.

Outubro 2018

Dias	Satisfação					Justificação
	1	2	3	4	5	
S 1			X			Sem trabalho
T 2				X		formalista // fogo
Q 3					X	formalista // motivação online
Q 4					X	formalista
S 5		Fim de				—
S 6		Fim de	semana			—
D 7		Fim de	semana			—
S 8				X		Sem trabalho // autoaprimoramento
T 9					X	formalista // juv. direto
Q 10		X				Sem trabalho // Psa / cl / Kater
Q 11			X			formalista
S 12					X	formalista
S 13		Fim de	semana			—
D 14		Fim de	semana			—
S 15					X	formalista
T 16					X	formalista // avatna aliados
Q 17					X	formalista
Q 18					X	formalista // surdos online
S 19					X	formalista
S 20		Fim de	semana			formalista / pesquisa
D 21		Fim de	semana			—
S 22		X				Sem trabalho
T 23			X			formalista
Q 24		X				Sem trabalho
Q 25					X	formalista // acidente
S 26					X	formalista
S 27		Fim de	semana			—
D 28		Fim de	semana			—
S 29					X	formalista
T 30		X				Sem trabalho
Q 31			X			Sem trabalho

1	Muito insatisfeita
2	Insatisfeita
3	Pouco satisfeita
4	Satisfeita
5	Muito satisfeita

Filipa Vieira

Novembro 2018

Dias	Satisfação					Justificação
	1	2	3	4	5	
Q 1		Terminado				—
S 2		x				Sem trabalho
S 3		Fin de semana				—
D 4		Fin de semana				—
S 5			x			Acido
T 6				x		Formalista // Marques Soares
Q 7				x		Formalista // António Figueira
Q 8				x		Formalista
S 9		x				Sem trabalho
S 10		Fin de semana				—
D 11		Fin de semana				—
S 12				x		Assamblea Nat. c/ Isasel
T 13			x			Comitês report. residências
Q 14					x	Novas Barras // Elétricos
Q 15					x	Reforma // Bloco de Esp.
S 16					x	Escritório p/ças
S 17		Fin de semana				—
D 18		Fin de semana				—
S 19					x	AMP
T 20					x	Foto conservação // desleio
Q 21					x	Formalista // Albuquerque Mendes
Q 22			x			Atento AmmaP
S 23					x	Re-elétricos // Filhas solidárias
S 24		Fin de semana				—
D 25		Fin de semana				—
S 26					x	Formalista // Polícia da Bolsa
T 27				x		Comitês Económicos
Q 28				x		Polta // Vinte de vespas
Q 29			x			Início reportagem residências
S 30					x	

1	Muito insatisfeita
2	Insatisfeita
3	Pouco satisfeita
4	Satisfeita
5	Muito satisfeita

Filipa Vieira

Dezembro 2018

Dias	Satisfação					Justificação
	1	2	3	4	5	
S 1		Fim de semana				—
D 2		Fim de semana				—
S 3			X			Comissões reportag. residências
T 4				X		Hospital dos Requirimentos
Q 5					X	Formalista//forças Armadas
Q 6					X	Formalista//Ensino/Pop. de
S 7				X		Relatório reportag. eletrônicos
S 8					X	Formalista//fissa grávidas
D 9				X		Breves
S 10		Fim de semana				—
T 11		Fim de semana				—
Q 12					X	Mindfulness
Q 13					X	Relatório de Bolsa//Bolsa do Visto
S 14					X	Formalista//Organiza//Prof. Felix
S 15		Fim de semana				—
D 16		Fim de semana				Protagonista enfermagem
S 17					X	Reunido Valencinos c/ Isabel
T 18					X	Formalista//S. Silvestre//Comun. Valongo
Q 19					X	Escrever Visto//SICP//Protagonista
Q 20				X		Ninho de vespas
S 21					X	Cabriola
S 22		Fim de semana				—
D 23		Fim de semana				—
S 24		Natal				—
T 25		Natal				—
Q 26				X		Protagonista c/ Isabel
Q 27					X	Formalista//Coopshopping
S 28					X	Escrever Prof. enfermagem Rula
S 29					X	Escrever Cabriola
D 30		Fim de semana				—
S 31					X	Escrever mindfulness

1	Muito insatisfeita
2	Insatisfeita
3	Pouco satisfeita
4	Satisfeita
5	Muito satisfeita

Filipa Vieira

Janeiro 2019

Dias	Satisfação					Justificação
	1	2	3	4	5	
T 1					X	Formalista // Raça de Nabal
Q 2				X		Caravans c/ Celia // leite
Q 3					X	Protagonista
S 4					X	Protagonista // X/andson
S 5		fim de semana				—
D 6		fim de semana				—
S 7				X		Protagonista // breves
T 8			X			Breves
Q 9					X	ISAP // breves
Q 10				X		Demétrio Torres // X/andson
S 11					X	Acção X/andson // breves
S 12		fim de semana				—
D 13		fim de semana				—
S 14					X	Piquimedes // breves
T 15			X			Breve
Q 16			X			Protagonista Ze Rui // breves
Q 17					X	Fabrisinos c/ Adriana // breves
S 18			X			Fabrisinos c/ Mariana
S 19		fim de semana				—
D 20		fim de semana				—
S 21					X	Formalista // ac.d. Bolha // sem-dágo
T 22					X	Formalista // protob // vespas
Q 23		Dorme				—
Q 24					X	Cartões pegos
S 25		Dorme				—
S 26		fim de semana				—
D 27		fim de semana				—
S 28					X	Formalista // Meia BP / Cam. Porto
T 29					X	Formalista // 16.ª aniversário
Q 30			X			Protagonista c/ Isael
Q 31					X	Abel Parmentier c/ Mariana

1	Muito insatisfeita
2	Insatisfeita
3	Pouco satisfeita
4	Satisfeita
5	Muito satisfeita

Filipa Vieira

Apêndice 5 – Diário de bordo

O presente diário de bordo é, conforme o próprio nome indica, o diário descritivo e reflexivo das minhas atividades ao longo dos dias de trabalho. É um relato na primeira pessoa de uma estagiária. É o reflexo das mais diversas aventuras, aprendizagens, frustrações e adversidades que senti ao longo do meu percurso. As fotografias presentes no diário são da minha autoria.

5.1. Diário de bordo de outubro

01.10.2018

Primeiro dia. Estava ansiosa. Não sabia bem o que me esperava mas entrei convicta que tudo ia correr bem.

Entre no edifício e apresentei-me ao segurança, o Sr. Silva. A simpatia e o bom humor fazem parte do vasto leque que o caracteriza. Fiquei surpreendida quando ele me disse que não havia qualquer registo da minha chegada. Era suposto receber um cartão de estagiária, mas tive de entrar com um cartão de visitante. Subi para o segundo piso.

Em primeiro lugar tinha de encontrar o Hugo Silva, o meu orientador de estágio. Junto aos elevadores que levam ao segundo andar, há uma área que dá as boas vindas à redação. É nesse espaço aberto que estão os jornalistas da *Revista Magazine* (descobri mais tarde) e foi a uma jornalista dessa secção que perguntei pelo Hugo. Por coincidência, ele estava a sair da redação naquele exato momento. No primeiro contacto com ele, achei-o bastante descontraído. Julguei que ele soubesse que ia receber uma estagiária e apresentei-me. “Olá, sou a Filipa”. “Deixa ser”, ouvi. Fiquei um bocado apreensiva e apenas perguntei o que podia fazer já que era o meu primeiro dia de estágio. Apresentou-me as secções que constituem a redação e os jornalistas do *Porto* (onde eu ia estagiar).

“Não tarda nada vêm aí um técnico dar-te as credenciais de acesso”, foi a frase que eu ouvi antes de ficar duas horas sentada numa secretária à espera do técnico. O *Milenium* é o programa onde é apresentado o *layout* para escrever as notícias. Nunca tinha tido contacto com um editor daquele género e não o explorei sozinha porque tinha receio de atrapalhar o trabalho de outros jornalistas. Estavam todos muito atarefados. Mais tarde, a Isabel (uma

jornalista, por sinal, muito simpática), fez-me uma introdução detalhada ao Milenium. *CTRL+E*, *CTRL+R*, *F8*, *CTRL+F8*, *CTRL+S*. Todos os códigos significam alguma coisa.

O primeiro dia foi assim. Sinceramente, estava à espera trabalhar um texto para o Hugo conhecer a minha maneira de escrever.

Pouco satisfeita.

02.10.2018

Cheguei às 10 horas. Estava ansiosa. Ainda estava a ler o jornal do dia quando a Marisa (uma jovem jornalista da minha secção) me perguntou se eu sabia o que era “dar a volta”. Nunca tinha ouvido falar. Assim sendo, juntei-me a ela. “Dar a volta” significa ligar para bombeiros e outras entidades que possam ter informações sobre possíveis acidentes, por exemplo. Hoje, ela foi alertada de um atropelamento, mas como haviam poucas informações disse que, no máximo, dava para uma breve porque se tratava de um ferido ligeiro.

Depois disso, a Marisa explicou-me que todos os dias de manhã tenho de ir ver a agenda porque posso estar designada para algum serviço. Após isso voltei à minha secretária e disse ao Hugo que queria fazer alguma coisa. Escrevi uma peça sobre a IV Gala Solidária realizada pelo Instituto Português de Oncologia (IPO) em homenagem ao guitarrista Zé Pedro. Conforme as indicações que me foram dadas pelo Hugo tinha de entrar em contacto com a Relações Públicas (RP) do IPO. Mande-i-lhe um *e-mail* e mais tarde liguei-lhe pois precisava das informações para acabar a peça. Foi através de uma chamada telefónica que a RP Joana Monteiro me deu as informações que eu precisava e também me enviou algumas declarações da presidente do IPO, algumas fotos e a nota de imprensa. Escrevi a peça e pedi ao Hugo que a lê-se. Depois de alterar uns detalhes dei a peça por terminada mas tive de esperar que a paginação estivesse “desenhada”, como eles dizem.

Depois de almoço, o *Porto* ficou a saber que havia um incêndio na Maia e pedi à Célia (uma jovem jornalista) para ir com ela. Ela não se importou e o Hugo autorizou. Fomos nós as duas, dois jornalistas do JN Direto e um fotógrafo. Quando lá chegámos o incêndio estava controlado. Falámos com alguns moradores e com o Comandante dos Bombeiros de Pedrouços. Logo a seguir a nós apareceu o Porto Canal, a SIC e a TVI. Falámos com que conseguimos e seguimos caminho para a redacção.



Local após incêndio



Pequeno reacendimento



Entrevista ao comandante dos Bombeiros, Pedro Teixeira

Chegámos ao JN a meio da tarde e a paginação estava pronta. Assim sendo, passei a peça do IPO que tinha escrito num documento WORD para o Milenium. Relativamente aos caracteres não tive de fazer muitas alterações porque o texto estava com o tamanho adequado. Foi a primeira vez que assinei uma notícia.

Não tinha serviço em agenda e por isso, nesta altura, estava sem nada para fazer. Como não gosto de estar parada, decidi escrever uma notícia – apenas para registo pessoal – sobre o incêndio na Maia.

Ao final do dia, verifiquei que a minha peça sobre o evento do IPO tinha sido alterada. Estou a dar os primeiros passos no jornalismo escrito e, por isso, é normal que sejam feitas correções aos meus textos. No geral, foi um bom dia.

Satisfeita.

03.10.2018

Hoje tive serviço em agenda. Não estava à espera de sair tão cedo sozinha para terreno. Às 15 horas tive de ir até à Reitoria da Universidade do Porto (UP) pois iam ser dadas as boas-vindas aos novos estudantes estrangeiros. Comecei a reunir alguma informação e a preparar algumas perguntas tanto para a vice-reitora, Maria Alice Fernandes, como para alguns estudantes.

Pouco depois, o Hugo perguntou-me se queria ir à Rua de Santa Catarina com a Adriana (jornalista da minha secção) e com o fotógrafo Pedro cobrir a peça sobre a venda de castanhas em outubro. Enquanto a Adriana se preparava para sair, ainda tive tempo de passar os olhos no jornal do dia. Para além disso, ajudei a Marisa a procurar estudantes da UP que tiveram ou estavam a ter dificuldades em encontrar casa no Porto. Pu-la em contacto com um amigo meu que estava nessa situação e ficou combinado depois de almoço ela ir entrevistá-lo.

Fomos até à Rua de Santa Catarina onde conseguimos entrevistar duas vendedoras, Joana Antunes, 30 anos, e Fátima Carreira, 44 anos. Na mesma rua falámos ainda com dois compradores Avelino Duarte, 74 anos, natural do Brasil e Cristiane Paim, 46 anos, também do Brasil. Como não encontrámos mais vendedoras fomos até São Bento onde conseguimos falar com Rosa Cardoso, 47 anos, do Porto, que ajudava a amiga Marlene Morais, 31 anos, na venda da castanha.



Joana Antunes com o primo João Santos, 24 anos

Seguimos para o jornal.

Depois de almoço, estudei bem o assunto para a peça que tinha de cobrir às 15 horas. Tinha as perguntas preparadas em português e em inglês porque não sabia de que nacionalidade podiam ser os estudantes. Pouco antes das 15 horas, o Hugo passou-me as senhas do táxi e fui até à conhecida Praça dos Leões, onde iria decorrer a receção. O táxi é o

meio de transporte mais utilizada pelos jornalistas. No local, encontrei-me com a Daniela Carmo da minha turma de mestrado, atual estagiária do Público, que prontamente me apresentou à assessora. Esta encaminhou-nos até ao salão onde seria dado o discurso da vice-reitora.



Salão da Reitoria da Universidade do Porto

Após as palavras da vice-reitora, onde revelou alguns números relativamente à entrada dos estudantes estrangeiros, encontrei-me com o Rui Moreira, o repórter fotográfico que ficou de cobrir o serviço comigo. Entrevistei quatro estudantes brasileiras e uma espanhola. No entanto, precisava que mais um depoimento para dar resposta a algumas perguntas que me interessavam. Perguntei à Marisa, a assessora, se era possível falar um pouco com a vice-reitora. Pouco depois ela encontrou-se com os jornalistas junto à fonte de água da Praça dos Leões, onde respondeu prontificamente às perguntas que lhe foram colocadas.

O Rui deu-me boleia até à redação. Comecei a tratar a informação num documento WORD e, mais tarde, escrevi no Milenium. Escrevi duas versões da peça: uma mais resumida para o jornal e outra mais elaborada para o *online*. Após algumas alterações do Hugo, as peças estavam prontas para publicação.

Antes de sair, o Hugo alertou-me para o serviço da manhã seguinte. Não precisava de ir à redação e podia ir direta para o serviço. Verifiquei se precisava que fazer algum contacto

antes de sair e como não era necessário tratámos dos papéis necessários para o táxi para a manhã seguinte.

Foi um bom dia de trabalho. Hoje, pela primeira vez, senti-me uma verdadeira jornalista.

Muito satisfeita.

04.10.2018

Pedi o táxi às 9.20 horas. Não queria correr o risco de chegar tarde à Fundação Ronald McDonald. No local, identifiquei-me e fui recebida pela Isabel Aragão, a gestora da Fundação, que me apresentou ao diretor executivo Gonçalo Barata e à representante da Make Notes, Ana Cardoso. Pouco tempo depois chegou o jornalista da LUSA e o Pedro Alexandre, da minha turma de mestrado, como jornalista da Rádio Nova. Depois de algumas declarações dos responsáveis indicados acima conseguimos algumas declarações da Nércia Remani, uma moçambicana de 30 anos que acompanha a filha Akhira de 4 anos na luta a um neuroblastoma, um tipo de cancro muito comum nas crianças.

Após as entrevistas, fizemos uma visita guiada à Fundação (sediada no Porto). Depois da visita foi entregue aos jornalistas presentes uma caixa com o conjunto da nova coleção, conforme é possível ver nas imagens abaixo.



Nova coleção da Make Notes

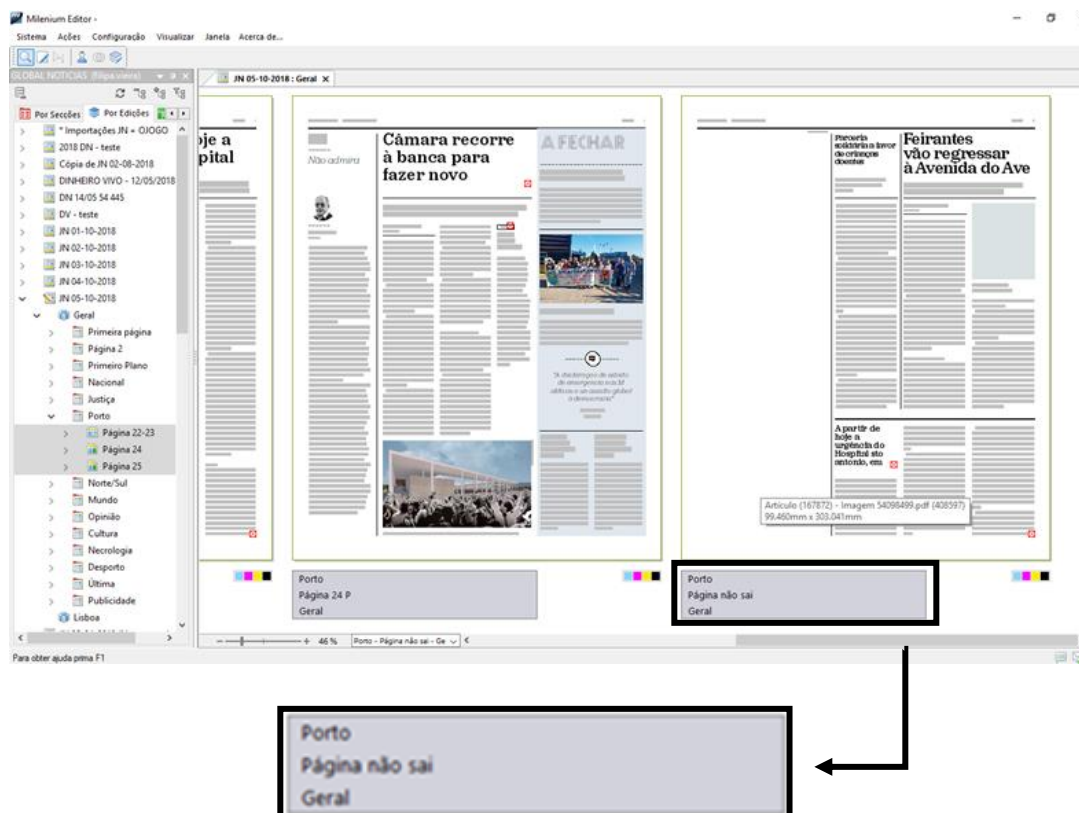


Bonecas “Maria”



Bonecos “Pedro”

Chamei o táxi e voltei para a redação. Comecei a escrever imediatamente sobre o tema. O Hugo disse que não tinha de ser um texto muito grande porque ia ter pouco espaço. Mais tarde, percebi que a peça não ia sair na edição seguinte⁸⁹. Imprevistos.



Nota no Milenium “Página não sai”

A meio da tarde, o Hugo perguntou-me se eu queria sair com a Isabel. Aceitei. Fomos até a um farol (é considerado um dos primeiros faróis nacionais registados) em reconstrução. A Isabel ia entrevistar a arquiteta responsável pelo projeto.

O tempo apoderou-se bem do farol mas a sua história é muito marcante. Na imagem abaixo mostra as escadas dentro do farol que permitiam a subida até à parte de cima (agora bloqueada). A forma de construção do farol é bastante evidente. As pedras sobrepostas criaram fendas.

⁸⁹ Saiu na edição de segunda feira (08.10.2018).



Escadas do farol

Depois da entrevista feita voltamos à redação. Hoje, o dia foi muito calmo. Mas foi um bom dia.

Muito satisfeita.

08.10.2018

Hoje o dia começou mais cedo. Depois de um fim de semana prolongado - já que o Hugo deu-me o feriado e fim de semana - cheguei entusiasmada para começar mais um dia de trabalho. Infelizmente, não tinha nada em agenda.

Hoje conheci a Cláudia Monteiro, a subeditora do *Porto*. Desde o início do estágio que estive sentada na secretária dela. Fui para outro computador. Estava no computador onde ela trabalhava por isso fui para outro. Li o jornal e vi que tinha sido publicada a peça sobre a parceria entre a Fundação Infantil Ronald McDonald e a Make Notes.

Entretanto, a Cláudia recebeu uma chamada a informá-la que tinha havido um atropelamento com vítima mortal. Foi a Célia que foi ao serviço e o Cláudia deixou-me ir com ela.

Quando chegámos ao local, a vítima ainda estava deitada no chão. Pelo que foi possível apurar, o senhor tinha acabado de sair da fisioterapia quando foi atropelado na passadeira. Segundo algumas testemunhas, ao volante do automóvel ia um casal de idosos. Depois de

retirado o corpo, os Bombeiros de Leixões procederam à limpeza da estrada para lavar alguns vestígios de sangue.



Local do atropelamento



Limpeza da via

No local, abordei algumas pessoas que pareciam ter informações e indiquei-as à Célia. Demos algumas voltas aos bairros da zona porque foi-nos informado que a vítima morava ali perto e precisávamos de alguns dados pessoais. Não tivemos sucesso por isso, optámos por ir para a redação.

Depois de almoço, a Célia conseguiu a morada da vítima mortal. Fernando Jesus Santos, 79 anos. Fomos até à morada indicada, mas a família não quis prestar declarações nem dar nenhuma fotografia. Voltámos para a redação onde a Cláudia me propôs o exercício de escrever a peça sobre o sucedido. Assim o fiz.

Homem morre atropelado na passadeira

Matosinhos. Um homem de 79 anos morreu, ontem, vítima de um atropelamento junto à passadeira, em Matosinhos. O alerta foi dado pelas 10.30 horas.

Pelo que o JN conseguiu apurar, Fernando Jesus Santos tinha saído de uma clínica de fisioterapia quando foi abalroado por um automóvel ligeiro na rua Alfredo Cunha, junto ao posto dos correios, no centro de Matosinhos.

Segundo Conceição Pérola, uma testemunha presente no local, Fernando Santos foi socorrido por uma enfermeira mesmo antes de chegarem os bombeiros. Ainda houve tentativas de reanimação mas sem sucesso. "É muito frequente isto acontecer. Nós temos assistido aqui a alguns atropelamentos", afirma Orquídea Telheiro, uma comerciante.

No local, esteve presente a Polícia Municipal de Matosinhos e os Bombeiros Voluntários de Leixões.

Exercício proposto pela Cláudia sobre um atropelamento com vítima mortal

Hoje foi um dia atípico, mas também foi uma experiência diferente do que tenho vivido. Satisfeita.

09.10.2018

Cheguei à redação a pensar que ia ser um dia calmo e que não ia ter nada para fazer, já que o Hugo não vinha hoje. Dei as voltas do costume: ir ver a agenda e ler o jornal. Tinha ideia que ia passar o dia sem fazer nada porque ontem apenas sai da redação porque houve o atropelamento. Se o acidente não tivesse acontecido passava o dia a olhar para as paredes da redação.

Hoje foi diferente. Ao fim da manhã a Cláudia enviou-me um email (teve de ser para o pessoal já que ainda não tenho as minhas credenciais) para um serviço às 15 horas. O Shopping Center Brasília festejou hoje o seu 42.º aniversário com o filme – datado do mesmo ano (1979) – “Rocky” estrelado por Silverter Stallone na sala de cinema Charlot – pertencente, desde 2001, ao Millenium BCP. Fui com o repórter fotográfico José Carmo e com duas jornalistas do JN Direto, a Sofia e a Rita. Quando chegámos ao Brasília reparámos que para além de um cartaz à entrada não havia qualquer tipo de aviso no espaço sobre o 42.º aniversário. Cerca de meia hora antes da sessão das 15 horas ainda não estava ninguém na sala de cinema para assistir ao filme. Chegámos mesmo a suspeitar que ninguém ia por causa da pouca divulgação. Entretanto, conseguimos falar com Luís Pinho, o administrador do condomínio. Poucos minutos antes do filme começar conseguimos falar com duas pessoas:

Antônio Assunção de 71 anos e Lucília Silva de 49 anos. Para a primeira sessão não estavam mais de 20 pessoas.



Cartaz na entrada do Brasília



Início da sessão de cinema

Depois das entrevistas feitas e de captadas algumas imagens para o JN Direto voltámos para a redação. Julguei que fosse fazer uma peça pequena. Ao invés disso, a peça do Brasília iria ocupar quase uma página.

Depois de ler a peça, a Cláudia deu-me alguns conselhos relativamente à estrutura. Quis fazer algumas alterações, mas na verdade não se distanciava muito do que eu tinha escrito. Para a segunda leitura chamou-me para ao pé dela, onde juntas, fizemos as alterações necessários.

Gostei muito do produto final. Escolhemos as fotografias e, finalmente, a peça estava pronta. Confessei-lhe que sentia dificuldade em escolher o título e o pós-título. Ela apenas respondeu que com a prática ia tornar-se mais fácil.

Mesmo com as alterações que fizemos, continuei a sentir que era o meu trabalho e estava satisfeita pois produzi e acompanhei todo o processo.

Por causa do fecho da edição acabei por sair por volta das 19 horas. Foi um ótimo dia. Muito satisfeita.

10.10.2018

Comecei o dia na redacção com a rotina do costume: ver a agenda e ler o jornal. Infelizmente não tinha serviço para o dia de hoje. Sabia que o Hugo hoje ia e estava esperançosa que ele chegasse e me desse alguma coisa para fazer (mas só chegou ao início da tarde).

Ao ler o jornal apercebi-me de um direito de resposta na página 18, pertencente à secção de “Justiça”. Foi a primeira vez que me apercebi da publicação de um direito de resposta.

Não ter serviço agenda, para mim, não é sinónimo de ficar na redacção sem fazer nada. Assim sendo, fui ver se alguém da minha secção ia sair em serviço. Às 15 horas, a Isabel ia sair em reportagem para o Museu do Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP). Comecei imediatamente a fazer pesquisa: morada, contactos E detalhes sobre o museu.

Depois do almoço a Isabel convidou-me para tomar café na redacção. Disse que sim. Pelo caminho perguntou-me se tinha serviço para a parte da tarde. Considerando que a minha resposta foi negativa convidou-me para ir com ela ao Museu. Contei-lhe que já tinha feito uma investigação prévia porque estava na esperança de ir com ela. Pareceu-me que ela tinha ficado surpreendida com a minha proatividade. E ao final da tarde, partilhou esse episódio com a Cláudia.

Sáímos em reportagem. Depois de uma reunião com elementos da Direcção da Escola de forma a perceber qual era o envolvimento com o Museu. Mais tarde, fizemos uma visita guiada ao Museu e tirei bastantes notas pois queria fazer o exercício de criação de uma reportagem.



Primeira sala do Museu



Laboratório



Desenhos e estampas

Quando chegamos à redação eram 17.30 horas. Como estavam presentes todos os jornalistas da minha secção a trabalhar, não tinha nenhum computador disponível para eu trabalhar. Assim sendo, optei por dizer ao Hugo que ia fazer o exercício da reportagem em casa e ir embora, ao qual ele concordou.

Sinceramente, não gostei muito do dia de hoje. Não tive serviço na agenda e não me foi atribuído nenhum trabalho durante o dia. Hoje, se não saísse com a Isabel e se não me tivesse prontificado e preparado para isso passava o dia na redação sem fazer nada. Não gosto disso.

Insatisfeita.

11.10.2018

Hoje tive um serviço, às 11.30 horas, no Palacete Araújo, na Rua de Joaquim de Vasconcelos, para o lançamento de um Cartão de Saúde Social da União De Misericórdias Portuguesas. Genericamente, consiste em fornecer serviços de saúde de qualidade a preços mais baixos a quem aderir ao plano.



Conferência da apresentação do Cartão de Saúde Social

Cobri a conferência e voltei para a redação. Cheguei por volta das 12.30 horas. Depois de almoço, comecei a escrever a peça e antes das 15 horas já estava no Milenium. Ao que parece é costume haver concertos ao vivo na redação. Hoje foi um desses casos. Atuaram os Papercutz.

Para meu espanto, quando atualizei o *email*, apercebi-me que o Hugo me tinha enviado um comunicado de imprensa. Informou-me que era para fazer uma breve. O assunto consistia num evento de 12 a 14 de outubro no Cais de Gaia. É a 1.^a edição do *Porto & Wine World*. Foi a primeira breve que fiz e escrevia diretamente no Milenium. No entanto, a breve não vai sair. Conforme atualizei a página para verificar se o Hugo tinha feito alguma alteração reparei que a breve que ele me tinha pedido para fazer foi alterada para outra com o título "Sete gansos e um pato decapitados no Parque da Cidade". E claro que um mal nunca vem só. A peça do Cartão de Saúde Social também não vai sair. Assim como a breve, foi alterada para outra notícia.

Este episódio serviu para eu perceber que, de facto, o *Porto* tem pouco espaço para as peças que deviam sair. O trabalho dos editores não é fácil. É necessário uma grande capacidade de organização.

Quer as minhas peças saiam ou não, acredito que tudo é um exercício. Pelo menos, o dia de hoje foi melhor do que ontem.

Pouco satisfeita.

12.10.2018

Hoje o dia começou um pouco mais cedo e começou bem porque tive um serviço às 14 horas. Ontem fiz a breve sobre a 1.^a edição do Port & Wine World, que infelizmente não saiu, e hoje fui até ao Cais de Gaia cobrir a inauguração.

De manhã estava a Marisa e o Alfredo na redação e começámos a falar de rebuçados da Régua (de onde sou natural) porque o Alfredo estava a comentar que havia uma senhora que dava os rebuçados ao maquinista do comboio que lhos entregava quando chegava a São Bento. Iniciámos uma conversa sobre a tradição de vender os rebuçados e a Marisa disse que era um tema interessante para o *Protagonista* - uma rubrica da secção *Norte/Sul*. Fiquei entusiasmada para tratar esse tema. Prêpus a ideia à Cláudia e ficou combinado que na parte da tarde íamos falar com uma das editoras da secção *Norte/Sul*, a Carla . Ela aceitou.

Depois da hora de almoço, pouco depois das 14 horas, tratei do táxi para seguir para o Cais de Gaia. O trânsito estava infernal mas ainda cheguei antes da hora prevista.

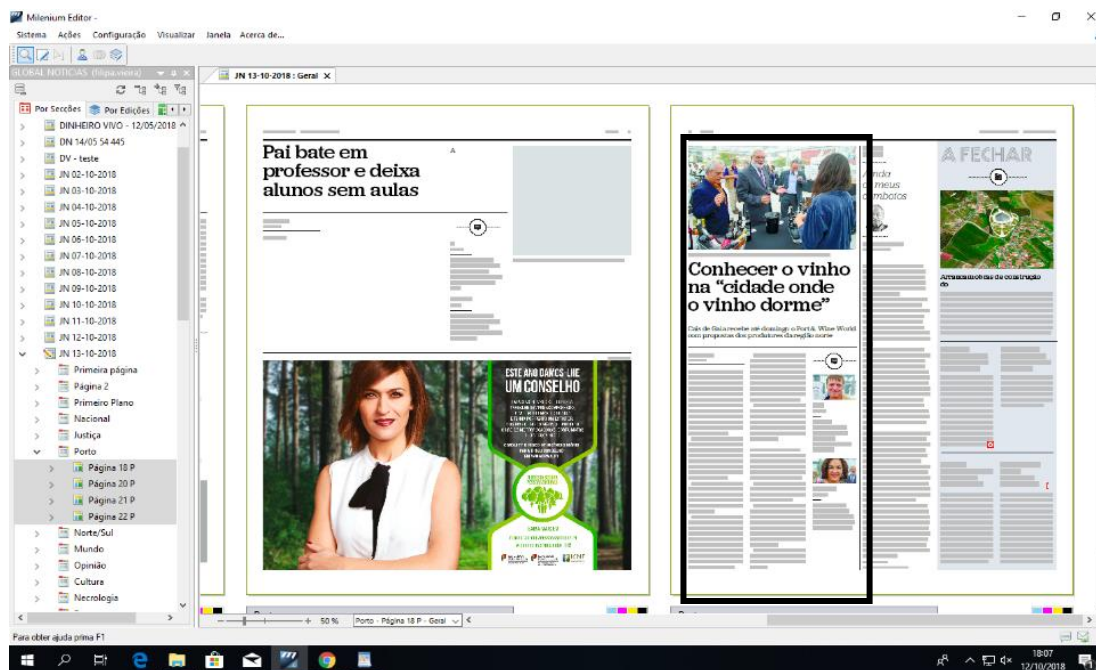
Fiz entrevista umas às duas responsáveis do evento, Sara Brandão e Ana Ferro, a duas responsáveis de exposição vinícola e gastronómica e a dois turistas (uma espanhola e um canadense). Após isso segui para a redação. Não pedi o táxi para as quais tinha senha porque a Daniela Carmo, estagiário do Público deu-me boleia até ao JN.

Ao chegar à redação fiz o relato do serviço à Cláudia porque é costume os jornalistas fazerem isso. Ela disse-me que ainda era matéria para ocupar um bocado de espaço (tanto que quando eu estava no Cais de Gaia, ligou-me a pedir duas ou três vezes e eu já as tinha).

Mais tarde, quando o Hugo perguntou-me se a peça já estava pronta e como a resposta foi positiva juntei-me a ele para a revisão do texto. Para esta peça, optei por colocar uma citação no título e encaixou que nem uma luva porque o Hugo gostou muito da ideia.

O fim de semana está mesmo aí à porta e acabar a semana desta forma é excelente.

Muito satisfeita.



Layout da edição do dia 13.10.2018

15.10.2018

Depois do fim de semana, estou pronta para mais uma semana de trabalho. Cheguei à redação às 10 horas e tinha serviço para as 15 horas, na Escola EB 2,3 de São Lourenço, em Ermesinde. Vai ser a inauguração do projeto "Sala do Futuro", vencedor da 5.^a edição do Orçamento Participativo Jovem de Valongo (OPJV). Para além disso, também vai ser a apresentação da 6.^a edição do OPJV.

Até à hora de almoço, foi tranquilo e aproveitei para ir preparar a peça para o *Protagonista* sobre a reбуçadeira mais velha que mantém a tradição da venda dos reбуçados na Régua.

Falei um pouco com ela ontem (domingo), antes de apanhar o comboio para o Porto. Pelo que ela me disse, há uma senhora mais velha que ela. No entanto, apenas vai vender aos fins de semana e o que me interessa é a reбуçadeira mais velha que venda, todos os dias, no Largo da Estação. Chama-se Maria Leitão, tem 74 anos mas já ali vende há 40. Falei um pouco com ela para reconhecer algumas informações para depois explicar na redação a história da senhora. Estou entusiasmada com esta peça.

Por volta das 14.30 horas pus-me a caminho do serviço. Quando cheguei à escola, pedi informações ao porteiro que me indicou a sala. Estavam lá poucas pessoas e os alunos ainda

nem tinham chegado mas já lá estava o Ivo Pereira, o repórter fotográfico. Pouco depois chegou o presidente da Câmara de Valongo. Achei-o muito simpático (mas não são todos ou quase todos com a Comunicação Social?).

Quando os alunos chegaram o presidente proferiu algumas palavras. Uma das alunas que participou no projeto leu uns agradecimentos e após a subdiretora da escola tecer alguns comentários, revelaram a placa do projeto junto à porta da sala. Fiz uma pequena entrevista ao presidente e à subdiretora e recolhi duas vozes de dois alunos envolvidos no projeto para o caso de ser necessário. Já aprendi que, pelo sim pelo não, recolhem-se sempre algumas vozes.



Alunos envolvidos no projeto “Sala do futuro”

Ao chegar à redação, expliquei por alto ao Hugo como tinha sido o serviço. Escrevi a peça e para meu espanto ele não mudou o texto. Colocou um título e subtítulo mais adequado (na verdade, é onde tenho mais dificuldades e já lhe disse isso).

Hoje o dia na redação foi assim. Dia após dia melhoro como profissional e sinto que me estou a tornar mais independente nas minhas peças. É uma sensação incrível.

Muito satisfeita.

16.10.2018

Hoje cheguei à redação a saber que ia ter serviço porque o Hugo disse-me ontem. O serviço é na Exponor às 11 horas. Comecei a investigar o tema. A Feira Internacional de

Emprego (FUNDE.U) começou hoje e acaba amanhã. São mais de 150 empresas com quatro mil oportunidades de emprego. O acesso é livre o que possibilita a entrada a quem estiver à procura ou quem quiser trocar de emprego. O registo do visitante é feito em casa ou à entrada do recinto. O currículo do visitante é colocado num QR Code e ao ter interesse numa empresa basta passar o código num dispositivo e a empresa fica com acesso ao currículo para seleccionar os candidatos na altura do recrutamento.

Encontrei o repórter fotográfico João Ribeiro à entrada do recinto conforme combinado. Falei com a responsável pela comunicação, com a representante de uma das empresas presentes e diz quatro vozes de visitantes, para o caso de ser necessário. Considerando que se tratava de um evento que pode abranger diversas idades, optei por entrevistar pessoas de diferentes faixas etárias. Entrevistei uma recém-licenciada de 20 anos, um jovem de 28 anos que acabou a sua licenciatura há quatro anos e um casal, já trabalhador, com 30 e 31 anos.

Depois do repórter fotográfico tirar as fotografias necessárias, voltei para a redação de táxi. Ao chegar, ordenei as principais ideias e depois de almoçar fiz a peça. Pouco depois das 15 horas já tinha a peça pronta e apenas era necessário colocá-la no Milenium. Algo me parecia estranho na peça pois não tinha a certeza que a mensagem era perceptível, disse isso ao Hugo e, juntos, trabalhamos no texto. O Hugo fez algumas modificações que, na verdade, foram fundamentais como colocar um subtítulo, por exemplo, de forma a dar harmonia ao texto. Escolhemos o melhor título porque o espaço era pouco e o título tinha de sintetizar tudo em poucas palavras.

Às 16.30 horas, a Isabel ia ao metro dos Aliados por causa da colocação do projeto piloto do avatar para ajudar a comunidade surda a esclarecer algumas dúvidas sobre o Andante. Connosco também foi um repórter fotográfico e duas jornalistas do JN Direto. Este avatar vai ser apresentação ao público na quinta-feira.



Montagem do equipamento



Interação com o avatar



Entrevista JN Direto

Ao sair, a Isabel disse para eu e a assessora presente trocarmos contactos para futuros trabalhos. Achei a ideia excelente. Considerando que hoje tive acesso às minhas credenciais, dei-lhe o meu número pessoal e o meu email do jornal – ana.vieira@jn.pt. Nessa altura, a Isabel disse à assessora que eu “era das boas” porque desde a primeira semana de estágio que saía sozinha sem serviço. Um elogio de uma profissional com mais de 20 anos de casa soube-me muito bem! Além disso, a Isabel disse que podíamos trabalhar as duas na reportagem. Que excelente oportunidade!

Quando chegámos à redação eram quase 18.30 horas. O Hugo estava em reunião, mas como não tinha trabalho dei por terminado o dia.

Pouco depois o Hugo ligou-me. Julguei que ele precisasse de alguma coisa por isso quando atendi a primeira coisa que disse foi: “precisas de mim? Estou perto, posso ir já para aí”. Pelo que ele me disse não era necessário. Como eu costumo entrar às 10 horas, ele deu-me a manhã. Disse que tinha serviço às 17 horas e que, por isso, podia entrar à tarde.

Não há dúvida que hoje foi um excelente dia.

Muito satisfeita.

17.10.2018

Hoje entrei às 15 horas. O Hugo marcou-se serviço para as 17 horas. Ao chegar à redação, a Isabel lembrou-me que, amanhã, vai ser a inauguração do projeto piloto tradutor para linguagem gestual na Metro, às 10.15 horas. Disse “como quem não quer a coisa, vai propor isto ao Hugo”. Como se costuma dizer, primeiro estranha-se e depois entranha-se. Disse-lhe que aquilo tinha sido ela a conseguir, mas ela insistiu e, por isso, agradei a confiança. Pedi-lhe para me mandar para o email as informações que tinha. Apresentei a proposta ao Hugo e ele aceitou por achar algo muito interessante.

Fui para o serviço. O agrupamento de escolas Dr. Costa Matos decidiu implementar uma alimentação saudável nos seus alunos com um projeto para os anos letivos de 2018/2019 e 2019/2020. O repórter fotográfico foi o Artur Machado. Encontrámo-nos no local. A apresentação do projeto foi na biblioteca da escola sede, a EB 2,3 Teixeira Lopes. Entrevistei o diretor da escola, Filinto Lima, o coordenador da Unidade de Saúde Pública, José Rola e quatro alunos Ana Santos, João Pedro Filipe e Miguel Costa, de 14 anos e José Casais de 16 anos.



Brinde ao projeto

Quando cheguei à redação estava pronta para escrever a peça mas a Cláudia insistiu para eu dar o dia por terminado. A edição estava a fechar e a peça não era para amanhã. Hoje o dia foi curto mas foi muito bom. Estou cada vez mais entusiasmada.

Muito satisfeita.

18.10.2018

Hoje, o dia começou às 10.15 horas no metro dos Aliados. Foi a inauguração do tradutor de linguagem gestual.

Nunca pensei escrever isto mas eu entrevistei três surdos:

- Spyroula Timotheou, de 19 anos, natural do Chipre (Cyprus) com a ajuda da intérprete Panayiota Themistokleous
- Cristiana Azevedo, de 43 anos, natural do Porto e professora de linguagem gestual na Escola Alexandre Hercula com a ajuda da intérprete Cátia Barros.
- Janete Rajão, de 17 anos, natural do Porto. Não foi necessário intérprete pois possui um implante craniano que facilita a audição e, consequentemente, a fala.

Que experiência fantástica! Serviço com esta natureza é fantástico!

No local, ainda entrevistei uma das coordenadoras do projeto, Paula Escudeiro para poder ter algumas declarações gravadas e também entrevistei o presidente da Metro, Jorge Delgado.



Inauguração do tradutor em linguagem gestual



Fotografia com os elementos envolvidos

O repórter fotográfico foi o André Rolo que, após recolher as imagens necessárias, foi comigo para a redação. Ao chegar, relatei o que aconteceu ao Hugo e pediu-me para escrever uma peça para o *online*. Assim fiz⁹⁰. Fizemos algumas alterações mas nada de especial. Não tenho o hábito de escrever para o *online*. Tenho consciência que algumas coisas são diferentes. A meu ver a maior vantagem é o número ilimitado de caracteres.

Depois de almoço, comecei a tratar da peça de ontem. Ainda tenha as informações muito frescas na memória e, embora não seja para amanhã, prefiro que já fique escrita.

Não há dúvidas que hoje o dia foi excelente. A experiência de entrevistar surdos foi incrível.

Muito satisfeita.

19.10.2018

Hoje o dia de trabalho começou mais cedo. Ontem, o Hugo deu-me as senhas para ir direta em serviço.

Às 10 horas fui para a Maia e encontrei-me com o Ivo Pereira. Era a inauguração de um laboratório, instalado na Quinta da Gruta, que permite aos professores reservarem o espaço quando a escola não tem os materiais necessários. Fiz algumas entrevistas a responsáveis e falei com quatro dos alunos.

Quando cheguei à redação comecei a escrever a peça mas não tinha muito tempo porque às 13 horas tinha de estar no Hospital de São João.

Antes de ir almoçar, o Hugo pediu-me a peça sobre a escola que adotou uma alimentação saudável nas ementas do refeitório e do bufete (que ficou escrita ontem). Enviei-lhe para o email e expliquei-lhe que ainda era uma peça grande porque era preferível cortar alguns caracteres do acrescentá-los e que tinha colocado no documento WORD algumas vozes para o caso de ser preciso.

Cheguei ao Hospital de São João à hora certa. O Ivo já estava lá com o Ivo Caldeira, o assessor, que nos dirigiu até ao local da inauguração do moral. O espaço estava cheio de pessoas. Quando cheguei percebi que ia começar uma entrevista e, mesmo sem saber quem era a entrevistada, decidi começar a gravar. Considerando que, embora em espanhol, tocou

⁹⁰ Peça do *online*: <https://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/interior/avatar-que-ajuda-surdos-no-metro-ainda-vai-ser-melhorado-10021117.html>

num assunto que me interessou perguntei-lhe se me podia dizer o seu nome e cargo para poder escrever na peça. Escreveu Carmenza Jaramillo e era a embaixadora da Colômbia em Portugal. Também falei com o Administrador Hospitalar, Dr. Manuel Melo, com António Calado, Almirante Chefe de Estado-Maior da Armada, com o Rúben Pinto com cerca de 15 anos de idade que está internado à um ano e meio com um tumor na anca e com a sua mãe, Isabel Pinto.



Mural



Almirante a apresentar uma das meninas da Pediatria



Ivo Pereira a fotografar a embaixadora e o almirante

Voltei para a redação e escrevi as duas peças. A peça da manhã foi mais fácil de escrever. A informação era mais clara e consegui organizá-la com mais facilidade para o espaço que tinha de ocupar no jornal. Para a peça da tarde foi muito mais difícil. Demorei imenso tempo a escrevê-la e já sabia que não podia sair da maneira que estava. Durante as entrevistas, o significado do mural parecia uma metáfora. Foi um pouco complicado. A melhor forma que eu e o Hugo arranjámos foi cortar algumas informações em formato de citação e acrescentar texto de outra notícia que no conjunto complementavam-se de forma perfeita.

Adoro dias preenchidos!

Muito satisfeita.

20.10.2017

Hoje é sábado mas a tarde é de trabalho. Às 15.30 horas fiz a entrevista à D. Maria Leitão, a reбуçadeira mais velha a cumprir a tradição da venda dos reбуçados da Régua. O repórter fotográfico que me acompanhou foi o Rui Ferreira. Para além de fotos também fez a gravação da entrevista e alguns planos de corte para o vídeo do JN Direto. Pelo que percebi, o Rui trabalha para a Global Media e é um correspondente em Vila Real.

A entrevista foi curta - mais ou menos 15 minutos - mas na verdade, o espaço do *Protagonista* não é muito grande.

Depois das imagens captadas demos por encerrado o trabalho.



A entrevista à D. Maria, com o repórter fotográfico Rui

22.10.2017

Segunda-feira. Mais uma semaninha de trabalho a começar hoje.

Quando cheguei à redação verifiquei a agenda e não tinha nada marcado. De qualquer das maneiras, a primeira coisa que fiz quando cheguei à secção foi ligar ao Padre Loureiro para marcar uma reportagem no Seminário Missionário Padre Dehon. Ontem (domingo), eu e o Hugo trocámos alguns emails por causa da agenda de uma reportagem sobre o trabalho

missionário de um seminário. Pelo que o Hugo me disse, o JN já fez uma reportagem sobre esse tema mas, infelizmente, a peça nunca chegou a sair por lapso do jornal. Agora, pediu-me para ligar ao Padre - o contacto estava no email - e marcar. Liguei-lhe e concordámos em marcar a peça para sexta-feira, às 14.30 horas. Enviei email ao Hugo e em CC para a Cláudia para ficarem a par da marcação.

Na parte da manhã, escrevi a peça sobre a reбуçadeira. Ontem (domingo), o Rui enviou-me mensagem a dizer que a Joana Soares do JN Direto lhe tinha enviado um email a perguntar quando é que saia a peça em papel e a pedir para, assim que esteja terminada, enviar para o JN Direto. Pedi o contacto dela ao Rui e liguei-lhe. Ficou combinado à noite, desse mesmo dia, enviar-lhe o texto que já tinha mais ou menos composto com algumas das informações prévias que tinha da D. Maria. Assim foi.

Após o almoço, não tinha trabalho. E já tinhas todas as peças concluídas. A meio da tarde, a Cláudia disse-me que a peça sobre a alimentação saudável no Agrupamento de Escolas Dr. Costa Matos era para sair na edição de amanhã. Após me indicar em que página ia ficar, comecei a passar a peça. Conforme referi no dia 18 deste mesmo mês, eu já tinha a peça escrita mas ainda não me tinha sido dada a indicação que ia sair. A Cláudia pediu-me um título original. Não queria que optásse pelo básico como por exemplo, "Escola com alimentação saudável nas cantinas". Após algumas tentativas, decidi-me por "Ementas mais saudáveis e sem desperdícios". Acredito que este título sintetiza a peça e seja mais "original". Ao rever a peça com a Cláudia, fizemos alterações no título.

Pouco antes da sair, a Cláudia informou-me que a peça, afinal não sai amanhã.

Hoje não foi um bom dia. São oito horas diárias e dias com pouco trabalho ou pouca aprendizagem (digo isto porque aprendo sempre quando saí com os jornalistas em serviços) deixam-me um pouco frustrada.

Insatisfeita.

23.10.2010

Hoje entrei mais cedo. Ontem, após uma conversa entre a Cláudia e o Miguel Pataca da secção *Desporto*, ficou combinado que eu iria eu até à Câmara Municipal do Porto, cobrir a conferência de imprensa sobre a apresentação da 15º EDP Maratona do Porto.

Fui à redacção para deixar a lancheira e verificar se ia algum repórter fotográfico. Ia

sozinha. Fui a pé porque a Câmara é perto do jornal. Ao chegar, o assessor informou-me que após a apresentação poderia dirigir-me a ele para o caso de querer falar com alguém. Com a documentação que deram à comunicação social e com as palestras, fiquei bastante esclarecida. De qualquer das formas, quis registar umas palavras do presidente da Câmara do Porto, Rui Moreira. A entrevista foi curta porque apenas quis saber o que significava o evento para a cidade. A resposta foi bastante completa e, assim sendo, tinha o material necessário para montar a peça.



Sala nobre preparada para a inauguração



Recorte da peça do Porto.pt onde apareço na plateia

Escrevi a peça com cerca de 1500 caracteres pois pensei que lhe fosse dado algum destaque. A Cláudia disse que podia ter uma peça maior para o *online* e que para a edição em papel podia escrever uma breve. Em outras palavras, tive de reduzir 1500 caracteres a 300. Não foi fácil porque para o evento que é, acho que devia ter pormenores relativamente a alguns valores. Fiz a breve e pouco depois a Cláudia chamou-me e mostrou-me algumas alterações que tinha feito. Pelo menos não foi trabalho desperdiçado porque o texto maior ia ser publicado no *online*⁹¹.

⁹¹ Como eu era jornalista estagiária, o meu texto era enviado para a secção do *online* e os jornalistas publicavam. Esta peça não chegou a ser publicada no *online*.

Satisfeita.

24.10.2018

Hoje cheguei um pouco atrasada e odeio chegar atrasada. Felizmente não tinha trabalho para de manhã. Os reis da Bélgica estão de visita ao Porto então não foi permitida a passagem dos autocarros para certas partes da cidade. Assim sendo, tive de fazer uma parte do percurso a pé, o que me fez chegar às 10.30 horas.

Como todos os dias, a primeira coisa que fiz foi ver a agenda. Não tinha nada marcado e ninguém da minha secção ia sair em serviço. Mas como não gosto de estar sem fazer nada decidi que podia fazer uma nova peça para o *Protagonista*. Lembrei-me que a minha enfermeira, na Régua, trabalha há anos numa carreira de rodas. Sinceramente, acho que seria muito interessante conseguir escrever a história dela. É, sem dúvida, uma história de superação.

Falei com a Cláudia e ela achou um bom tema. Considerando que a Régua não abrange a área metropolitana do Porto, falei com a Carla da secção *Norte/Sul* que me deu luz verde para marcar a entrevista.

Na manhã de hoje, a redação do JN recebeu mais uma visita de uma escola. Desde que começou o meu estágio, é a segunda vez que vem cá um grupo de estudantes com coletes que trazem o logótipo do Jornal de Notícias. No entanto, apenas chegavam, viam os jornalistas a trabalhar e iam embora. Hoje, alguns alunos do 7.º ano da *Oporto British School* entraram e gravaram alguns *takes* no palco de concertos do Jornal. Com estas iniciativas, os meninos sentem-se verdadeiros jornalistas. Acho que estes são projetos ótimos para eles saberem o que acontece numa redação; num mundo de trabalho que, para eles, ainda está a uns anos de distância. "Saboreiem as palavras", é um dos muitos conselhos durante as gravações de um *take*.

Para a parte da tarde também não tinha serviço marcado. Por volta das 15.30 horas apercebi-me que a peça sobre a alimentação saudável nas cantinas e bares escolares do Agrupamento de Escolas Dr. Costa Matos, estava na edição para o jornal de amanhã.

Insatisfeita.

25.10.2018

Hoje tinha serviço para às 10 horas. Ontem, depois de eu ter saído da redação, o Hugo

ligou-me a informar que tinha de estar às 10 em Lavra, Matosinhos, e que por isso, convinha estar no jornal às 9.30 horas por causa do táxi. No entanto, com alguns atrasos dos autocarros cheguei perto das 9.45 horas. O Sr. Silva pediu taxista e enquanto esperava por ele, apareceu o repórter fotográfico Pedro Correia que me perguntou se ia com ele. Após ter dito que sim, ele disse que seria melhor eu ir com ele num dos carros do jornal porque o taxista ia dar uma volta muito grande. Assim foi. Fomos os dois no carro do jornal e chegámos lá muito mais rápido

Ao chegar a Lavra, duas dezenas de pessoas ainda estavam ao pé do banco Millennium. Protestavam por causa do encerramento daquele balcão. Era o único banco que restava na zona. Falei com umas quantas pessoas e viemos logo embora porque muitos populares estavam a querer falar comigo e na verdade, não queria dizer-lhes que não. Por isso, depois de recolher cerca de cinco depoimentos, sabia que tinha material suficiente para trabalhar. Fomos para a redação e comecei a preparar a peça.

Depois de almoço foquei-me na concretização da peça. Como o Hugo só chegou à redação na parte da tarde relatei-lhe o que tinha acontecido em Lavra. Pediu-me para ligar para a Junta de Freguesia de Lavra e para o Millennium para obter informações. Depois de muitas chamadas para a Junta, recebi a informação que a Sr^a. presidente da Junta não ia estar disponível o dia todo e que já tinha ido, de manhã ao local. Estranhei porque ainda tivemos algum tempo junto ao protesto e ela não apareceu. Quando consegui falar com alguém responsável pelo Millennium pediram-me para enviar um email porque era mais fácil responder por essa via. Eu acredito que apenas disseram isso porque queriam ficar com registo. Enquanto não tinha resposta da instituição bancária, falei com a enfermeira Paula Rosa. Ela aceitou dar a entrevista. Ficou de me ligar para a semana para combinar.

O início da tarde foi uma loucura. Hoje foi dia de concerto e a estrela foi o Tony Carreira. Nunca tinha visto tantos jornalistas pararem de trabalhar.

Depois de momentos de descontração, voltámos ao trabalho. Estive a ver com o Hugo a peça sobre o encerramento do banco pois pouco antes das 17.30 horas, o Millennium respondeu-me ao email a dizer que, de facto, iam fechar portas dia 9 de novembro. Assim sendo, a peça teve de ser modificada na íntegra pois já tínhamos validação por parte do banco.

Depois de modificarmos a peça, dei o dia por finalizado. Ao sair da redação, recebi a informação de que tinha havido um acidente perto da minha área de residência. Depois de

obter alguns pormenores, decidi ligar ao Hugo para informá-lo e, se achasse necessário, enviar para lá alguém. O acidente foi grave. Uma colisão de um autocarro com um veículo ligeiro. Não houve mortes, mas verificaram-se alguns feridos ligeiros e três feridos graves. Foram todos reencaminhados para o Hospital.



Entrevista à comunicação social



Carro envolvido no acidente

Sinceramente, acho que fui eu que dei o alerta para ao JN. No local, também estive o Porto Canal, a CMTV, a RTP, a SIC, a TVI e provavelmente o Público e a LUSA.

Acho que hoje foi um dia produtivo.

Muito satisfeita.

26.10.2018

A manhã de hoje foi engraçada. A Cláudia pediu-me para ir a seis parques em Gaia, Porto e Matosinhos ver se havia sinalização sobre a proibição de fumar nos parques infantis. Fui com o repórter fotográfico Fábio Poço.

No Porto fomos à Alameda Eça de Queirós e ao Parque Infantil Homem do Leme. Em Matosinhos passamos pelo Parque Basílico Teles e por Ondas sobre o Mar. Por fim, em Gaia, visitamos o Jardim Soares dos Reis e o Canidelo.

Almocei no jornal com a Marisa e em conversa, apercebemo-nos que fazer uma reportagem sobre as condições das nove residências da Universidade do Porto seria muito

interessante. Na semana pesada, a Marisa fez uma peça sobre a falta de camas e chegámos a falar sobre isso e sobre as residências. O principal motivo que me motivou a trabalhar o tema foi a minha presença como residente na Novais Barbosa. A Marisa apresentou o tema à Cláudia e, prontamente, tivemos o tema aprovado.

Disse à Marisa que ia precisar da ajuda dela porque eu não tenho experiência neste tipo de investigação, mas faço o que for preciso. Neste aspeto, ela deixou-me muito à vontade.

Na parte da tarde fui a um serviço que combinei na segunda feira a pedido do Hugo. Fui entrevistar o Padre Loureiro ao Seminário Padre Dehon, em Rio Tinto, sobre o trabalho missionário que realizou em Angola. Foi uma experiência muito boa. Fui com o repórter fotográfico Artur Machado. Adoro sair com ele. Já é a segunda vez. Quando chegámos ao local, o Padre Loureiro estava numa reunião importante. Esperámos um pouco. Cerca de dez minutos depois chamou-nos e após se desculpar do atraso entrámos no Seminário recentemente remodelado. Fizemos a entrevista sentados numa sala, o que facilitou a recolha de informações. Como conhecia muito pouco de missões missionárias, optei por recolher o máximo de informações. Assim sendo, comecei por perceber o que era o seminário, que pessoas albergava, que trabalho fazia, entre outros. Em segundo lugar, fiz diversas perguntas sobre o trabalho missionário: o que foi feito em 2018, o que estava previsto para 2019, o número de pessoas envolvidas, os trabalhos realizados até ao momento, entre outras.

Após a entrevista fomos conhecer o Seminário para o Artur tirar algumas fotos. O trabalho missionário que fazem é mesmo incrível. Ajudam imensas famílias e crianças em Angola.



Repórter fotográfico Artur Machado e o Padre Loureiro

Chegámos à redação ao final do dia. O fim de semana está a porta e hoje a minha mãe precisa de ajuda na Régua. Por isso queria apanhar o comboio das 17.40 horas. De qualquer das maneiras, sentei-me ao computador e comecei a escrever. Com tantas perguntas que eu tinha feito, tinha tudo muito fresco e bem entendido. Comecei a escrever e não parei. Tinha cerca de 2000 caracteres. Perguntei ao Hugo se era preciso mais alguma coisa. Ele disse que não mas pediu para enviar o que tinha à Cláudia. Assim o fiz.

Chegou mais uma semana ao fim. Gosto tanto de dias agitados.

Muito satisfeita.

29.10.2018

Segunda-feira. Hoje tive de entrar mais cedo. Eram 9 horas e eu já estava na redação. Ontem, ao final da tarde a Cláudia ligou-me a pedir para ir mais cedo porque tinha de estar às 10 horas na Câmara Municipal de Gaia por causa da apresentação dos resultados da pegada ecológica do município. Cheguei à hora marcada e a sessão demorou imenso tempo. Não estava à espera que demorasse tanto. Foi uma apresentação de quase uma hora e meia. Explicaram a pegada ecológica a nível mundial, nacional e por fim, a pegada de Vila Nova de Gaia.



Salão nobre da Câmara Municipal de Gaia

Após falar com a assessora, consegui entrevistar Sara Moreno Pires, investigadora e docente da Universidade de Aveiro e também o vereador Valentim Miranda.

Ao chegar à redação, achou-se melhor aliar esta peça a uma que estava a ser desenvolvida na secção *Norte/Sul*. Escrevi um texto pequeno (quase como um complemento) sobre Gaia e enviei-a à Carla do *Norte/Sul*.

Na parte da tarde, decidi melhorar a reportagem sobre o Seminário Padre Dehon. Não sabia para quando iria ser a sua publicação, mas ao menos a peça já ficava pronta. Até porque não gosto de estar sem ter nada para fazer. A meio da tarde, o Hugo disse-me para escrever na página 22. Sinceramente pensei que ia ter mais espaço mas não há problema. Dei um jeito ou outro à peça e fiquei à espera que ele a revisse. Não demorou muito tempo e até fiquei satisfeita porque nunca fiz uma peça que tivesse tantos elementos. Não houve muitas alterações na peça. Conforme o Hugo lia a peça eu ia explicando o porquê de ter escrito algumas coisas e explicando as dúvidas que tive. Correu muito bem.

Ao final do dia atualizei o editor e vi que a peça que eu tinha escrito tinha sido substituída. Não estou preocupada porque sei que ela vai acabar por sair. Hoje foi um ótimo dia de trabalho. Ah! E hoje ainda cantamos os "parabéns" ao Hugo!

Muito satisfeita.

30.10.2018

Parece que vou acabar o primeiro mês de estágio sem ter trabalho. Acho que já repeti isto imensas vezes neste diário de bordo mas não gosto nada de não ter nada para fazer. Já que tempo não faltava, preparei a entrevista da enfermeira Paula. Mande-lhe mensagem para a lembrar que tínhamos de marcar uma data. Queria ligar-lhe mas na semana passada ela disse que andava doente e que, provavelmente, voltava ao trabalho esta semana mas sem garantias. Se até amanhã ela não me disse nada tento ligar.

Uma das coisas que hoje me deixou muito feliz foi saber da quantidade de partilhas que a peça sobre a D. Maria Leitão, a reбуçadeira da Régua, estava a ter no *online*. O Rui Manuel Ferreira, perto das 10 horas, disse-me que já somávamos 1375 partilhas. Às 14.30 horas já eram 1652 partilhas e o número não parou de crescer até ao final do dia. Antes de sair da redação, eram 1721 partilhas. Estou muito feliz com estes resultados, principalmente porque a peça foi publicada no *online* há dois dias (dia 28 de outubro, às 22.34 horas).

A meio da tarde, o Hugo pediu-me para lhe enviar um *email* com as informações sobre os parques e as sinaléticas. No dia em que fui fazer esse serviço, a Cláudia (que me tinha dado esse trabalho), disse-me que depois falávamos com alguém da secção *País*. Nesse dia, não chegámos a falar com ninguém mas eu tinha-lhe feito uma síntese verbalmente. Disse-lhe que nenhum dos seis parques do Porto, Gaia e Matosinhos, tinha as placas mas que Matosinhos tinha a sinalética antiga. No entanto, a Cláudia não passou essa informação a ninguém. Mas sem problema. Enviei a informação organizada ao Hugo por *email*.

Pouco depois, o Hugo pediu-me para fazer uma breve. O tema era fácil. Fiz rápido. Foi apenas transformar a informação que estava num *press*. Mas... claro, que tiraram a breve. Não me deixa chateada porque era para anunciar um evento para 5 a 9 de novembro. Por isso, até dia 4, faz sentido publicar essa breve. Falei com o Hugo e ele disse que a peça pela qual a minha breve foi substituída é mais importante. Compreendo.

Hoje foi um dia muito parado. Ainda fiz algumas coisinhas para adiantar trabalho sobre o próximo protagonista que vou fazer mas não gosto de dias assim.

Insatisfeita.

31.10.2018

Hoje também não tive trabalho em agenda. Parece que só venho mesmo marcar

presença. Mas nunca se sabe o que pode acontecer.

De manhã saí com a Adriana. Fomos para a zona do Castelo do Queijo, em Matosinhos. Há suspeitas que o Edifício Transparente vá ser demolido. Fomos com dois jornalistas do JN Direto e um repórter fotográfico recolher depoimentos sobre a demolição. Quase nenhum dos comerciantes quis falar e, na verdade, o edifício estava praticamente deserto. Fizemos o que pudemos e voltamos para o jornal.

Depois de almoço, também não tinha serviço mas a Isabel tinha e convidou-me para ir com ela. Fomos com o repórter fotográfico estagiário, o João Pedro Santos. Fomos até um gabinete de arquitetura por causa de um projeto. A confusão foi incrível. Quando a Isabel iniciou a conversa, o arquiteto recusou-se a prestar declarações pois não queria falar do projeto da ponte D. Maria Pia mas sim do seu construtor, Eiffel. A Isabel disse inúmeras vezes "eu não posso ignorar que há um projeto". Entre um acordo e outro, conseguimos para recolher a informação necessária para escrever a peça.

Podia ter sido um mau dia se tivesse ficado na redação o dia todo. Como já disse, aprende-se alguma coisa a sair com outros jornalistas e, hoje, foi um desses dias.

Satisfeita.

5.2. Diário de bordo de novembro

02.11.2018

Hoje não tive trabalho em agendas. E não foi surpresa. Cheguei à redação pouco depois das 10 horas. Atrasei-me por causa dos transportes públicos. Saiu na edição de hoje a peça sobre o Seminário Padre Dehon. "Foi preciso haver um feriado para não haver nada e dar para publicar a peça", disse-me a Cláudia.

A Adriana e a Carla estavam a fazer a volta juntas e ainda não tinha registado nenhuma ocorrência quando, perto das 11 horas, um jornalista de outra secção avisou a Cláudia de um despiste numa estrada. A Adriana voltou a contactar os bombeiros da região que pouco sabiam. De qualquer forma, a Carla e o JN Direto partiram para o local. E eu juntei-me a elas.

Quando chegámos o local, perto do Estádio do Dragão, percebemos que tinha ocorrido um despiste de um veículo pesado de transporte de cimento que estava vazio quando do

despiste. O condutor apenas sofreu uma pequena escoriação no braço direito e nem precisou de assistência média.



Acidente de frente

Após o direto, voltámos para a redação.



Acidente de trás



Entrevista ao responsável

Na parte da tarde também não tinha serviço e não saí com nenhum jornalista.

Insatisfeita.

05.11.2018

Mais uma semana. Confesso que começo a ficar saturada de não ter serviço em agenda. Passar os dias na redação sem ter trabalho definido é muito aborrecido e sinto-me mesmo inútil. Por muito que eu queira adiantar trabalho para *Protagonista* da enfermeira Paula, por exemplo, tenho de aguardar pelo contacto dela. É muito aborrecido. Pode ser que aconteça alguma coisa e consiga sair com alguém em serviço.

A meio da tarde, a Cláudia pediu-me para descobrir tudo sobre o ácido fórmico. Houve um derrame no Porto de Leixões. Liguei para a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, conforme me foi orientado. Após andar a ser “empurrada” de linha em linha e a Carla deu-me o contacto do Raúl, o assessor da Universidade do Porto. Em conversa com ele, consegui o contacto do professor Manuel João Monte do departamento de química e bioquímica. O professor foi bastante atencioso e deu-me algumas informações valiosas para escrever o texto. Como era um tema que não domino, tive de lhe ligar mais algumas vezes para conseguir escrever o texto que será um complemento do texto do Miguel, segundo o que a

Cláudia me disse. Ele saiu em serviço e fez desvio para Leixões.

Chegou por volta das 19 horas e o computador e o *email* dele não estavam a funcionar. Disse-lhe que seria mais fácil colocar o meu texto no editor e que se quisesse aproveitar alguma informação já tinha o texto feito.

Pouco satisfeita.

06.11.2018

Hoje comecei o dia um pouco desmotivada. Ao abrir o jornal percebi que não se tinha aproveitado nada do que eu tinha escrito sobre o ácido fórmico. Acontece. Não há problema.

Hoje tenho serviço. Vou a um almoço em comemoração do 58º aniversário da Marques Soares. Quando vi o meu nome neste serviço fiquei um pouco apreensiva por causa da ética profissional. No entanto, foi uma forma de testar a minha imparcialidade.

A manhã foi calma e por volta das 12.40 horas comecei a preparar-me para sair da redação. Fui a pé até à Rua das Carmelitas, perto dos Clérigos. A proximidade ao JN não justificava ir de táxi.

Ao chegar lá, encontrei-me com o Artur Machado, o repórter fotográfico. Pouco depois apareceu a Ana Rita da revista Magazine.

O almoço foi descontraído. Ao longo da refeição, os membros da direção explicaram a história da Marques Soares e os projetos que têm para ao futuro. No fim ainda falei um pouco com um dos presidentes do conselho de administração, Paulo Antunes. Foi dada uma pequena lembrança aos jornalistas. No saco oferta estava o mais recente catálogo da marca e algumas amostras de perfume.



Entrada de uma das lojas, nas Carmelitas



Mesa de almoço Marques Soares

Ao chegar à redação falei com a Cláudia e ela disse que não sabia se era para publicar. Mais tarde, acabou por me indicar a página 26. Escrevi uma nota no final da página com bastante imparcialidade. Mais tarde, juntamente com a Cláudia, fizemos algumas mudanças na peça.

Hoje o dia foi diferente. Foi a primeira vez que fui a um almoço de uma marca com jornalistas e até gostei da experiência⁹².

Satisfeita.

07.11.2018

Hoje tenho mais um almoço. Desta vez é na pizzaria Antonio Mezzero para apresentar a primeira edição da All Stars Pizza Antonio Mezzero Trophy. O serço é às 13 horas, em Matosinhos. O Artur Machado foi comigo. A nós juntou-se o dono da pizzaria, impulsionador do concurso e campeão mundial de pizza napolitana 2018, Antonio Mezzero. Foi um almoço maravilhoso.

⁹² No dia seguinte, saiu a peça no *online*:

<https://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/interior/marques-soares-remodela-loja-das-carmelitas-no-porto-10144401.html>.



Mesa de almoço na pizzaria



Artur Machado a fotografar



Antonio Mezzero

Ao chegar a redação, "espremi o sumo" do almoço à Cláudia que me indicou a página onde devia escrever. Com a quantidade de informação pormenorizada que tinha, consegui escrever uma peça com facilidade. Além disso, tratando-se de um concurso é mais fácil conseguir organizar a informação. Ouvi a entrevista que fiz ao "mestre pizeiro" e acrescentei algumas citações no texto. Pedi ao Hugo para ler porque a Cláudia estava na habitual reunião da tarde. Ele fez pequenas alterações. No fundo a peça estava bem escrita.

Satisfeita.

08.11.2018

Não gosto nada de chegar atrasada, mas hoje o autocarro não ajudou. Para meu azar, o 200 bloqueou em frente ao Hospital de Santo António. Não arrancava de maneira nenhuma. Estava a chover imenso e o vento era assustador. Tive de esperar por outro autocarro que me deixou nos Aliados. Assim sendo, quando cheguei ao Jornal já eram quase 10.30 horas. Enfim.

Tinha serviço na agenda para as 11 horas. Foi em São Mamede Infesta e fui com o Artur Machado. O serviço era interessantíssimo. A estilista Maria Gambina e 20 jovens portadores de deficiência uniram-se à Associação Rumo à Vida e à Câmara Municipal de Matosinhos para recriarem as bonecas "Peixeiras de Matosinhos".

Falei com a representante da direção, com a estilista, com a professora e com um dos

jovens que, embora tenha algumas dificuldades na fala, consegui expressar o gosto pela atividade que desempenhava. Esclareci algumas questões e voltámos para a redação.



Sala de trabalho da associação, com Maria Gambina

Depois da hora de almoço comecei a preparar a peça. A Cláudia disse que seria uma reportagem. Assim, não tive receio dos caracteres e escrevi o que julguei mais importante. Não saí da edição de amanhã mas, de qualquer maneira, já fica pronta.

Hoje, recebemos no palco da redação Matias Damásio. Foi o espetáculo mais curto que tivemos. Pelo que andavam a dizer, ele tinha um compromisso a seguir ao qual não podia faltar. Foram bons momentos de descontração, mas rapidamente voltei ao trabalho. Custou escrever a reportagem do projeto "Peixeiros de Matosinhos". Tinha imensa informação e custou-me criar uma linha de pensamento lógico. Passei imenso tempo a aperfeiçoar a peça porque não queria que sofresse muitas alterações a quando da publicação⁹³.

Já tive melhores dias de trabalho. Confesso que tenho andado um pouco desanimada. No primeiro mês de estágio teve dias de trabalho muito bons e estava à espera de mais no segundo mês. Mas, no geral, hoje não foi um mau dia.

Satisfeita.

⁹³ A peça foi publicada no dia 16 de novembro, em formato de notícia.

09.11.2018

Mais um dia ser serviço agendado. Quero acreditar que se não há trabalho para mim, é porque não há nada para noticiar. Mas, na verdade, as coisas não são assim tão lineares. Ou há muita coisa para escrever ou não há nada para relatar. Ultimamente, parece que não há um meio termo.

Lembrei-me que havia uma coisa que eu podia fazer para me entreter: escolher alguém do Porto para um *Protagonista*. Pesquisei um bocado e encontrei três possibilidades. Primeiro, falar com o/a gestor/a da página de Facebook *Humans of Porto*. O projeto é engraçado. Publicam o resumo de uma história de alguém com o Porto. Pode ser apenas uma frase de alguém ou a forma como conheceu o Porto. Em segundo, a loja de tatuagens mais antiga do Porto - a *Spider Tattoos*. Foi fundada em 1989. Por último, entrevistar o Mr. Dheo. É um artista de *street art* natural do Porto. De acordo com a pesquisa que fiz, tem obras em mais de 40 cidades internacionais. No entanto, as mais emblemáticas permanecem na cidade do Porto. Em 2013, pintou o teto do Museu do Futebol Clube do Porto - um enorme dragão -, a convite do próprio clube. Em 2014, foi convidado pela Câmara Municipal para pintar o primeiro mural da cidade, na Trindade. Esta última, foi uma homenagem ao seu pai.

De todos os enunciados, o que me despertou mais interesse foi o Mr. Dheo. O Jornal nunca falou dele em específico a não ser numa peça sobre vários artistas de rua. O Hugo disse que, embora ele seja muito conhecido, seria melhor arranjar outro que não fosse tão reconhecido pelo público. E, na verdade, não quis apresentar as outras duas propostas. A *Humans of Porto* não publica nada desde 2017. Considerando que a página não é atualizada não me parece que seja algo "atual" para publicar. Relativamente à loja de tatuagens, não me parece que encaixe no que é pretendido para o *Protagonista* porque é uma loja e não uma pessoa.

Mandei por email à Cláudia e em CC para o Hugo o meu texto sobre as "Peixeiras de Matosinhos". Embora não seja para a edição de amanhã pode ser que seja colocada no *online*.

Acabei a semana sem ter serviço. E volto a dizer: estou saturada de não ter trabalho.

Insatisfeita.

12.11.2018

Hoje só entrei às 15.30 horas. Como quis ir com a Isabel à Assembleia Municipal de Matosinhos para ter experiências diferentes, o Hugo deu-me a manhã.

Chegámos às 21 horas e saímos às 00.30 horas. Adorei. Aprendi bastante. Apenas ficámos até ao quarto ponto da ordem de trabalhos porque era até onde nos interessava. Os restantes pontos eram apresentações de contas e não tínhamos interesse nessa parte da matéria.

Estavam presentes na bancada diversos munícipes. Não sabia que nas Assembleias Municipais não pode haver qualquer tipo de manifestação positiva ou negativa. No caso de acontecer, em momentos mais calorosos, a presidente da Assembleia interrompe alertando que não é permitido tal comportamento. Além disso, foi interessante ver a Isabel a trabalhar ao longo do decorrer da ordem de trabalhos. Enviou a peça por *email* para a Rita do jornal para publicar no online. A Rita "fez retaguarda", ou seja, publicou a peça de quem estava no terreno⁹⁴.



Sala da Assembleia de Matosinhos

Como se tratava de uma Assembleia extraordinária, no início da sessão, foi dada oportunidade ao público presente de apresentar alguns temas sobre melhorias para Matosinhos e para as freguesias. O ponto alto da noite foi a retirada dos quatro elementos do PSD, do independente Pedro Gonçalves e eleito do movimento António Parada.

Sem dúvida que irei querer estar presente nas próximas Assembleias.

⁹⁴ Peça publicada no *online*: <https://www.jn.pt/local/noticias/porto/matosinhos/interior/assembleia-de-matosinhos-aprova-regresso-as-dez-freguesias-10170559.html>

Satisfeita.

13.11.2018

Hoje entrei às 11 horas. Ontem cheguei a casa tarde por causa da Assembleia Municipal e como fiquei um pouco constipada não consegui mesmo chegar mais cedo. Sabia que não tinha serviço em agenda porque verifiquei ontem. De qualquer das maneiras, queria cumprir o meu horário.

De manhã, eu e a Marisa falámos por causa da reportagem que queremos fazer sobre as condições nas residências universitárias da Universidade do Porto. Consegui os contactos de alguns alunos e apresentei-os à Marisa. Duas das entrevistas ficaram marcadas para amanhã ao início da tarde. Eu queria imenso ir. Para além de ser um tema no qual estou bastante envolvida, uma das pessoas que vai ser entrevistada é uma amiga minha, a Marlene Simões.

Provavelmente não vai ser possível ir porque o Hugo deu-me um tema para fazer reportagem: os elétricos do Porto. O Hugo forneceu-me o contacto da assessora da STCP, Maria João Quintela. Liguei-lhe para lhe pedir todas as informações que ela tivesse sobre os elétricos, como os percursos, a percentagem de turistas estrangeiros e "locais", os procedimentos para quando há um carro estacionado na linha do elétrico e a taxa de alugueres. Basicamente, pedi-lhe para me enviar tudo o que fosse possível reunir, no máximo, até quinta-feira.

Hoje tivemos mais uma atuação na redação: Cati Freitas. Foi uma atuação calma e relaxante.

Entretanto, a Maria João Quintela, a assessora da STCP, ligou-me a confirmar: amanhã, às 14.30 horas na entrada do Museu do Carro Elétrico. Vou precisar de falar com alguns turistas. Provavelmente vou conseguir falar com turistas portugueses, mas, para prevenir, preparei algumas questões em inglês.

No final do dia de hoje, consegui os contactos necessários para a peça sobre as condições das residências.

Da residência Novais Barbosa, a Marlene Simões e a Salomé Fonseca. Da residência Alberto Amaral, a Clara de Sousa e a Maria Carolina Matos. Da residência Bandeirinha, o Horácio Ladera e o José Fernandes.

Pouco satisfeita.

14.11.2018

Já estava a precisar de um dia de trabalho assim.

Na parte da manhã, estive a recolher mais contactos para a reportagem sobre as condições das residências. A Salomé, que ontem tinha aceite o convite, enviou-me hoje mensagem a dizer que afinal não quer prestar declarações. Apenas tive de respeitar. De qualquer das formas, não quis deixar a Marisa sem contactos e, assim, consegui arranjar alguém membro do grupo *(Des)alojados* com vontade de dar o seu testemunho. Também tentei encontrar contactos de alunos de outras residências porque as duas residentes da Alberto Amaral desistiram.

Na parte da tarde, fui até a residência Novais Barbosa com a Marisa e com o repórter fotográfico para eles verem as condições. Fomos à sucupa porque não havia outra forma de obter as declarações. Eu sou residente, mas não é permitida a entrada nas instalações a quem não o é. Para não deixar as meninas entrevistadas (e uma delas é minha amiga) numa situação desconfortável, preferi ser eu a entrar com eles. Tiraram algumas fotografias no meu quarto porque é um dos mais afetados pela humidade e em seguida, ficaram à conversa com a Marlene e com a Rute, que chegou mais tarde.

Às 14.30 horas, fui ao Museu do Carro Elétrico com o repórter fotográfico Leonel de Castro. *Reportagem com passageiros dos elétricos do Porto*, foi o tema deixado em agenda. Falei com turistas estrangeiros oriundos dos quatro cantos do mundo: Portugal, Taiwan, Holanda, Alemanha, França, Arménia e Brasil. Foi uma experiência muito gratificante. Um dos entrevistados, Arthur Koyan, de 30 anos da Arménia, pediu para tirar uma fotografia comigo para ter como recordação.



Museu do Carro Elétrico



Elétrico vazio



Elétrico cheio

Quando cheguei à redação, não resisti a escrever um bocado sobre o tema. Tinha frases originais na cabeça. Comecei a escrever o texto e confirmei com o Hugo se podia utilizar o tipo de linguagem que tinha usado até então, ao qual respondeu que sim. Para este tema, acho que é mais interessante uma linguagem "de contar histórias". Saí da redação às 19 horas. Honestamente, já tinha saudades de dias de trabalho agitados.

Muito satisfeita.

15.11.2018

Não tive serviço agendado para hoje, mas tarefas não me faltavam.

Queria acabar a reportagem dos elétricos, mas a manhã foi interrompida com o convite de ir com a Carla Soares à sede do Bloco de Esquerda porque queriam denunciar irregularidades relativas à Câmara.

Depois de almoço, trabalhei na reportagem e às 16 horas fui com a Marisa e com o Rui Oliveira (repórter fotográfico) à Residência Bandeirinha. Falámos com o Horácio Lacerda, 20 anos, estudante de Direito na Faculdade de Direito da Universidade do Porto. Pouco depois encontrámo-nos com o José Fernandes, de 20 anos, estudante de Multimédia na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. Conversámos com ele num café perto da Residência, junto ao Hospital de Santo António. Optámos por fazer a entrevista desta forma porque quando estávamos a entrar na residência, a governanta interrogou o Horácio

por causa da nossa presença. Dissemos que éramos jornalistas do Jornal de Notícias, mas que apenas estávamos ali para ter uma conversa com o Horácio. Para a governanta não nos ver a falar com o José fomos para um café perto.

No geral, as entrevistas correram muito bem. Pedimos ao táxi nos apanhar junto aos Clérigos e seguimos para o Jornal. Quando chegámos à redação eram quase 18 horas.

Muito satisfeita.

16.11.2018

Mais um dia sem ter serviço em agenda. De qualquer forma, tinha trabalho para fazer. Tive de fazer uns contactos devido à reportagem sobre os elétricos. Liguei para a assessora para recolher umas informações e para a responsável do Museu do Carro Elétrico para esclarecer umas questões.

Reescrevi a peça. Sendo uma reportagem, são necessários vários detalhes. Além disso, o próprio tema exige a explicação de diversos pormenores. O tema principal são os passageiros, mas o Hugo quer que eu explane o tema do estacionamento indevido, a percentagem de turistas, quer que fale um pouco do Museu, entre outros detalhes.

Na parte da manhã, a assessora enviou-me as informações que lhe solicitei no início desta semana. Acrescentei essas informações no texto. Após a hora do almoço, apresentei ao Hugo uma proposta para o *Protagonista*: as gémeas Francisca e Eduarda Dias. Aos 18 anos ingressaram no curso de *Media Communications* no *London College of Communication* e por lá ficaram quatro anos. Atualmente a Francisca trabalha numa produtora musical, em Londres, e edita músicas de grandes nomes internacionais. No Porto, a Eduarda trabalha numa *startup* que recolhe dados de vinhos e que se dedica a eventos, produtores e retalhistas. Enviei um *email* para o Hugo e em CC para Cláudia a explicar a temática e a informar sobre dia, hora e local. Dia 28 de novembro, às 16.00 horas, no Jornal de Notícias.

Durante a manhã recebi um *email* da assessora Fátima Martins com a proposta de um trabalho sobre *mindfulness* aplicada no Colégio Luso Internacional do Porto. O Hugo aceitou o tema e troquei *emails* com a assessora a marcar.

Nos últimos dois dias não tenho tido serviço, mas tenho conseguido passar os dias a trabalhar.

Muito satisfeita.

19.11.2018

Hoje entrei por volta das 15.30 horas porque à noite fui com o Miguel à Assembleia Municipal do Porto.

Ao chegar à redação, fui verificar o meu *email* do jornal porque suspeitava já ter mais informações da assessora sobre o *mindfulness* no Colégio do Porto. Contactei-a para ser possível acertar os últimos detalhes para a marcação da visita. A Fátima Martins precisava saber se eu ia querer falar com alguma mãe, se ia levar repórter fotográfico e se ia querer assistir a uma sessão. A todas as questões, a minha resposta foi positiva.

Enquanto o fim do dia não chegava, lembrei-me de mais uma peça interessante para o *Protagonista*, ao qual a Cláudia achou muito interessante. Um jovem estilista criou marca em nome próprio - *Francisco Félix*. Deu os primeiros passos no mundo da moda quando tinha 14 anos. Aos 16 registou a marca. Eu conheço-o por isso tive mais facilidade em falar com ele. Embora um pouco hesitante numa fase inicial consegui convencê-lo a participar. Não há dúvidas que vai ser uma mais valia para ele. Marcámos a entrevista para o dia 24 de novembro, um sábado, pelas 18 horas em casa dele, na Régua. Gosto imenso de fazer peças desta natureza na minha cidade. E já preparei algumas questões. Como já conheço o trabalho dele foi mais fácil.

Depois de jantar, eu e o Miguel fomos a pé para a Câmara Municipal. Não estávamos à espera que chovesse, mas lá fomos.

Entrámos pelas traseiras da Câmara e, à entrada, o segurança deu-nos as credenciais. Subimos até ao piso da Assembleia. Um lugar mais fechado e mais intimista em comparação com a Assembleia Municipal de Matosinhos. A sessão começou pouco tempo depois. Curiosamente, a mesa tinha, num ecrã, os minutos que cabiam a cada um dos partidos. A cada ponto na ordem de trabalhos, novos minutos eram atribuídos. A sessão acabou dois minutos antes da meia-noite. Mas sinceramente, estava a contar sair de lá mais tarde. Não sei quem foi, mas cheguei a ouvir que houve "um *sprint* final" porque nos últimos dois pontos na ordem de trabalhos nenhum dos partidos quis intervir e, nos votos, todos votaram positivamente.

Foi um bom dia de trabalho.

Muito satisfeita.

20.11.2018

Hoje entrei à tarde. Ontem, a Cláudia disse-me que ia ter serviço às 18 horas e que, por isso, podia entrar só à tarde. Quando fui ver à agenda o que me estava atribuído, verifiquei que era a celebração dos cinco anos de existência da Fundação Ronald McDonald com a iniciativa "Conversas de mão cheia - Quando eu tinha cinco anos". A comemoração esperava presença de algumas figuras públicas para poderem partilhar as suas histórias de quando tinham cinco anos. Para além disso, a Alicia Oliveira também ia dar o seu testemunho. A menina tem cinco anos e aos três foi diagnosticada com um tumor cerebral. Pouco depois de apontar o serviço que me competia, a Cláudia disse que esse trabalho ia ser cancelado e que não precisava de ir lá. De qualquer das formas, disse que podia escrever uma fotolegenda (ou "fotoleg" como lhe chamam) sobre o assunto.

Mas se não fiz um trabalho fiz outro. Contactei o artista plástico Albuquerque Mendes para marcar uma entrevista sobre o seu trabalho e a sua nova exposição *Fogo*, no Museu Teixeira Lopes, em Gaia. A Cláudia disse para tentar marcar para hoje, mas em conversa com o artista ele afirmou que se a entrevista fosse presencialmente apenas estava disponível amanhã. Ficou tudo marcado. Amanhã, às 11 horas no local da exposição. Fui ao Facebook ver algumas das suas obras pois não estava familiarizada com o seu trabalho. Anotei algumas questões. Gosto muito de arte e por isso fiquei particularmente interessada com este tema.

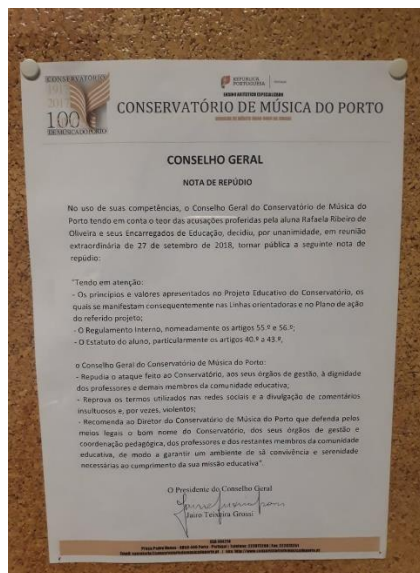
Durante as minhas notas para a entrevista, a Cláudia pediu-me para colocar algumas breves. Mandou-mas para o *e-mail* e apenas as tive de copiar para o Milenium. No entanto, escrevi uma breve sobre os vencedores do *All Stars Pizza Antonio Mezzero Trophy*: o norte-americano Tony Gemignani e o búlgaro Radostin Kiryazov.

Após essa tarefa, tive mais uma surpresa. A Cláudia disse-me que estava um casal na receção que queria denunciar o seu despejo. Foi uma entrevista de última hora. Falámos pouco menos de meia hora. Acho que é um bom caso para denunciar.

Quando ia a apresentar o assunto à Cláudia, ela deu-me uma nova tarefa. Hoje, foi um trabalho atrás do outro e sinceramente, adoro dias assim. A Cláudia teve conhecimento de uma nota de repúdio no Conservatório de Música do Porto. Tive de ir até lá e agir normalmente para tirar uma fotografia à nota. Assim o fiz. Tentei ser o mais natural possível e acho que ninguém percebeu a verdadeiro motivo da minha presença. Aproveitei ir às 17.30 horas para fingir que ia buscar alguém.



Entrada do Conservatório do Porto



Nota de repúdio

E pensava eu que o trabalho tinha acabado por aqui. Tive de escrever mais uma breve que a Cláudia me mandou. Adorei. Consegui fazer o trabalho todo e honestamente, foi todo muito bem feito.

Muito satisfeita.

21.11.2018

Hoje o dia atribulado. Por volta das 9.45 horas, recebi uma chamada do fotojornalista Artur Machado a dizer que tínhamos serviço juntos às 10 horas. Achei muito estranho porque como eu entro a essa hora era suposto avisarem-me mais cedo. Disse-lhe que ia imediatamente para a redação. Ao chegar verifiquei a agenda e tinha serviço para as 10 horas sobre o *Tomorrow Summit* mas não tinha registo do serviço das 11 horas. Fui falar com a Cláudia. Ela disse que não teve tempo de mandar para a agenda o serviço das 11 horas e que podia esquecer o serviço das 10 horas. O Artur ia lá tirar foto e depois "repescávamos" alguma coisa.

Às 11 horas, eu e o estagiário da fotografia, o João Santos, já estávamos no local. Visitámos a exposição, enquanto lhe fazia algumas perguntas sobre a mesma. Demorámos duas horas. Na verdade, houve informações que foram completamente desnecessárias, como

falar sobre o terramoto de Lisboa, por exemplo.



João Santos a fotografar Albuquerque Mendes

Chegamos à redação por volta das 13.30 horas.

Depois de almoço, comecei a escrever o texto. Foi difícil porque o artista não era conciso nas suas respostas. Trabalhei-o a tarde toda mas consegui fazer e quando a Cláudia leu alterou pouquíssima coisa. Conseguir um bom título foi o mais difícil. Eu e Cláudia não conseguíamos arranjar um e quem acabou por me ajudar foi a Isabel. Escreveu o título perfeito.

Saí da redação perto das 19 horas porque o João Santos não tinha colocado, até ao final da tarde, as fotografias do Albuquerque Mendes.

Foi um bom dia de trabalho.

Muito satisfeita.

22.11.2018

Hoje não tive serviço em agenda.

Na parte da manhã falei com a Cláudia por causa da peça sobre o casal que, possivelmente, ficará desalojado. Ela disse que era melhor esperar pelo Hugo para decidir o que se fazia. Eu sabia que não era possível escrever a peça apenas com o depoimento do

casal. Seria necessário falar com o senhorio, com a Segurança Social e, provavelmente, com a Câmara. De qualquer das formas, decidi fazer o exercício de escrever a peça apenas com a informação que tinha. Assim o fiz.

Depois do almoço, verifiquei os serviços que havia em agenda. A Marisa ia à residência Alberto Amaral falar com mais uma residente. Confirmei primeiro com a Cláudia e ela disse que não havia problema e a Marisa também não se importou que eu fosse com ela. Quando chegámos ao local, a Marisa ligou à estudante. Ela conseguiu este contacto através do Alfredo da redação. A filha dele falou com a amiga que não se importou se prestar o seu depoimento. Falámos com ela no *hall* de entrada da residência. O Rui, o fotojornalista, demorou algum tempo a chegar por isso deu tempo de entrevistar a aluna. Eu e a Marisa não ficámos convencidas com o depoimento da Rafaela. Ela disse que a residência Alberto Amaral estava em excelentes condições e que não tinha nada do que se queixar a não ser na questão da falta de isolamento acústico. É impossível que, numa residência onde há 100 quartos fechados, todos os outros estejam em excelentes condições. As nossas dúvidas foram esclarecidas quando a Daniela da minha turma, também residente, se cruzou connosco à entrada e afirmou que, de facto, as coisas não eram como a Rafaela nos contou.

Ao final da tarde, falei com o Hugo e com a Cláudia e decidimos esperar até ao dia de amanhã para saber se publicávamos alguma coisa sobre o caso de despejo. Amanhã entro em contacto com o Sr. José Correia para verificar como está a situação e para lhe pedir o contacto do senhorio. Se as coisas forem como o casal conta, estamos a tratar de um caso de arrendamento ilegal.

Ainda cheguei a perguntar ao Hugo se queria que escrevesse breves, mas ele disse que "por agora não". Esta semana, tive dias de trabalho melhores.

Pouco satisfeita.

23.11.2018

Como sempre, cheguei ao jornal e fui ver a agenda. Não tinha serviço. Comecei o dia a ler o jornal. Na página 22 saiu a fotografia que tirei à nota de repúdio colocada no Conservatório de Música do Porto. Quem escreveu a peça foi a Adriana. De seguida, atualizei as notícias do *site* e verifiquei que hoje à tarde iam atuar os Expensive Soul. Começaram a montar as coisas para o concerto bem de manhã. Foi difícil trabalhar com tanto barulho.

A meio da manhã, liguei para o Sr. José Correia por causa da ordem verbal de despejo a fim de perceber qual era o ponto de situação. Disse-me que a Segurança Social lhes tinham disponibilizado outra casa. Afirmou que paga um pouco mais, mas que dá para o sustento e que, ao menos, têm onde dormir.

Ao relatar o assunto à Cláudia, pediu-me para escrever uma peça para o *online* acerca de uma campanha da Associação JN Solidário em parceria com a TAP⁹⁵. Escrevi a peça rapidamente porque não tinha muito elementos. A Cláudia ensinou-me a colocar a peça no *back office* para quando for preciso pôr a peça no *online*.

Depois de almoço, o ambiente na redação era muito descontraído devido à atuação dos Expensive Soul. No início da tarde, o Hugo disse-me que podia colocar a reportagem sobre os elétricos nas pré-maquetes. Embora tivesse espaço de uma página, tinha poucos caracteres disponíveis para o que eu tinha escrito. Quando apresentei a situação ao Hugo, propôs tirar uma das vozes e acrescentar uma coluna de texto. Acho que foi a solução mais eficaz e consegui adaptar o meu texto e ficar com uma boa estrutura. O Hugo ainda não fez a revisão. Pelo menos por agora, dei-lhe o título de *Elétricos encantam turistas dos quatro cantos do mundo*.

Ao final do dia, a Cláudia pediu-me para ir até ao Conservatório de Música do Porto verificar se a nota de repúdio ainda estava na vitrine. Como já sabia onde estava colocada, entrei “com confiança” (assim como a Cláudia tinha referido na primeira vez que tive de ir lá) e saí. Liguei à Cláudia para lhe dar a informação e fui para o jornal.

Verifiquei se havia alguma coisa para fazer, mas como já eram 18.30 horas, estavam a fechar a edição e o trabalho estava todo distribuído.

Acabou mais uma semana e acabou bem. Hoje foi um bom dia.

Muito satisfeita.

26.11.2018

Hoje não tive trabalho em agenda, mas sabia que trabalho não ia faltar porque tinha um *Protagonista* marcado.

Por volta das 10.45 horas, o Hugo perguntou-me se a entrevista ia ser no jornal. Disse-

⁹⁵ Link para a peça *online*: <https://www.jn.pt/nacional/dossiers/jn-solidario/interior/milhas-solidarias-para-aquecer-o-natal-com-jn-solidario-10226473.html>

lhe que sim. Estranhei a reação dele e perguntei-lhe o porquê. Disse-me que, às 11.00 horas, era inauguração do Centro Comunitário +Abraço. Prontifiquei-me a ir. Disse-lhe que conseguia fazer aquilo rápido. Recolhia a informação e voltava a tempo da entrevista. Assim foi.

Ao chegar ao local, na Rua da Torrinha, 254 D, identifiquei o responsável pelo espaço. Perguntou-me se queria visitar o centro. Fui sincera com ele e disse-lhe que estava com pressa e que apenas queria algumas declarações dele.

Cheguei à redação perto das 11.30 horas. Ainda tinha muito tempo.

Às 12.00 horas, o Francisco ligou-me e fui buscá-lo à entrada. Demorámos imenso tempo para escolher um local para a gravação. Primeiro, fomos para as salas de espera mas era, claramente, um local muito fechado. Depois, fomos para o palco na redação (onde fazem os concertos) mas como a roupa era preta e o fundo negro não dava para perceber. Acabámos por decidir gravar no piso 1 junto a um sofá e parede brancos. Levaram para lá a iluminação e tudo correu bem. No espaço estava eu, a Sofia do Direto, o repórter fotográfico João e, evidentemente, o Francisco. A entrevista correu muito bem. A parte mais difícil foi gravar os planos de corte e tirar as fotografias porque não queríamos nenhum elemento identificasse o local da gravação como sendo o Jornal de Notícias. Neste aspeto, correu tudo bem dentro do possível, e acredito que fizemos um excelente trabalho.

Depois de almoço, comecei a transcrever a entrevista, mas não o fiz na totalidade porque saí com a Isabel em serviço. Fomos até ao Palácio da Bolsa para a IV Semana de Reabilitação Urbana. Achámos aquilo uma seca. Após duas horas e meia sentadas, voltámos o jornal porque sabíamos que não íamos conseguir tirar mais nada de interessante para a peça, para além do que já tínhamos.



Palco de debate da IV Semana da Reabilitação Urbana, no Palácio na Bolsa

Quando cheguei ao jornal, escrevi no Milenium a peça sobre o Centro Comunitário +Abraço. Foi relativamente fácil e o Hugo fez pequenas alterações.

O dia de hoje foi a prova de que não ter serviço em agenda não significa que não tenha trabalho.

Muito satisfeita.

27.11.2018

A essência do dia de ontem, repete-se hoje. Não tive serviço em agenda, mas trabalho não faltou. Na parte da manhã, acabei a transcrição da entrevista ao Francisco Félix. Mais tarde, lembrei-me que ontem não voltei a ligar ao maestro Francisco Ferreira, conforme tinha ficado combinado. De qualquer forma, as notícias não foram animadoras. Disse que apenas era possível ir ver o ensaio na sexta-feira, às 21.30 horas. Assim sendo, não será necessário ir ao ensaio porque a peça é uma antecipação do evento.

Com base nisto, o Hugo pediu-me para fazer a entrevista ao maestro por telemóvel. Ao verificar as informações que o maestro me enviou para o *email* verifiquei que tinha os contactos de todos os maestros. Perguntei ao Hugo qual a dimensão da peça e quais as minhas intenções. Disse-me que poderia escrever à vontade porque seria dado destaque. Mais tarde, disse-me que estávamos a falar de mais ou menos 2 000 caracteres. Ainda na parte da manhã,

liguei a alguns maestros e comecei a construir o texto.

Depois de almoço, dividi o tempo com a peça dos maestros e com o *Protagonista*.

Para além do trabalho que tive, hoje aconteceram-me dois episódios interessantes e um deles foi, no mínimo, estranho. De manhã, recebi uma chamada do Sr. José Correia, que na semana passada veio ao jornal fazer uma denúncia de uma ordem de despejo verbal. E hoje ligou a dizer que o ex-senhorio dele estava a mandar bilhetes à Sra. Felisbina a dizer que quando quisesse podia deixar o marido. Expliquei-lhe que se houvesse algum tipo de ameaça oficial podíamos tentar publicar alguma coisa mas a situação que ele me estava a apresentar não tinha qualquer fundamento jornalístico.

Outro episódio interessante do dia de hoje aconteceu na parte da tarde. O artista Albuquerque Mendes ligou-me a dar os parabéns pela peça que eu tinha escrito pois achou que o tema estava muito bem escrito. É bom receber estes elogios, principalmente quando foi um tema tão "subjetivo" que me deixou um pouco sem saber como o escrever.

Hoje também tivemos a atuação da jovem rapper Cálua.

Sai da redação quando faltavam 15 minutos para as 18.00 horas. Foi um bom dia mas preferia ter saído em serviço.

Satisfeita.

28.11.2018

O dia começou sem trabalho e tranquilo. Li o jornal tranquilamente. A agitação começou quando o Hugo me pede para ir falar com um senhor que queria denunciar uma multa injusta. Levei o Sr. Carlos para uma das salas de espera e falámos. A história parecia interessante. "Ando na fisioterapia. Eu ponho sempre o tiquete com excesso de meia hora para o caso de demorar mais tempo. Fui autuado ontem e hoje. A de ontem anularam e a de hoje disseram que não podiam anular. Dirigi-me ao escritório do parque debaixo da Câmara de Gaia. Disseram-me que não podiam estar sempre a anular, mas eu não pago. Vou guardar isto e que não pago. Foram eles que fizeram asneiras. Não pago porque estou dentro da lei", defendeu. Estávamos a falar de uma multa de seis ou 12 euros que ele se recusava a pagar. Fiquei com uma fotocópia da multa e do talão de estacionamento pago. Quando expliquei o assunto ao Hugo, propus ir na parte da tarde a Gaia e fazer a fotografia ao Sr. Carlos no local onde tinha sido autuado. Ficou marcado para as 15.00 horas.

Ainda na parte da manhã, voltei a ligar ao maestro Francisco Ferreira por causa do IV Festival de Bandas em Gondomar. Consegui recolher algumas informações dele que tornam a peça mais agradável.

Já na parte da tarde, o Hugo disse-me que o repórter fotográfico já tinha ido fazer as fotografias. Eram 14.15 horas e estava marcado para as 15.00 horas. Devia ter algum serviço mais tarde e foi fazer a fotografia mais cedo. Assim sendo, liguei para o Parquegil, onde o Sr. Carlos disse que se dirigiu e que lhe foi negado o cancelamento da multa. Disseram para ligar entre as 15.00 e as 15.15 horas porque estava tudo na hora de almoço. Assim fiz. Voltei a ligar à hora combinada e indicaram-me o número da empresa sede, a Empark. Ao contactar a empresa, deram-me o contacto do Ricardo Rodrigues, o responsável de comunicação. Entrei em contacto com ele e, na primeira chamada, mostrou ser muito simpático. Disse-me que julgava tratar-se de um cliente conflituoso, mas que, de qualquer maneira, ia enviar-me os dados da viatura. Conforme me pediu, enviei-lhe mensagem com o meu *email*. Poucos minutos depois, recebi a informação. No documento, constava a seguinte informação: "O utente, por várias vezes se fez deslocar ao atendimento da Parquegil, com um tom agressivo onde insinua que os controladores são cegos. Motivo pelo qual lhe têm sido emitidos avisos à sua viatura. Após análise e como podem verificar no seu historial, já é uma pessoa reincidente nestes casos e sempre com o mesmo argumento". A resposta a este *email* foi: "Ricardo, posso utilizar as declarações presentes no documento como oficiais?". Segundos após o meu *email* ligou-me e o tom de voz era completamente diferente. Disse-me que podia utilizar a informação como oficial, mas sem utilizar os termos específicos. Concordei. No entanto, começou imediatamente a dizer que da forma como a empresa esclareceu as coisas que a situação deixou de ser notícia e que não percebia porque é que ainda queríamos noticiar este assunto. A minha única resposta foi que a decisão não era minha. Após uns largos momentos a reclamar sobre a situação despedi-me dele. Quis falar com o Hugo, mas o Ricardo antecipou-se e ligou-lhe imediatamente.

Quando a chamada terminou, o Hugo chamou-me e disse que achava melhor não escrever nada porque o homem claramente era incumpridor. Disse-lhe que o Sr. Carlos me tinha dito que esclareceu ao Ivo Pereira (repórter fotográfico) o local em que tinha colocado a senha de validação de estacionamento. No entanto, as informações disponibilizadas pela empresa eram inequívocas.

Mais tarde, recebo o seguinte *email* do Ricardo: "Olá Filipa, os comentários são para uso interno e para vossa melhor percepção. Pode usar, desde que não fira de forma violenta o visado, não deixando de ser verdade o que ali está descrito. Mas mais uma vez, espero amanhã não ver no JN que a empresa fiscalizadora anda a passar avisos indevidos, o que, como percebe pelo histórico, está errado e é falso. Obrigado". Confesso que achei esta mensagem muito desnecessária e após apresentar a situação ao Hugo, respondi conforme ele me indicou para fazer: "Ok. Obrigada. Alguma coisa pode falar com o editor. Cumprimentos". Nunca tive nenhuma queixa de qualquer assessor, mas a postura deste foi completamente desnecessária. Já tinha texto escrito para publicar, mas como o serviço foi cancelado ficou sem efeito.

O resto do dia ficou marcado pela finalização da peça do *Protagonista* sobre o Francisco Félix e a colocação da respetiva peça nas pré-maquetes.

Hoje, sem dúvida, que podia ter sido um dia melhor se tivesse serviço em agenda.
Satisfeita.

29.11.2018

Hoje tinha serviço em agenda: *Comemorações do aniversário do município de Valongo. Apresentação da recriação histórica "Primeira reunião de vereação de 3 de março de 1837"*. O serviço era no museu e arquivo municipal. Estranhei ser algo com carácter noticioso. O aniversário do município sim, mas a recriação histórica não, sinceramente. De qualquer das formas, conformei-me.

Na parte da manhã trabalhei na peça sobre as bandas porque julguei que tivesse que sair na edição de amanhã. Tinha muitos caracteres para preencher e não sabia como é que havia de escrever. Estruturei a informação e escrevi a peça, mas não fiquei "apaixonada". Algo não batia certo e não parecia bem escrita. Disse ao Hugo que já estava e pedi para avisar quando fosse pegar na peça.

Depois de almoço, afinei alguns aspetos do *Protagonista* e investiguei o tema para o serviço da tarde. Apercebi-me, através de um documento que encontrei no site da Câmara Municipal de Valongo, que o tema que me foi atribuído para serviço era apenas o primeiro tópico do planeamento do dia. Falei com o Hugo e ele disse que depois falávamos com a Cláudia. Quando ela chegou, optámos por cancelar o serviço. Considerando que o evento

tinha planos para o dia inteiro não valia a pena tratar apenas de uma recriação história que não era, definitivamente, tão importante como o último aspeto que seria o lançamento de uma publicação comemorativa.

Mais tarde, juntei-me à Marisa e começámos a escrever a reportagem sobre as residências. Tentei contribuir como podia. Fico contente por esta reportagem ir para a frente.

Ao final do dia, apercebi-me que não havia espaço na paginação para a peça das bandas. Julguei que não fosse sair e quando falei com o Hugo ele disse que apenas seria para sair sábado. Confessei-lhe que achava que a peça não estava a 100% porque não me foram dadas informações específicas sobre o assunto. O Hugo viu a peça como estava e deu-me boas indicações para escrever de maneira diferente.

Comecei a fazer algumas alterações hoje, mas acabo o trabalho amanhã. Está tudo bem encaminhado.

Pouco satisfeita.

30.11.2018

Hoje tinha serviço em agenda: *Concentração de trabalhadores do Pingo Doce de Gondomar*. Fui com o repórter fotográfico estagiário João Santos. Quando chegámos ao local encontrámos cerca de 15 sindicalistas a protestarem pelo contrato coletivo de trabalho, pelo "fim da repressão e pressão" por parte da gerente assim como mais respeito pela mesma entidade. Falei com cinco dos sindicalistas e a gerente, segundo o segurança do Pingo Doce, não quis prestar declarações.



Protesto junto ao Pingo Doce de Gondomar

Quando cheguei ao Jornal, liguei para a sede do Pingo Doce. Ficaram com o meu contacto porque, mais tarde, ia ser contactada pela Cátia Almeida, a fonte oficial do Pingo Doce. Ligou-me depois do almoço e deu-me as informações que eu precisava. Declarou que, em contacto com a empresa, a gerente "tem 22 anos de experiência, nunca teve problemas e é de total confiança". Expliquei a situação ao Hugo e escrevi uma nota com fotografia. Tinha material para escrever uma peça maior mas com as informações contraditórias não valia a pena.

Coloquei no Milenium o texto sobre as bandas. O espaço era mais condensado mas deu para fazer algo "mais bonito". Como o Milenium deixou de funcionar pedi ao Hugo para rever o meu texto no meu computador. Fez pequenas alterações mas cometi erros "ridículos". Dei tantas voltas a esta peça e reescrevia tantas vezes que não reparei em alguns detalhes. Não fiquei satisfeita com esse episódio mas tudo é uma aprendizagem.

Muito satisfeita.

5.3. Diário de bordo de dezembro

03.12.2018

Hoje o dia começou calmo, o que é normal para uma segunda-feira. Não me lembro da última vez que tive serviço em agenda no primeiro dia da semana.

Passei a manhã a organizar alguns serviços que tinha. Tentei contactar a enfermeira para o *Protagonista*, mas sem sucesso. Também ajustei uns pormenores do *Protagonista* do Francisco Félix e da reportagem sobre os elétricos.

O que me deixou animada foi saber que amanhã vai sair a peça sobre as residências. Eu e a Marisa estivemos a acabar a peça à tarde. É a primeira vez que participo numa peça desta dimensão. Estou satisfeita com o produto final e ela ajudou-me bastante. Tentei contribuir com o que podia e fiz um bom trabalho.

O meu dia hoje foi apenas isto. Sai do jornal perto das 19 horas.

Pouco satisfeita.

04.12.2018

Quando cheguei ao jornal tinha serviço em agenda para as 11 horas: *Início do XVII Hospital dos Pequeninos pela Associação de Estudantes do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto (AEICBAS - UP). Até dia 6. Os horários do evento serão das 9 horas às 12 horas* (mas na verdade é das 9 às 16.30 horas).

Comecei a investigar o tema e a perceber, por exemplo, em que consiste verdadeiramente o Hospital dos Pequeninos. Achei muito interessante. A iniciativa da AEICBAS pretende desmistificar a bata branca e fazer com que as crianças entre os 3 e os 6 anos percam o medo do "senhor doutor". Fui, mais uma vez, com o João Santos. Falei com um dos elementos da organização, Tomás Estevinho e com alguns estudantes da área da medicina envolvidos no projeto: José Rodrigues (ICBAS), Rita Esteves (Faculdade de Farmácia da UP), Joana Mesquita (ICBAS), Isabela Zani (Faculdade de Medicina Dentária da UP) e Ana Chula (Faculdade de Farmácia da UP). Após o João ter tirado algumas fotos (para o qual tinha autorização desde que não apanhasse o rosto das crianças), voltámos para o jornal.

Depois do almoço, acabei a transcrição das entrevistas. Comecei a escrever a peça na

página que a Cláudia me indicou. A meio da tarde, informou-me que a peça já não iria sair. Acontece. Não há problema. Houve outro tema que se sobrepôs. O evento perlonga-se até dia 6. Por este motivo, pode sair noutro dia.

Satisfeita.

05.12.2018

Hoje o dia começou mais cedo do que o costume. Às 8.30 já estava no jornal. Tive um serviço às 9.15 horas na Ala Pediátrica no Hospital de São João. Quando cheguei à redação já sabia que ia um repórter fotográfico mas não sabia quem era. Decidi seguir para terreno. Apenas fiquei a saber que tinha este serviço porque ontem à noite a Cláudia ligou-me a perguntar se podia ir cobrir. É claro que disse que sim. Quando cheguei ao Hospital encontrei o José Carmo. Foi-nos dito para esperarmos um pouco porque já tinham chamado o Dr. Manuel Melo, o administrador da Ala Pediátrica do São João.

O Cláudia deu-me o contacto de Jorge Pires, responsável pela Associação de Pais. Nunca tinha estado com ele e por isso não sabia quem era. Quando lhe liguei, apercebi-me que ele estava no mesmo espaço que eu. Estava a acompanhar a Raquel Loureiro. Conforme ele próprio disse, ele estava presente porque era a “ponte” entre a Raquel e o Hospital.

Após a visita guiada, recolhi algumas declarações do Jorge Pires e do Dr. Melo e, de seguida, entrevistei a Raquel Loureiro, juntamente com uma jornalista do Porto Canal.

O livro *Obra e Vida do Maestro José Duarte Loureiro* custa 20 euros e um euro reverte para o São João.



José Carmo fotografa Dr. Manuel Melo e Raquel Loureiro

Voltei à redação e transcrevi as entrevistas. Não sabia quando espaço ia ter mas não me pareceu que pudesse ter muito destaque no *Porto*. Deveria sair numa breve. No entanto, como se tratava de uma figura pública achamos por bem dar destaque à peça na secção *Cultura*, mais especificamente em *Pessoas*. A Cláudia levou-me até à Margarida (que eu não conhecia até então) para falar sobre o assunto. Disse-me que eu podia escrever à vontade cerca de 1500 ou 1600 caracteres.

Quando me sentei ao computador escrevi pouco mais de 2000 caracteres pois como ainda tinha tudo muito fresco na cabeça e as entrevistas transcritas foi muito mais fácil.

Na parte da tarde fui com a Isabel à Associação de Deficientes das Forças Armadas. Foi a primeira vez que saí com a Isabel e não tirei notas. Fiquei sem reação. O militar com quem a Isabel foi falar tem 4% de visão e tem próteses em ambas as mãos. Foi uma realidade muito chocante. A Isabel fez um trabalho brilhante. Ela é uma inspiração. Estou ansiosa para ver o produto final.



Militar entrevistado pela Isabel Peixoto

Fomos para o jornal a pé porque não ficava muito longe do metro que era mesmo ali ao lado. Quando cheguei ao jornal dei uma última revisão à peça sobre a presença da Raquel Loureiro e dei o dia por terminado após avisar a Margarida que enviava o texto de manhã.

Gosto de dias com trabalho.

Muito satisfeita.

06.12.2018

Hoje o dia foi agitado. Sabia que tinha serviço de manhã para Gondomar mas não sabia bem do que se tratava. Cheguei um pouco mais cedo ao jornal para verificar a agenda. *O Presidente da Câmara de Gondomar, Marco Martins, assinala o início das obras que vão levar o saneamento básico à encosta da Belavista*, era a informação em agenda.

Pedi ao Sr. Silva para chamar o táxi e lá fui para o local que estava definido: Travessa Carlos Sofia, em S. Pedro da Cova, Gondomar. Ontem, antes de sair, o Hugo pediu-me para falar com os moradores. Também falei com o presidente da Câmara.

Ao chegar à redação, comecei a transcrever as entrevistas e depois de almoço escrevi a peça. Foi um pouco complicado porque o tema foi pouco abordado na apresentação do projeto e, nos documentos que me foram fornecidos a informação não estava muito clara.

Mais tarde, a Margarida de *Cultura* foi ter comigo e disse-me que ia "desenhar a

página" para eu colocar a peça sobre o livro da Raquel Loureiro. Tinha 2000 caracteres e espaço para apenas 1300. Fiz algumas alterações ao texto e informei-a que a peça estava concluída. Ela já tinha lido a peça e já tinha comentado que "estava muito boa" mas como eu tive de fazer alguns cortes/ajustes, pedi-lhe para voltar a ler e dei-lhe toda a liberdade para fazer as alterações que achasse necessário. Após a agradecer a disponibilidade, disse-me para ir ter com ela quando não tivesse serviços em agenda. O que é bastante bom, considerando que não tenho nada para fazer grande parte das vezes.

Após este trabalho, faltava o Hugo verificar a peça sobre o serviço de hoje. Ele fez algumas alterações e ao longo da análise do texto fui explicando o porquê da escrita de determinado texto.

Gosto de dias atarefados. Gosto de ter trabalho para fazer.

Muito satisfeita.

07.12.2018

Não tinha serviço em agenda para hoje. Mas vi que a Marisa tinha uma entrevista. Consegui ir com ela. Fomos com o João Santos, ao Arrábida Shopping, para falar com uma senhora que ia descrever as condições do Hospital de Gaia. Após a entrevista fomos para o jornal.

Depois de almoço, o Hugo disse-me que a peça sobre os elétricos ia sair amanhã. Estivemos os dois à volta da peça a fazer alterações. Mudámos o esquema da página e a peça ficou concluída. Ficou muito melhor com as alterações que foram feitas.

Após a atuação do David Carreira, pedi ao Hugo para me avisar se fosse necessário escrever breves. Pouco tempo depois, disse-me que me tinha enviado uma para o *email* sobre uma feira do mel.

Estou muito satisfeita com a publicação da peça porque vai ser abertura de secção.

Satisfeita.

08.12.2018

Cheguei ao jornal às 10 horas e já sabia que tinha serviço em agenda. Tinha de ir à missa da bênção das grávidas na Igreja da Lapa, no Porto. A cerimónia estava marcada para as 12 horas por isso, a ideia era estar lá às 11.30 horas e falar com algumas grávidas antes da

cerimónia.

Quando cheguei ao local, encontrei o André Rolo, o repórter fotográfico. Ele já tinha falado com o Padre que apenas estava à espera que eu chegasse. Falámos com o padre Agostinho Pedroso que nos informou que havia inscrições de 13 grávidas. Antes da cerimónia começar, apenas consegui falar com a Filipa Costa, de 38 anos, grávida de 28 semanas. Este percalço obrigou-nos a assistir à cerimónia. Como sabíamos que as duas filas da frente estavam reservadas para as grávidas não foi difícil perceber com quem tínhamos de falar. No final da cerimónia, dirigi-me a elas e aceitaram dar o seu testemunho, prontamente.



Igreja da Lapa



Discurso dedicado às grávidas

Depois do almoço, transcrevi as entrevistas e comecei a escrever a peça. Perto das 15 horas, o Hugo disse que podia escrever a peça na página 25. Eram cerca de 1400 caracteres. O mais difícil foi conseguir arranjar um título e subtítulo. Escrevi a "minha proposta" e depois o Hugo fez pequenas alterações.

Às 18 horas, ainda não tinha as fotografias do serviço da manhã no sistema. Perto dessa hora, o Hugo disse-me que saiu uma raspadinha em Vila Nova de Gaia. Deu-me o contacto de uma senhora chamada Maria João. Liguei-lhe e escrevi a breve. Ainda tive de aguardar pelo envio da fotografia da raspadinha e das fotografias que o Rolo fez de manhã.

Sai da redação às 19 horas.

Muito satisfeita.

09.12.2018

Hoje é domingo. É o meu primeiro domingo.

De manhã, à exceção do Augusto, não havia viva alma na redação. Não tinha serviço em agenda e a manhã parecia muito longa porque tinha entrado às 10 horas. Mas a tarde foi muito melhor.

Quando a Cláudia chegou pediu-me para ir à Rua de Passos Manuel, junto à Rua de Santa Catarina, verificar se havia trânsito nessa zona já que, segundo as novas medidas tomadas no mês de dezembro essa rua está interdita ao trânsito devido à grande afluência de pessoas na Rua de Santa Catarina, com que se cruza. Fui lá rápido e tirei as fotografias conforme ela me pediu.



Rua interdita por um carro da Polícia Municipal

Quando cheguei ao jornal, fiquei responsável pelas breves. Inicialmente, tive de contactar o reeleito Provedor da Santa Casa da Misericórdia, Artur de Almeida Leite, para me dizer os valores da reeleição. Quem me deu o contacto foi o Miguel Amorim, que na semana passada, fez uma peça sobre as votações que iriam ocorrer dia 8 deste mês. A Marisa ajudou-me a escrever as breves por causa dos valores. Também escrevi uma breve sobre a inauguração das luzes de Natal de São João da Pesqueira. Fui buscar informação à página de Facebook da Câmara. Procurei as últimas duas breves nas notícias publicadas recentemente

nos sites das Câmaras do Porto e de Matosinhos. Após a aprovação da Cláudia, dei o dia por terminado. Saí perto das 19 horas.

Gostei da experiência de passar um fim de semana na redação. Segunda e terça feira são dias de folga.

Satisfeita.

12.12.2018

Tinha serviço em agenda: *Mindfulness em contexto de sala de aula*. Tive conhecimento destas sessões através da assessora Fátima Martins. Conheci-a quando fui com a Isabel ao metro dos Aliados por causa do tradutor de linguagem gestual. Fui ao Colégio Luso-Internacional do Porto com o João Pedro Santos, o repórter fotográfico. Falei com os dez alunos presentes na sessão e com a professora Raquel Loureiro. Achei uma experiência incrível.



Sessão de *mindfulness*

Ainda na parte da manhã, enquanto preparava o serviço, o Hugo deu-me duas tarefas:

- Listar programas para os miúdos passarem as férias de Natal (da área metropolitana do Porto);
- Listar locais para passar a passagem de ano de borla (também na área metropolitana do Porto).

Comecei a recolher alguns dados e listei-os por áreas. A tarefa não é fácil. Após escrever a peça sobre o *mindfulness* num documento, ordenei os itens da tarefa que o Hugo

me tinha dado.

Ao final do dia, a Cláudia pediu-me para ligar à D. Alcina para confirmar um serviço para amanhã. Foi um dia muito atarefado.

Muito satisfeita.

13.12.2018

Hoje o dia foi uma correria. Cheguei ao jornal a saber que tinha serviço porque, ontem, a Cláudia pediu-me para ligar à D. Alcina para confirmar a hora do serviço de hoje. O serviço era às 13.30 horas.

Na parte da manhã, consegui acabar um dos trabalhos que o Hugo me tinha pedido sobre os programas para as crianças passarem as férias de natal. Envie-lhe. Ainda de manhã, o Hugo pediu-me para ir até ao Palácio da Bolsa porque às 11 horas, ia ser assinada uma parceria entre o Exército Português e a União de Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória. Saí um pouco tarde do jornal porque o Hugo estava na reunião da manhã e tinha de me passar o táxi. De qualquer forma, não cheguei tarde. No local consegui recolher informações do Brigadeiro General Rui Manuel Rodrigues Lopes e do Presidente da União de Freguesias, António Fonseca. Após isso, voltei para o jornal e rapidamente transcrevi a entrevista.

Almocei em menos de dez minutos e voltei a sair em serviço. Desta vez, para o Bairro do Viso. Com o trânsito, o tempo parecia passar muito rápido. Por isso, liguei à D. Alcina para alertar sobre o nosso atraso.

Quando eu e o João Santos chegámos ela estava à nossa espera. Falei com algumas moradoras que nos deram relatos sobre as condições públicas e privadas. Ao falar com uma das moradoras, ela afirmou que o Presidente da Câmara, Rui Moreira, sabe da situação, mas que nada faz para a reverter. Assim sendo, não podemos escrever a peça sem falar com "os dois lados da moeda". Tirei algumas fotos ao local para conseguir explicar ao Hugo.



Um dos passeios do Bairro do Viso

Tal como eu suspeitava, escrevi um *email* ao assessor da Câmara do Porto. Transcrevi as entrevistas do Bairro do Viso e comecei a escrever a peça sobre a assinatura da parceria que decorreu hoje no Palácio da Bolsa.

Ao longo da tarde, também comecei a recolher informação sobre locais para a passagem de ano de forma gratuita.

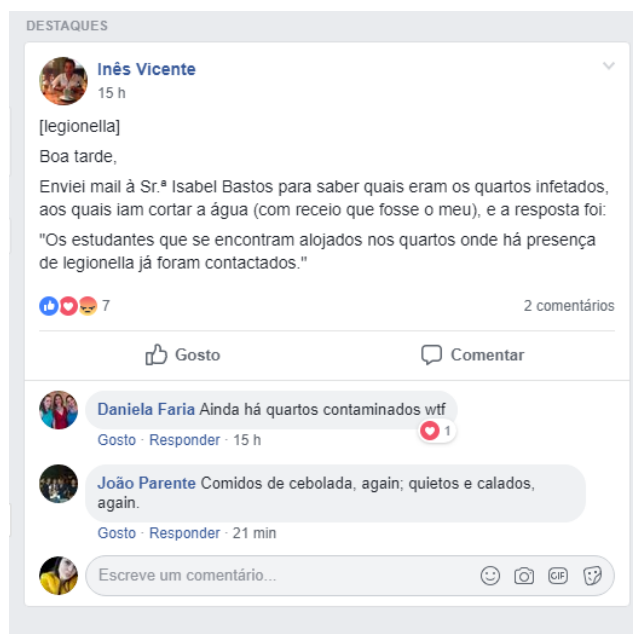
Após o Hugo ler o meu texto, dei o dia por terminado.

Muito satisfeita.

14.12.2018

Esta semana parece que foi curta porque folguei na segunda e na terça e hoje já é sexta-feira.

Cheguei à redação às 10 horas e embora não tivesse serviço em agenda, trabalho não me faltava. Desde que fiz a reportagem com a Marisa sobre as condições das residências que estou inserida nos grupos de Facebook privados das residências. Hoje, quando iniciei sessão na minha conta deparei-me com a publicação de uma residente da Jayme Rios de Sousa a partilhar uma resposta sobre os quartos com legionella. Cheirou-me logo a notícia e embora a Marisa esteja de férias disse-me para partilhar essa informação com Hugo. Pumba! Uma notícia descoberta por mim!



Publicação de residente da Jayme Rios de Sousa no Facebook

Contactei o Raúl, o assessor da Universidade do Porto que, com promessa de me ligar mais tarde, confirmou a deteção de legionella nos serviços de abastecimento a dois quartos. Ainda tentei contactar alguns residentes mas nenhum deles se mostrou disponível, à exceção da Daniela Faria que garantiu não ser uma das lesionadas e queria anonimato. Com as informações do assessor não foi necessário falar com nenhum dos residentes. A minha manhã foi à volta deste tema. Depois do almoço, escrevi a peça no Milenium. Após isso, verifiquei se as Câmaras da Área Metropolitana do Porto, tinham publicado alguma coisa sobre as respetivas passagens de ano. Consegui acrescentar mais uma cidade à minha lista.

Pelo lembrete do Hugo, escrevi um *email* para a Câmara do Porto devido as condições da via do Bairro do Viso. Reenviei o rascunho do *email* para o Hugo que me ajudou no "palavreado" pois nunca tinha escrito um documento à Câmara e como ele próprio disse "ninguém nasce ensinado".

A meio da tarde, perguntei ao Hugo se ele tinha a lista dos protagonistas porque tinha ideia que, amanhã, vai sair a entrevista ao Francisco Félix⁹⁶. E tinha razão. Coloquei a informação na página e ainda tive de acrescentar uns pormenores por causa do espaço que,

⁹⁶ Link para a entrevista em vídeo do Francisco Félix: <https://www.jn.pt/local/videos/interior/com-17-anos-francisco-felix-gere-a-propria-marca-de-roupa--10324224.html>

para o que eu tinha escrito, era muito. Nada de grave.

Pedi ao Hugo para reler e fizemos umas pequenas alterações. Após isso, pedi-lhe para reler a peça sobre a legionella. Acho que foi a primeira vez que o meu texto é reescrito na totalidade. O espaço era pequeno para tanta informação que eu tinha do assessor e ainda tinha de fazer o *link* com a informação que o JN publicou em outubro sobre o mesmo assunto. De qualquer das maneiras, fiquei satisfeita com a peça porque fui eu que a "descobri".

Vou de fim de semana muito contente com o meu desempenho de hoje.

Hoje, também, recebemos a atuação do Nuno Alves na redação.

Muito satisfeita.

16.12.2018

Hoje é domingo. Conforme combinado durante a semana, hoje tenho a entrevista para o *Protagonista* com a enfermeira Paula, na Régua. Fui até casa dela e a entrevista correu muito bem.

17.12.2018

Hoje entrei mais tarde. Na sexta-feira falei com o Hugo e ele concordou. Ontem (domingo), fui entrevistar a enfermeira Paula, na Régua. Como tínhamos marcado para as 15.30 horas não me dava mesmo jeito viajar para o Porto no domingo. Se o fizesse ia chegar tardíssimo porque agora com as trocas de comboio/autocarro ia chegar muito tarde. Assim, pedi para entrar à tarde e ele concordou.

Cheguei à redação perto das 15 horas. Não tinha nada em agenda, mas aproveitei para começar a transcrever a entrevista da enfermeira. Reparei que a Isabel tinha serviço em Matosinhos. Pedi para ir com ela e a Cláudia deixou. Era uma reunião na Câmara para aprovar o plano diretor municipal, conhecido como PDM. Depois de muitas voltas dadas, o plano foi aprovado. Voltamos para o jornal e escrevemos para o *online*⁹⁷. A Isabel fez questão de colocar o meu nome da peça por causa da ajuda que dei. Fiz o melhor que podia.

De facto, o dia foi curto mas acho que aproveitei bem o tempo.

Hoje tivemos a visita de alunos da Maia no jornal para uma atuação. O coro cantou

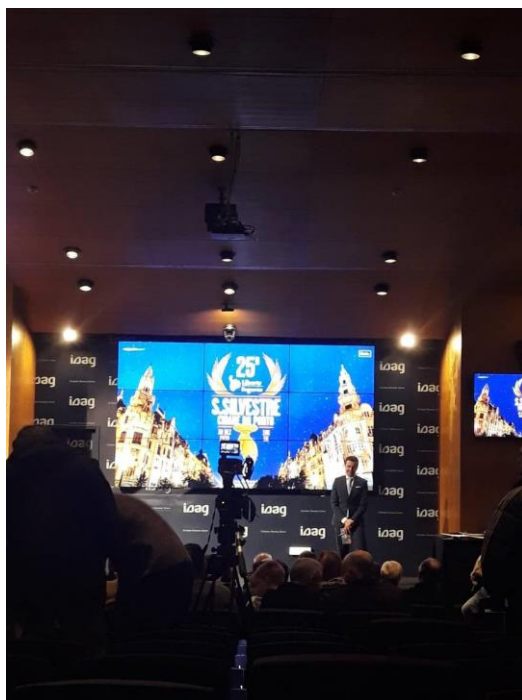
⁹⁷ *Link* para a peça no *online*: <https://www.jn.pt/local/noticias/porto/matosinhos/interior/aprovada-proposta-de-revisao-do-pdm-de-matosinhos--10335157.html>

algumas músicas natalícias.

Muito satisfeita.

18.12.2018

Hoje quando cheguei tinha serviço em agenda: *Apresentação da 25.^a edição da Corrida de S. Silvestre Cidade do Porto*, no Instituto Superior de Administração e Gestão (ISAG) do Porto. Aproveitei a parte da manhã para acabar a transcrição da entrevista da enfermeira Paula. Mas a manhã tornou-se conturbada. A Marisa tinha saído para dois serviços: um incêndio e uma queda de uma árvore. Foi a Adriana que continuou a fazer a volta e deparou-se com mais um serviço: um camião que se despistou e embateu numa casa. Ia a Célia e, claro, que pedi para ir com ela. Como a Cláudia deixou, aproveitei, claro! Fomos com um jornalista do Direto num dos carros do jornal. Quando chegámos ao local, percebemos que a situação não era muito "espalhafatosa". A Célia falou com o proprietário da casa onde o camião tinha embatido e com um comerciante. Depois de tiradas algumas imagens voltámos para o jornal.



Apresentação da 25^a Corrida de São Silvestre

Depois do almoço, preparei o serviço para as 15.30 horas. Como ainda era quase meia hora de viagem, sai do jornal perto das 15 horas porque não sabia o trânsito que podia estar. Cheguei ao ISAG a horas.

Quando percebi que era o Jorge Gabriel a apresentar o evento percebi que era motivo para demorar. Demorou quase uma hora e meia. A única coisa que eu queria era uma declaração do Jorge Ferreira, diretor da RunPorto, organizadora do evento. Quando consegui as declarações, chamei um táxi e fui em direção ao jornal. No caminho, ia a pensar como escrever a peça e aconteceu o que eu esperava. Escrevi uma breve sobre o assunto. Sinceramente, acho que é o que faz mais sentido porque o evento apenas irá decorrer dia 30 e deve-se dar ênfase nessa fase.

No geral, foi um bom dia de trabalho.

Muito satisfeita.

19.12.2018

Estava entusiasmada com o dia de hoje. Foi o jantar de Natal da secção. Nós temos uma pequena árvore de natal feita com uma revista. O espírito natalício levou-me a prendinhas para cada um junto na "nossa" árvore. Ofereci chocolates a todos e umas bolachas ao Hugo porque não gosta de chocolate.

Não tinha serviço em agenda, mas tinha trabalho para fazer. Escrevi a peça sobre o Bairro do Viso, embora ainda não tivesse declarações da Câmara. Mais uma vez, liguei para o Pedro Lobão, reenviei os *emails* e mandei mensagem para o número que tenha dele. Nenhuma resposta. Quando o Hugo me perguntou sobre a peça, a minha resposta foi o já enunciado.

Comecei a escrever a peça para o *Protagonista* sobre a enfermeira Paula. Ainda tenho de trabalhar na peça, mas acho que vou escrever de forma mais "emotiva". Acho que é uma história que vale esse sentimento.

Na parte da tarde, acabei a lista sobre os locais para passar a passagem de ano de forma gratuita. Fiz uns ajustes e ainda cheguei a contactar a Câmara de Gaia para garantir que não tinham nenhum evento público planeado. A resposta que me deram foi que não queriam competir com o Porto que já tinha uma festa muito grande. Sinceramente, é compreensível. Gaia é mesmo ao lado.

A meio da tarde, o Hugo pediu-me para escrever uma peça sobre a operação especial da STCP para o Natal pois terá horários adaptados à quadra. A Isabel ajudou-me um pouco na construção da peça.

Foi um bom dia.

Muito satisfeita.

20.12.2018

Hoje é dia foi calmo. Não tive serviço de manhã e estava pouca gente na redação. Com o Natal a aproximar-se parece que se vão buscar algumas peças "ao frigorífico".

Na parte da manhã, não havia trabalho. Mas a tarde começou com prendas. Para além das prendas da Câmara de Matosinhos que alguns jornalistas receberam, tive direito a um saco com prendas de produtos da Castelbel, oferecidos pela Câmara de Gaia.

Ainda ao início da tarde, o Hugo pediu-me para escrever a computador um texto do Jorge Vilar para a crónica da edição de amanhã. Escrevi no editor e sublinhei alguns aspetos que me pareceram erro.

Às 15.30 horas, o Hugo pediu-me para tratar de um assunto de um ninho de vespas. Deu-me o contacto da senhora e marquei encontrar-me com ela. Fui o Rui Oliveira tirar as fotos porque foi ele que nos informou da situação. Pelo que percebi mais tarde, ele mora nas redondezas.

No local, a D. Glória disse-me que contactou a Proteção Civil no sábado, o que me causou alguma estranheza pois julguei que não atendessem chamadas durante o fim de semana (o que se veio a verificar). O Sr. José da mercearia informou-nos que no Parque Covelo havia um ninho de vespas. Fomos verificar e apurámos que tinha sido exterminado ontem à noite. A situação reportada pela D. Glória ficou ainda mais estranha quando percebemos que havia uma escola perto daquela zona e esse seria um dos motivos para exterminarem o ninho o mais rapidamente possível

Já no jornal e depois de muitas voltas, apurei que a Proteção Civil, para além de não atender aos sábados, não tinha qualquer registo de ninhos de vespas naquela zona. Cheguei a falar com o diretor que me pediu para aguardar um pouco pois seria contactada por um elemento responsável. Cinco minutos depois, conforme prometido, recebi a chamada com as informações que confirmavam a inexistência de registos. Validou a minha teoria de terem

ligado para outro número.

Conforme suspeitei, não haverá notícia, mas dei à D. Glória o contacto de alguém que avaliará a situação. Foi "trabalho desperdiçado," mas confesso que não me importei porque ao menos fui útil em alguma coisa.

Satisfeita.

21.12.2018

Hoje foi um bom dia de trabalho. Tive tanta coisa para fazer que o dia passou a correr.

De manhã fui para a Maia. Eu e o João Santos, encontrámo-nos com o assessor da Câmara da Maia, junto às instalações e seguimos para o local na sua viatura. *Campo de férias para meninos com deficiências*, era o nome do serviço. A iniciativa é, simplesmente, fantástica.

Falei com o pai da Leonor, uma menina com trissomia 21 e paralisia cerebral. E também falei com o Eduardo e com a sua avó. O Eduardo é um menino que, aos dois anos e meio, foi diagnosticado com um tumor cerebral e que após um AVC ficou um mês em coma. As mazelas são visíveis, mas o entusiasmo de andar na Cabriola deixa qualquer um com um sorriso.



Maria Leonor com o pai, a auxiliar e a égua Cabriola

Quando cheguei ao jornal, lembrei ao Hugo que tinha peças no frigorífico. Com as férias de natal a chegar achei por bem lembrar. Pouco depois deu-me duas páginas em pré-maquete para colocar as três peças.

Passei a tarde, a escrever consoante o espaço que tinha. Acho que ficou bem mas, de qualquer maneira, o Hugo tem de ler.

Muito satisfeita.

26.12.2018

Hoje é quarta-feira. Primeiro dia de trabalho depois do natal. Cheguei à redação às 10.15 horas. Não tinha serviço em agenda.

Na parte da manhã fui com a Célia à Rua das Flores marcar uma entrevista com um alfarrabista. Como ninguém da loja atendia e a entrevista tinha de ser feita amanhã preferimos ir lá pessoalmente. Não ficava muito longe.

Por volta das 12.30 horas, o Hugo enviou-me um *email* sobre um concurso de enfeites de rotundas em São João da Madeira. Disse para escrever uma notícia com aquilo.

Depois de almoço, vi que tinha página para a peça sobre o *mindfulness* mas tinha de escrever mais porque tinha poucos caracteres. Mais tarde, com a permissão do Hugo fui com a Isabel fazer uma entrevista para um *Protagonista*. Foi numa loja de raquetes.

Quando cheguei à redação vi que as páginas tinham sido alteradas. De qualquer das formas deixei as duas peças escritas pois devem sair amanhã.

Ao final do dia, ajudei a Adriana a procurar uma breve para a edição de amanhã. Foi um dia de pouco trabalho mas, na verdade, passou muito rápido.

Satisfeita.

27.12.2018

O dia aparentemente ia ser calminho. Mas na parte da manhã, o Hugo mandou-me dois *emails* com informações de protestos. Como eram quase 11 horas, disse-me para ir apenas ao protesto da tarde, junto ao Continente do Gaia Shopping.

A manhã foi calma. Aproveitei para rever alguns trabalhos. Ainda estive a ver com o Hugo o texto sobre locais na passagem de ano de borla. Algumas das informações foram atualizadas por isso algumas coisas nos textos precisavam de ser alteradas.

Depois de almoço, recebemos a visita de uma escola e pediram-me para falar um pouco sobre o meu trabalho. Apresentei-me como jornalista estagiária na secção *Porto*. Expliquei o processo de preparação para sair em serviço e o que era a rubrica *Protagonista*, porque estava a preparar o texto da enfermeira.

Sabia que era o José Carmo que ia comigo ao serviço de Gaia. Ficámos de nos encontrar lá. Achámos estranho fazerem um protesto num local privado. Tivemos de ir para a via pública tirar as fotografias, mas foi debaixo de teto que fiz as entrevistas. Não tínhamos permissão para fotografar no local preciso do protesto. Encontrei uma jornalista da SIC que acabou por não fazer peça porque no caso de não poder gravar e serem poucas pessoas não lhe compensava. É compreensível.

Fui de táxi mas voltei para a redação com o Carmo e uma viagem que se fazia em 20 minutos, fizemos em quase uma hora porque do trânsito era infernal. Ao chegar à redação, comecei a escrever a peça imediatamente e pouco depois o Hugo corrigiu-a.

Muito satisfeita.

28.12.2018

Hoje é sexta mas nem sabe a final da semana. Não tive serviço em agenda.

De manhã fui com a Adriana e com o João Santos à Ribeiro do Porto, Gaia e Matosinhos. Ela precisava de falar com três pessoas (uma de cada sítio) para uma peça que estava a ajudar a fazer sobre os desejos para o concelho para 2019. Fomos às 11 horas e fizemos o serviço em duas horas. Com a afluência de turistas, foi difícil encontrar pessoas naturais do concelho para falar. Demorámos, mas conseguimos.

Depois do almoço, foquei-me na peça das árvores de natal do Concurso de Enfeites de São João da Madeira. Enquanto trabalhava, a editora do *Norte/Sul* veio-me dizer para pôr o *Protagonista* da enfermeira na página. Não sabia que era para sair amanhã, mas fiquei contente.

Escrevi e pedi ao Hugo para ler porque ela é um bocado autoritária e nunca se sabe. Ele leu e corrigiu. Mas no geral, estava bem. Depois de informar a editora que a peça estava na página, voltei a trabalhar na peça das árvores de natal. Demorei imenso tempo para a escrever porque tinha muitos caracteres e pouquíssima informação. Após esperar um bom período para o Hugo ler, dei o dia por acabado.

Muito satisfeita.

29.12.2018

Hoje é sábado. Entrei à tarde. Não era suposto vir, mas como preciso de tirar a tarde na quinta feira, achei por bem substituí-la. Não ter serviço em agenda era óbvio. Na secção estava o Hugo, a Marisa e o Miguel. Quando cheguei, a Marisa disse-me que ia sair a peça da Cabriola e haviam umas coisas que precisavam de ser alteradas. Pouco depois, o Hugo pediu-me para escrever umas breves. Escrevi duas. Ainda bem que vim hoje. Ao menos, fui prestável em alguma coisa.

Ao longo da tarde, apercebi-me que o Hugo tinha editado o texto da Cabriola, mas a essência continua a ser a minha e acho que ficou excelente.

Relativamente ao *Protagonista* da edição de hoje, a enfermeira mandou-me mensagem a dar os parabéns porque tinha gostado muito. É tão bom receber este *feedback*.

Hoje, o *Protagonista* do Wandson Lisboa também ficou marcado em agenda.

Muito satisfeita.

31.12.2018

Hoje é o último dia do ano. E cá estamos nós. O Hugo já me tinha dito para tirar estes dois dias mas como eu não ligo muito à passagem de ano preferi vir. Além disso, segunda-feira é dia de trabalho

Cheguei às 10 horas e sendo o dia que é sabia que não ia ter nada em agenda. Aproveitei a manhã para estudar um pouco algumas coisas que há na *internet* sobre o Wandson Lisboa.

Ao fim da manhã, a Cláudia deu-me um trabalho. Existe a tradição do primeiro mergulho do ano. Sem ter qualquer tipo de indicação de contacto, a Cláudia pediu-me para falar com alguém, marcar entrevista para amanhã, conseguir uma fotografia do acontecimento e tentar saber quem foi o primeiro a dar o mergulho. Após alguma pesquisa, percebi que o restaurante Sinfonia Amarela, fazia parte da iniciativa. Liguei para lá e consegui falar com o Sr. José Bernardo, proprietário, que desde o seu início, entra no novo ano dentro de água. Quando lhe pedi a fotografia, disse que não conseguia e que não havia ninguém para fazer isso. Quando lhe pedi o contacto de mais pessoas a participarem disse que não sabia. Tentei dar a volta à situação. Marquei com ele às 14 horas no restaurante. Para

conseguir mais informações, decidi pedir para entrar no grupo privado de *Facebook* e foi aceite. Mas após enviar algumas mensagens para membros do grupo, não consegui obter resposta nenhuma até ao final do dia.

Antes do almoço, a Cláudia pediu-me para arranjar uma frase para as breves. Procurei em todas as Câmaras Municipais e respetivos *Facebook's*. Selecionei uma publicação da Misericórdia do Porto e a Cláudia aprovou. Após o almoço, coloquei-a na página. *Este ano celebramos 520 anos a servir a cidade e as pessoas (...) cheios de responsabilidade, entusiasmo e dedicação*, foi a frase selecionada.

Na parte da tarde, ainda estive a ajudar a procurar breves (encontrei uma da Póvoa de Varzim sobre a II Corrida dos Reis) e tratei do texto do *mindfulness* com a Cláudia. Ela é mais exigente mas é bom para eu aprender. O texto ficou muito bem e gosto do produto final.

Ainda tive de ligar ao Sr. José Bernardo para desmarcar a entrevista de amanhã porque a Cláudia disse que a secção *País* ia fazer um trabalho maior sobre os banhos do ano. Por muito pouco que seja, fico feliz por contribuir para a edição de 1 de janeiro de 2019.

Como é noite de passagem de ano, a edição fechou mais cedo. É costume as páginas estarem prontas por volta das 15 horas e hoje, eram 13 horas e já dava para escrever no Milenium.

Hoje o dia acabou mais cedo. Mas estou contente por ter vindo hoje.

Muito satisfeita.

5.4. Diário de bordo de janeiro

01.01.2019

Olá, 2019! Sê bem-vindo. E depois do fogo de artifício e de umas boas horas de sono, voltei ao trabalho. Às 10.45 horas já estava na redação. Mas na minha secção não estava ninguém. Aliás, não estava quase ninguém na redação para além de mim, do Reis Pinto (da secção *Justiça*) e de outro jornalista do *Online*.

Perto da hora de almoço, recebi uma mensagem da Cláudia a dizer para entrar às 15 horas. Assim sendo, optei por ir almoçar a casa. Perto das 14 horas, quando eu já estava a caminho do jornal, recebi uma chamada do repórter fotográfico Fábio Poço, a informar que

tínhamos um serviço. Achei estranho porque não tinha nada em agenda. Estava marcado para o Miguel Amorim, mas preferiram que fosse eu.

Encontrei-me com o Fábio na Praça de Natal, junto à Câmara Municipal de Gaia. Falámos com algumas famílias e ele tirou as fotos necessárias. Foi um serviço rápido.



Entrada da Praça de Natal, em Gaia

Quando cheguei à redação escrevi a parte do texto que me competia pois era um complemento ao texto já escrito pelo Joana Soares do JN Direto. A Cláudia fez algumas revisões e fui embora. No entanto, pouco tempo depois de ter saído, a Cláudia ligou-me a dizer que tinha feito uns cortes à parte da Joana e que precisava que lhe enviasse um texto para completar à minha parte com mais ou menos 400 caracteres. Como estava perto do jornal, optei por voltar à redação e escrever diretamente na página pois assim tinha mais noção do contexto. Acrescentei ao texto uma parte mais descritiva do ambiente da Praça de Natal e a Cláudia gostou.

Foram muitas as famílias que visitaram, ontem, o último dia da Praça de Natal Jogos Santa Casa, em Gaia, onde entoavam as gargalhadas dos mais pequenos como prova da vontade de calçar os patins ou de ir até às alturas. A pista de gelo e a roda gigante foram as principais atrações.

Apesar das grandes filas de espera, nada foi entrave à diversão e a roda gigante foi sinónimo de adrenalina. Enquanto uns aguardavam pela sua vez debruçados nas barreiras de proteção das pista, outros treinavam coreografias

de patinagem.

Muito satisfeita.

02.01.2019

Hoje é quarta-feira. Não tinha serviço em agenda. Mas de amanhã fui com a Célia a Rio Tinto. Ela queria ver se encontrava caravanas nas áreas de serviço. Apenas encontrámos uma. O Artur Machado ainda tirou algumas fotografias, mas por minha sugestão, a Célia deixou o seu contacto num café ali perto para ser avisada no caso de aparecerem mais caravanas na zona. Quando chegámos à redação, não estava ninguém na secção. Assim sendo, optei por ir almoçar.

Na parte da tarde, recebemos um novo estagiário, o Abílio Ribeiro. Ele vem da Escola Superior de Educação de Coimbra, mas é de Marco de Canaveses, tal como a Célia. Estive a mostrar-lhe o espaço e as rotinas. Pouco tempo depois, a Cláudia disse-me que tínhamos um leitor no jornal para nos relatar um caso. O Sr. Manuel Barros, de 58 anos, natural de Covelo, Gondomar, era muito confuso. A história não fazia sentido nenhum. Ele disse que, em 2016, as obras que foram feitas junto à sua habitação danificaram os muros da sua propriedade. Após vários avisos de uma possível queda, o muro acabou por ceder e agora, a água entra pela habitação danificando as plantações ali cultivadas. Mostrou-me diversas fotografias, mas parecia que ele estava a contar duas histórias diferentes. Disse-lhe que ficava com o contacto dele e que depois de apresentar a situação à editoria podia ligar-lhe a combinar um encontro para fotografar o local. No entanto, sublinhei por diversas vezes que a decisão era dos editores. O Sr. Manuel mostrou o seu desagrado ao perceber que teríamos de ver os "dois lados da moeda" e falar com as entidades responsáveis, as quais ele não gosta e mostrou ter problemas, de forma a escrever a peça para os leitores. Foi desafiador lidar com esta situação porque o Sr. Manuel não é, com certeza, o único a acreditar que a comunicação social tem o dever de relatar os problemas dos indivíduos, independentemente do carácter noticioso. E, por vezes, torna-se complicado fazer perceber a essas pessoas, neste caso o Sr. Manuel, que os jornais com a responsabilidade social que acarretam têm de fazer uma triagem da informação e apenas publicar se houver motivos para tal. No caso de Sr. Manuel, estava explícito que era uma situação sem qualquer carácter noticioso.

Após esta conversa, mostrei como funcionava o Milenium e o Vault ao Abílio. Considerando que todos os dias são necessárias breves, mostrei-lhe como as poderia procurar.

No geral, foi um bom dia.

Satisfeita.

03.01.2019

Hoje não tinha serviço em agendas. Mas não há problema até porque só trabalho de manhã. Tirei a tarde de quinta e compensei com o passado sábado à tarde. A manhã foi muito tranquila. A volta das 10 horas foi a Adriana que a fez e não deu em nada. No tempo que estive na redação, preparei algumas perguntas e estudei a biografia do Wandson Lisboa para a entrevistar de amanhã para o *Protagonista*.

Muito satisfeita.

04.01.2019

Hoje cheguei ao jornal às 10 horas. Quando fui ver a agenda vi que não estava marcado o serviço do *Protagonista* para as 15 horas. Quando enviei a proposta à Cláudia e ao Hugo, devem ter-se esquecido de reencaminhar para a agenda. Mas foi fácil resolver.

Quando liguei ao Wandson, para confirmar a entrevista, pediu-me para passar para as 15.30 horas porque estava com muito trabalho e ainda não tinha tido tempo para almoçar. Informei o José Carmo e ficamos de sair às 15.10 horas.

Chegou à hora marcada. Tínhamos combinado encontrarmo-nos junto à Casa da Música, no Porto. O Carmo tirou as fotografias e eu e o Abílio fizemos a entrevista. É, sem dúvida, um designer gráfico com a criatividade a correr-lhe nas veias.



José Carmo a fotografar o Wandson Lisboa



Fotografia com o Wandson Lisboa após a entrevista

Quando cheguei à redação, transcrevi a entrevista e dei o dia por terminado.

Muito satisfeita.

07.01.2019

Hoje começa mais uma semana e confesso que com o aproximar do final do estágio as segundas-feiras começam a custar cada vez mais.

Quando cheguei à redação, vi que não tinha serviço em agenda mas tinha de escrever o *Protagonista* sobre o Wandson. Confesso que nunca me custou tanto escrever um *Protagonista*. Embora não aparente, o trabalho dele é bastante complexo e não há uma definição específica para aquilo que ele faz. Escrevi e pedi à Marisa para ler. De qualquer das maneiras ainda não estou 100% satisfeita com o texto.

No fim da manhã, o Hugo mando-me um *email* para fazer uma marcação para a agenda. Consegui marcar para dia 9 (quarta-feira), no Instituto Superior de Contabilidade de Administração do Porto (ISCAP).

Estive imenso tempo a volta do texto do Wandson e só a meio da tarde é que comecei a procurar breves e uma frase de destaque. A frase foi fácil encontrar. Fui ao *Facebook* da

Misericórdia do Porto e estava lá um texto do provedor António Tavares. Apenas precisei de tirar uma frase.

Relativamente às breves, encontrei uma de Espinho, uma de Vila do Conde e por fim, uma do Porto.

Satisfeita.

08.01.2019

Mais um dia sem serviço em agenda. A manhã passou muito devagar. Não tive trabalho nenhum.

Durante a tarde escrevi quatro breves que o Hugo me mandou para o *email*.

Hoje tivemos a atuação do pianista Nuno Ventura de Sousa. Mas não foi o suficiente para levantar os ânimos.

Pouco satisfeita.

09.01.2019

Hoje sabia que tinha serviço. Às 11 horas fui ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP) falar com uns alunos por causa do projeto "Troca no Coração" que consiste na troca consecutiva de objetos com o objetivo de angariar fundos para uma instituição de solidariedade social. Levei o Abílio Ribeiro e fui com o Leonel de Castro que levou o João Santos.

Quando cheguei ao jornal comecei a transcrever as entrevistas. A peça do serviço da manhã não era para amanhã. De qualquer das formas deixei algum texto escrito num documento. Não me preocupei com os caracteres porque mais vale a mais do que a menos.

A meio da tarde, comecei a procurar umas breves. Encontrei uma no *site* da Câmara do Porto e outra foi a Isabel que me arranjou. Ao final do dia, houve novidades e as breves que eu escrevi foram alteradas por outras. Mas é totalmente compreensível porque o espaço tem de ser preenchido e noticiosamente há peças mais importantes do que outras.

Hoje o dia foi bem mais atarefado e gosto muito de dias agitados.

Muito satisfeita.

10.01.2019

Hoje tive serviço às 11 horas: *Comerciantes da Estação de General Torres sem clientes desde a entrada em funcionamento dos elevadores*. Segundo o que indicou a agenda, o serviço foi repartido com o Abílio. O repórter fotográfico foi o José Carmo.

Como é habitual, chamei um táxi. Tenho sempre o cuidado de verificar a morada de forma a não haver erros. Hoje, pela primeira vez, o taxista deixou-nos no sítio errado. Por esse motivo, eu e o Abílio ainda tivemos de andar mais de 20 minutos para chegarmos até ao local correto.

Tínhamos de falar com os comerciantes da estação de metro de General Torres. Apenas há um café e um quiosque. Nenhum dos dois quis revelar a sua identidade. O senhor do café "fechou-se em copas" e disponibilizou-nos pouquíssimas informações. E a senhora do quiosque disse tudo e mais alguma coisa.



Localização do quiosque em General Torres, Gaia

Ainda consegui falar com três pessoas que costumam passar naquela zona mas não vamos publicar nada. Conforme eu calculava, não há peça sem nomes e fotografias. Se houvessem mais comerciantes e apenas um ou dois não quisessem os seus nomes publicados, ainda dava para escrever alguma coisa. Mas, neste caso, são apenas dois comerciantes e sem publicar nomes não há peça.

Na parte da tarde, retoquei o *Protagonista* do Wandson. Mas ainda não estou 100% satisfeita.

Foi bom ter tido serviço em agenda mas preferia ter tido o dia cheio de trabalho.

Satisfeita.

11.01.2019

Hoje não tive serviço em agenda. E ao contrário do que eu pensava o dia foi tudo menos calmo.

De manhã, tive de ficar a “segurar as pontas” na redação. O Hugo, o Miguel, a Isabel e a Carla estavam de folga. A Cláudia ia chegou mais tarde. A Célia saiu. A Adriana só entrava à tarde. O Alfredo tinha ido para um incêndio. E a Marisa foi falar com a família de um morto e levou o Abílio. Assim, fiquei sozinha na secção. E estive perto de ir a um incêndio sozinha. A Cláudia ligou-me a dizer que estava a haver um incêndio e queria saber quem estava na secção e logo a seguir chegou o Alfredo. Acabou por ir ele. Pouco depois, o telefone fixo da secção tocou. Era o Carmo a perguntar onde era o incêndio para ir até ao local fotografar. Mande-i-lhe a morada por mensagem. Segundos depois, uma jornalista pediu-me para ligar para os Sapadores do Porto porque tinha recebido informações de mais um incêndio. No entanto, percebemos mais tarde que se tratava do mesmo incêndio. Foi tudo muito de repente e pouco depois chegou a Cláudia.

Na parte da tarde, tratei do texto do *Protagonista* porque quando interroguei a Cláudia sobre isso disse-me que era para a edição de manhã. Mas no final da tarde, disse-me que ia sair o *Protagonista* que a Carla Soares escreveu.

Como ainda tinha algum tempo antes da minha hora de saída, decidi tratar de umas breves.

O meu dia melhorou perto da hora de sair. A Cláudia perguntou-me que eu ia de fim-de-semana e eu disse-lhe que ia ficar pelo Porto porque tinha de ir aos ensaios de uma peça no Teatro Rivoli – o Teatro Municipal do Porto. A Cláudia mostrou-se muito interessada e fez diversas perguntas. Chegou até a dizer que queria ir ver o espetáculo. O nome é 100% Porto.

Mais tarde, chegou-se ao pé de mim e disse-me que tinha falado com a secção Cultura e que queria desafiar-me a escrever uma crónica sobre o espetáculo. Aceitei. Fiquei radiante mas um pouco atrapalhada. É um grande desafio.

Muito satisfeita.

14.01.2019

Hoje é segunda-feira. E para variar não tinha nada em agenda. A manhã foi muito calma. Sai com a Marisa e com o João Santos. Fomos até à Maia falar com algumas pessoas sobre a colocação de novos parquímetros. Andamos por lá um pouco a falar com pessoas de alguns estabelecimentos e voltámos para o Jornal.

Durante a tarde, eu e a Marisa, falámos com o Panda de *Justiça* sobre um assunto que poderá resultar numa reportagem. Durante o fim-de-semana, o João Santos ligou-me a dizer que sabia da história de uma menina de 24 anos de etnia cigana que desde 16 de dezembro de 2018 que estava desaparecida. Ele estava a fazer um trabalho pessoal num bairro quando o pai desta menina o abordou e contou-lhe a história. Eu não conseguia nem podia tratar aquele tema sozinha e por esse motivo fiz o relato à Marisa que achou por bem falar com o Panda. Ele disse que ia tentar contactar alguém (suponho que seja alguém da PJ de Vila Real). Ao final do dia, ficamos a saber que essa menina tinha fugido com um rapaz mais novo e que mantinha o contacto com a irmã. Se a história do desaparecimento fosse verdade, seria uma boa história. De qualquer das formas, serviu para confirmar a teoria de que devemos sempre confirmar o que nos dizem. Neste caso, a história parecia ter a sua veracidade por ter tido origem no pai da menina. No entanto, conforme se provou, independentemente das fontes, o jornalista deve confirmar as informações que lhes são dados.

Ainda durante a tarde, ajudei a Marisa com alguns pormenores na peça dos parquímetros. E não quis que ela escrevesse o meu nome porque o texto era todo dela.

Mais tarde, escrevi o *Protagonista* sobre o Wandson na página e algumas breves, a pedido da Cláudia. Ela fez a revisão do meu texto e fez pequeninas alterações.

Muito satisfeita.

15.01.2019

Hoje o dia foi demasiado calmo. Não tive serviço em agenda. Eu gosto de trabalhar e fico desanimada com estes dias. A única satisfação do dia foi a mensagem que o Wandson me mandou por causa da publicação do *Protagonista*. *O designer gráfico que ultrapassou fronteiras*, foi o título. A principal ferramenta do seu trabalho é o *Instagram* e ele publicou diversos *instastories* a comprar jornais e a dizer que os ia mandar para o Maranhão, cidade brasileira de onde é natural.

Pouco satisfeita.

16.01.2019

Hoje também não tive serviço em agenda. Mas estabeleci o objetivo de escrever mais um *Protagonista* para ser uma mão cheia deles, como eu dizia. Assim sendo, fiz uma pesquisa sobre o José Rui Marques. Conheci-o nos ensaios do 100% Porto, no Teatro Rivoli. Ontem, falei com ele e propus a entrevista e ele aceitou. Ele é engenheiro químico e investigador na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e tem tem paralisia cerebral. O seu principal meio de transporte é uma cadeira elétrica. A sua condição não o permite ter muitos movimentos, o que dificulta a deslocação e até mesmo comunicação, devido à rigidez de alguns músculos. A Cláudia achou muito interessante e deu-me permissão para marcar a entrevista. Após trocar alguns *emails* com o José Rui Marques, marcamos para amanhã, às 16.30 horas, junto ao Rivoli.

Na parte da tarde, escrevi uma breve sobre uma sessão de yoga a realizar depois de amanhã, em Paredes, para assinalar o Dia Internacional do Riso. No entanto, com as peças que tinham de sair e o pouco espaço que tínhamos, tiveram de tirar a minha breve para colocar outra. Acontece.

Aproveitei o resto da tarde, para fazer mais algumas pesquisas sobre o José Rui e preparar algumas perguntas para a entrevista.

Pouco satisfeita.

17.01.2019

Hoje quando cheguei à redação vi que não tinha serviço, mas não faltou agitação no dia de hoje.

Às 11.30 horas, fui com a Adriana a Matosinhos para assistir à tomada de posse do Comandante José Zacarias da Cruz Martins.



Formação dos militares na tomada de posse

A cerimónia durou imenso tempo e por isso, acabamos por aceitar o convite para almoçar nas instalações. Logo após o almoço, fomos para o jornal e apanhámos boleia de uma jornalista da LUSA. Estava muito trânsito e apenas conseguimos chegar ao jornal às 15.30 horas.

Eu tinha a entrevista ao José Rui Marques, no Teatro Rivoli, para a rubrica do *Protagonista*. Limei umas perguntas para a entrevista e às 16.15 horas saí para o Teatro. Fui a pé e levei o Abílio. O Leonel de Castro foi fotografia e encontrámo-nos no local. Pouco tempo depois, o Zé Rui (como eu o costume chamar) chegou. O Leonel tirou-lhe as fotos e foi-se embora.



Leonel de Castro a fotografar o José Rui Marques

Fiz a entrevista ao Zé Rui. Demorou uma hora e meia porque ele tem muitas dificuldades ao falar. Como o Abílio tem o horário mais condicionado do que eu por viajar todos os dias para o Marco de Canaveses, teve de sair mais cedo. A entrevista acabou às 18.30 horas e nem voltei ao jornal. Mas tinha deixado essa indicação à Cláudia e ela não se importou.

Muito satisfeita.

18.01.2019

Hoje também não tive serviço em agenda. Acho que escrevi esta frase todos os dias ao longo desta semana. Hoje de manhã, saí com a Marisa para Matosinhos. Fomos à assinatura do contrato de arrendamento de dez anos de um edificio para vai ser um banco.



Fotografia após assinatura do contrato

Estivemos lá até perto das 13 horas. Voltamos de táxi para o jornal e fomos almoçar. Também não tinha nada marcado para a tarde. Mas aproveitei para escrever sobre o meu mais recente *Protagonista*. Mais tarde, ajustei a peça que tinha sobre o projeto "Troca no Coração" e escrevi-a numa pré-maquete.

Ao final da tarde, um jornalista da secção *Cultura* veio falar comigo sobre a crónica do 100% Porto. O espetáculo vai ser abertura de *Cultura* e ele queria que eu escrevesse um pequeno texto na primeira pessoa. Disse-lhe que já tinha texto e que julgava que apenas ia sair depois do espetáculo. Ele concordou com o meu ponto de vista e, considerando o que eu já tinha escrito, considerou mais interessante publicar após a apresentação.

Hoje, o dia não foi muito agitado mas pelo menos sempre foi melhor do que não fazer nada.

Pouco satisfeita.

21.01.2019

E para variar, não tive serviço em agenda. Mas no geral até que foi um dia muito bom.

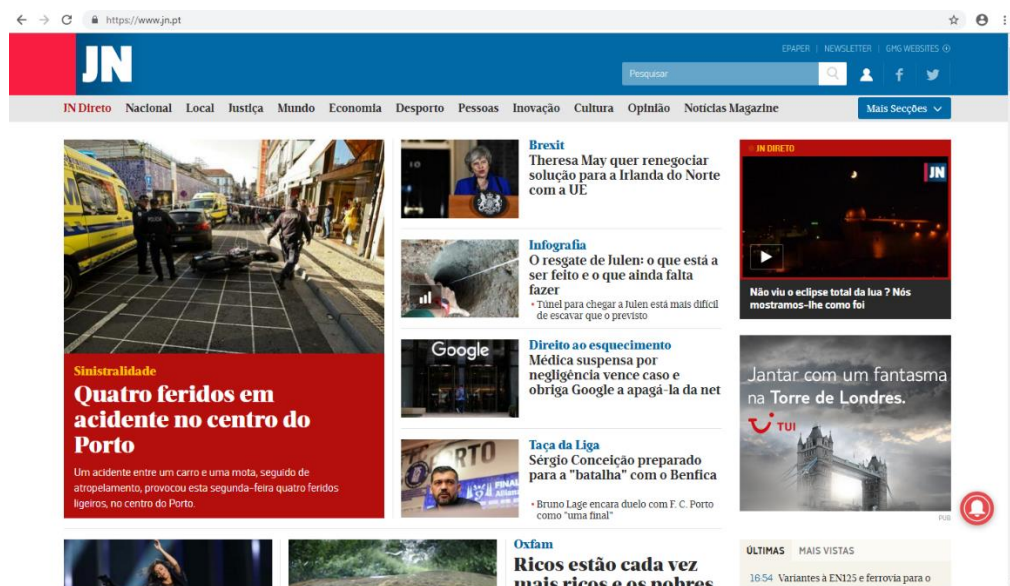
De manhã, saí com a Marisa para um antigo Hospital que hoje serve como Centro de Acolhimento a pessoas em condição de sem-abrigo. Estivemos lá parte da manhã. E confesso que sofri um pouco porque havia muitos cães soltos e eu tenho pânico de animais. Mas a Marisa e o José Carmo foram impecáveis comigo e punham-se sempre à minha frente.

Quando chegámos ao jornal não esperamos nem um minuto e fomos logo almoçar.

Retomámos ao serviço às 14 horas. Pouco depois, o Hugo chegou à redação com a notícia que tinha havido um acidente na zona do Bolhão. E para meu espanto mandou-me a mim. Fiquei radiante porque sempre quis ter a oportunidade de cobrir um acidente.

Pelo caminho a Marisa mandou-me a morada em concreto. Quando cheguei ao local, o aparato era imenso. Tentei falar com alguns agentes mas eles não estavam a prestar declarações. Mais tarde, apareceu a Sara do JN Direto. Andámos as duas à caça de informação. Perguntei a dezenas de pessoas se tinham visto o acidente e a resposta de todas era negativa. Ainda consegui falar com uma comerciante com loja mesmo em frente ao local do acidente mas também não tinha visto nada. Por fim, consegui falar com o condutor do carro que não quis revelar o nome. Assim sendo, pedi-lhe para me dizer a apenas a idade e relatar o acidente. Ele aceitou. Disse-me que estava a mudar de faixa quando uma mota bateu nas traseiras do seu veículo. O despiste da mota feriu três pessoas.

Estive sempre em contacto com a Marisa e com o Hugo, já que a Marisa estava na redação a escrever para o *online*⁹⁸ que estava em constante atualização e tinha bastante destaque no *site* oficial.



Recorte da imagem no *site* oficial do JN no início da tarde de dia 21 de janeiro

⁹⁸ Link para a peça no *online*: <https://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/interior/acidente-entre-dois-carros-e-uma-mota-faz-um-ferido-no-porto-10466234.html>.

Quando cheguei ao jornal verifiquei, junto do Tiago da secção *Online*, as informações, fizemos pequenas alterações. Após isso, escrevi a peça na página para a edição de amanhã.

Mais tarde, fui ter com o Hugo para saber com quem podia falar por causa da crónica do 100% Porto. Disse-me para lhe enviar. Por isso, compus o texto e enviei logo para ele. Quero mesmo que o texto saia. Tenho de esperar para ver.

Ainda cheguei a escrever o *Protagonista* do José Rui Marques na página. Amanhã cuido do texto.

Hoje, mesmo sem ter serviço em agenda, foi um bom dia. Fiz o meu primeiro acidente. E tenho a certeza que fiz um bom trabalho.

Muito satisfeita.



Fotos: Acidente entre carro e mota no Bolhão, Porto

22.01.2019

Não é a primeira vez que não tenho serviço em agenda. A manhã foi calma. Mas às 13 horas fui até à Escola Profissional Infante D. Henrique. Era uma concentração em defesa de seis trabalhadores que foram despedidos após procedimento concursal. Fui até ao local num táxi com espera. Falei com o Coordenador do Sindicato e com duas das lesadas. O tempo não ajudou. Estava a chover imenso. O Hugo pediu-me para fotografar o local porque não tinha fotógrafo comigo.



Concentração junto à Escola D. Infante

Voltei para o jornal e fui almoçar.

Na parte da tarde, fui até à Quinta do Covelo por causa de um ninho de vespas asiáticas. Há pouco mais de um mês eu fui lá com o Rui Oliveira e não encontrámos nada. Estranhei. Foi um falso alarme pois não havia nada. Depois, eu e o Carmo seguimos para a praia fluvial do Areinho, em Oliveira do Douro, Gaia, por causa de mais um ninho de vespas que segundo alguns moradores da zona está lá desde agosto e a proteção civil não os remove. Recolhidas as informações e tiradas as fotografias, voltámos para o jornal onde comecei a tratar da informação sobre a concentração que ocorreu às 13 horas. Custou-me imenso tratar o texto e o Hugo fez algumas alterações.

Estou com inícios de uma gripe valente e trabalhar nestas condições não é fácil. Hoje, o Mickael Carreira atuou na redação do JN. Mas como foi em serviço por causa do ninho de vespas, não pude assistir ao concerto.

Muito satisfeita.

23.01.2019

Hoje não fui ao jornal porque estou com febre. Já não me sentia bem ao final do dia de ontem e o Hugo disse-me para ficar em casa se não me sentisse melhor. Com a chuva que apanhei ao longo do dia de ontem, apanhei uma valente gripe e como passei muito mal a noite não me conseguia levantar para ir trabalhar. Informei o Hugo que achava melhor ficar em casa a ver se melhorava.

24.01.2019

Como ontem não fui para o jornal por estar doente não tive serviço em agenda. Não posso apanhar frio. Pelo menos, não convém. De qualquer das formas decidi ir para o jornal porque já me sentia melhor (embora não estivesse a 100%) e porque não queria ficar tanto tempo em casa.

Durante o período de manhã, fiz alguns contactos por causa da questão do ninho de vespas asiáticas junto à praia fluvial do Areinho, em Oliveira do Douro, Gaia. A Proteção Civil de Gaia pediu-me para ligar depois das 14 horas porque era quando estava lá a pessoas que me podia dar as informações. Além disso, ainda fiz a transcrição de um áudio que o José Rui Marques me enviou para o seu texto do protagonista. Parecendo que não, até que foi uma manhã agitada.

Hoje vi o jornal de ontem e reparei que o Hugo escreveu "Filipa Silva" ao invés de "Filipa Vieira" na fotografia que eu tirei aos assistentes operacionais e sindicalistas no protesto junto à Escola Profissional Infante D. Henrique. Acontece.

Na parte da tarde, fiz mais uns contactos por causa dos ninhos de vespas. Tanto a Proteção Civil como a Junta de Freguesia de Oliveira do Douro ficaram com o meu contacto para depois de contactarem. Após isso, fui embora. Com a gripe que tenho preciso de repouso. E estavam todos a mandar-me embora. Vou tentar ir mais cedo para a Régua. Acho que me vai fazer bem.

Muito satisfeita.

28.01.2019

Hoje entrei às 14 horas porque ontem o Hugo ligou-me a dizer que tinha um serviço às 18.30 horas e que por isso não precisava de vir de manhã.

Na parte da tarde, a Cláudia informou-me que estava a decorrer um leilão na PSP de artigos encontrados na via pública. Em termos simples, era um leilão de perdidos e achados. Liguei para a agente Olinda que a responsável pelas relações da PSP com a comunicação social. Numa primeira chamada, informou-me que o leilão ainda não tinha acabado e que por isso devia ligar mais tarde. De qualquer das formas, disse-lhe quais eram as minhas dúvidas para assim que voltasse a falar com ela ter uma resposta pronta e clara. Liguei à hora que me pediu para ligar e para meu espanto, depois de 30 chamadas a agente Olinda tinha acabado o serviço do dia. Liguei para o oficial de dia (um dos outros contactos para o qual o JN liga quando quer saber que há mais novidades – na volta). O oficial de dia disse-me que o leilão tinha sido de manhã (ao contrário do que me foi dito pela agente Olinda) e que não tinha informações sobre o assunto. Para isso tinha de contactá-la no dia seguinte. No entanto, a peça era para amanhã.

Às 18.30 horas fui para a Câmara do Porto. Era a entrega das placas às ruas mais antigas e conceituadas da cidade ao abrigo do projeto da Câmara Municipal “Porto de Tradição”. As placas foram entregues por Rui Moreira, presidente da Câmara do Porto e por Ricardo Valente que detém o pelouro do comércio na Câmara.



Sala de entrega dos prémios do “Porto de Tradição”

No final da cerimónia fiz uma pergunta ao presidente da Câmara para o caso de faltarem caracteres para a peça. “Qual pensa ser o impacto que estas lojas têm no turismo e,

consequentemente, na economia da cidade?”. A resposta foi curta e concisa.

Voltei para o jornal e escrevi sobre a entrega das placas e sobre o leilão da PSP. Foi difícil escrever sobre o leilão. Fiz algumas pesquisas e consegui escrever o texto para os caracteres que precisava de preencher. A Cláudia gostou dos textos e não alterou quase nada.

Sai do jornal perto das 22 horas.

Muito satisfeita.

29.01.2019

Hoje foi um daqueles dias que vale a pena. Ontem, a Cláudia pediu-me para entrar mais cedo porque tinha um serviço às 9.45 horas junto da Câmara Municipal do Porto: uma tabela periódica humana. Fui com todo o gosto porque eu gosto de trabalhar e fico sinceramente aborrecida quando passo os dias sem fazer nada. Foi uma atividade muito interessante porque para além de reunir 1200 alunos, 70 professores e 80 membros da organização, realizou-se em mais pontos do país para assinalar 2019 como o Ano Internacional da Tabela Periódica. Fui com o Artur Machado. Falámos com diversos alunos e responsáveis pela organização.



Tabela periódica humana, junto à Câmara Municipal do Porto

Depois do serviço feito, voltámos para o jornal onde transcrevi todas as entrevistas e

comecei a escrever a peça.

Depois de almoço, escrevi a peça na página. A Cláudia leu e fez um acréscimo pequeno de informação e não houve alterações no texto.

Quando vi que ainda não havia breves, lembrei-me que podia ser uma boa ideia, colocar em número, o valor arrecadado no leilão da PSP do Porto. A Cláudia concordou. Liguei para a Chefe Olinda que se disponibilizou em procurar as informações e, mais tarde, ligou-me a comunicá-las.

Ao longo do dia, também escrevi algumas coisas da peça sobre as vespas asiáticas mas nada de definitivo.

Como eu gosto de dias atarefados!

Muito satisfeita.

30.01.2019

Hoje fui para o jornal às mesmas horas de sempre. E o dia não começou muito bem. Recebi um *email* de um leitor sobre a peça da tabela periódica humana. Eu escrevi que tinha acontecido na Praça de Almeida Garrett. Baseei-me no texto publicado pela Câmara do Porto, no seu *site* oficial. Na verdade, a Praça de Almeida Garrett é em frente de São Bento. Eu sei que os erros acontecem, mas deixa-me destrozada ter cometido um erro destes mesmo nos últimos dias do meu estágio. A Cláudia disse "apenas não comete erros, quem não faz". É verdade. Foi o meu primeiro grande erro. Para me tranquilizar, a Carla contou-me que já teve de publicar um desmentido. No entanto, pelo sim pelo não, a Carla ajudou-me a imprimir a peça da Câmara do Porto onde refere "na Praça de Almeida Garrett, em frente do edifício da Câmara do Porto". O erro deles fez com que eu publicasse um erro. E a peça ainda teve algum destaque. Mesmo assim, vou tentar não me preocupar muito com isto. Erros acontecem. E dão para aprender. Vou verificar a informação mais cinco ou seis vezes antes de publicar. Não posso deixar que erros destes voltem a acontecer. Embora a Cláudia tivesse revisto o texto e não tivesse percebido do erro, o texto foi assinado por mim e sinto uma grande responsabilidade no que publico.

Não tive trabalho o dia todo mas, à tarde, fui com a Isabel fazer um protagonista. Foi a uma rapariga que faz tradução em linguagem gestual nas reuniões da Câmara de Matosinhos. Achei a história interessante.

Embora seja o meu penúltimo dia de estágio, gostava de acabar a trabalhar.

Pouco satisfeita.

31.01.2019

Foi o último dia e foi um pouco difícil, mas atarefado. Tanto de manhã como à tarde, andei com a Marisa à procura de informações sobre uma senhora que foi atropelada no final do dia de ontem por ter atravessado uma autoestrada.

De manhã andámos no prédio onde ela morava sozinha. Na parte da tarde fomos até ao local de trabalho dela. Depois de feitas as visitas, eu e a Marisa escrevemos a peça para sair na edição de amanhã.

O dia foi assim passado. E ainda tive direito a um almoço (e não paguei, o que foi a melhor parte).

O pior foram as despedidas. Despedi-me do diretor, Domingos de Andrade. Da Mónica, a secretária de direção. Dos fotógrafos. E do pessoal da minha secção. Custou-me imenso. Na verdade, consegui conter-me para não correr uma lágrima.

Saí do jornal com a Marisa mas a Isabel levou-me até à porta do jornal. Foi uma despedida mas um “até já” porque ficou prometido voltar lá.

Não podia estar mais satisfeita com o meu percurso!

Muito satisfeita.

Apêndice 6 – Guião das entrevistas

Os documentos apresentados neste apêndice são os guiões utilizados para as entrevistas aos jornalistas e aos editores da secção *Porto* do Jornal de Notícias. Trata-se de um alinhamento de perguntas semi-estruturadas considerando a possibilidade de perguntas fora do plano inicial.

- Figural Amariam

1 outubro 2018 (pág. 20)

Dois colunas

"Despiste de autocarro da STCP causa oito feridos"

↳ 7 feridos ligeiros e 1 grave

* Como tiveste conhecimento do acidente?

α foi fácil chegar ao local?

α Deponeste-te com que cenário?

α Com quem foste primeiro? ④

* A peça começa bastante objetiva: "Oito feridos, uma delas com gravidade, é o resultado do despiste de um autocarro da STCP ontem à tarde (...)" Algum motivo em especial? Também se moveis objetivo em relatos de acidentes?

* Tens alguma característica própria que tentes imprimir nos teus textos?

* Qual é o teu ponto de vista sobre o destaque dado à peça? ④

α No teu ponto de vista, quais são as condições para uma peça ser osetura? É breve?

* Recordas-te se, mesmo editorial, teve de ser reclusa alguma peça para ser publicada esta?

→ data: 5/1

→ Anos jornalístico: 1993

→ Anos: 1993

④ Ainda foste-te com Paulo Ramos e Gáloria Silva de um café perto do local.

④ O facto de ser um transporte público dá-lhe esse destaque? Sim.

- Isacel Pereira

8 novembro 2018 (pág. 24)

Três volumes

"Cerveja: a bebida atingida por fogo à hora do almoço."

→ sem fénidos

* Como tiveste conhecimento do incêndio?
Foi na volta?

* Foi fácil chegar ao local?

* Deparaste-te com que cenário?

* Na peça apenas há citações do proprietário, Arménio Pinto. Não conseguiste falar com ninguém responsável dos sabedores?

* Qual é o teu ponto de vista relativamente ao desloque do peço? Não houve fénidos. Poderia ter sido uma breve? Achas que o facto de o espaço ter necessário a visita de um chef e apresentado muito aménico, dá-lhe mais pontos e tem mais destaque?

* Há alguma coisa no texto que seja uma particularidade tua?

* Na tua perspetiva, quais são os requisitos para uma peça ser assente? É breve?

→ Idade: 49

→ Amos, jornalista: 79 30

→ Amos JN: 79 29

(1)

- Célia Soares

27/11/2018 9 outubro 2018 (pág. 22)

Tre3 colunas

"Idoso morre na passeadeira a poucos
metros de casa"

↳ vítima mortal: Fernando Jesus Santos,
79 anos

* Como tiveste com o momento do acidente?
foi na volta ou foi um acidente de algum
do jornal?

* Foi-te difícil chegar ao local?

* Deparaste-te com que cenário?

* Com quem tentas-te falar primeiro?

* O corpo ainda estava no local. Qual era
o ambiente, recordas-te?

* Foi difícil obter informações sobre a vítima?

* A peça começa bastante objetiva: "Um
homem de 79 anos morreu, vítima de um acidente,
ao ser atropelado (...)". Algum motivo em
específico? Nestas situações tentas ser mais
objetiva? Conas algum distanciamento?

* Tens alguma característica própria que
tentas imprimir nos teus textos?

* Qual é o teu ponto de vista sobre o destaque
dado à peça, mesmo com um morto?

* No teu ponto de vista, quais são os
condições para uma peça ser objetiva? E
breve?

→ Idade: 24

→ Ano jornalístico: 2018, verão

→ Ano gen: 2018

②

- Célia Soares

23 novembro 2018 (pág. 26)

Três colunas

"Acidente com a A43 e Locomoção do carro"

× Como tiveste conhecimento do acidente?

× Foi fácil chegar ao local?

× Com quem tentas te falar primeiro?

× Qual era o ambiente no local?

× Foi fácil conseguir estas informações? Falas-te com o Marco Fontes, presidente da Câmara de Pombal e responsável pela Comissão Distrital de Proteção Civil

× Esta peça foi publicada a três colunas. Achas que deveo ter-lhe sido dado outro destaque?

× Neste dia, esta peça substituiu outra?

①

- Adriano Castro

10 dezembro 2018 (pág. 19)

Dois colunas

"Sete feridos em acidente junto à Santa Rita"

Rita

↳ cinco ligeiros e dois graves

× Como tiveste conhecimento do acidente?

× Foi fácil chegar ao local?

× Deplanaste-te com que cenário?

× Com quem tentas te falar primeiro? Na peça, há declarações de um monador de 72 anos, Joaquim Ferreira e do chefe de serviço dos Bombeiros, Paulo Ferreira.

× A peça começa de forma bastante objetiva:

"Sete pessoas ficaram feridas, duas delas com gravidade, ao início do turno de manhã (...)"

Alguma motivação em especial? Nestas situações tentas ser mais objetiva? Ou não alguma distanciamento?

× Tems alguma característica própria que tentas imprimir nos teus textos?

× Qual é o teu ponto de vista sobre o destaque

dado a peça? Porque achas que não foi
pela breia? de fosse o primo Δ tendo achas
que não?

«No teu plano de vida, quais são as condições
para uma peça ser assentada? E breia?

→ João: 20

→ Ext. cur.

→ Anos João: 2018 - 2018 - 2018 - 2018

→ Anos João: 2018 - 2018 - 2018 - 2018

2018

2

- Adriano Castro

26 outubro 2018 (pág. 29)

Três colunas

"Acidente entre automóvel e autocarro
fig. 21 feridos"

→ auto ligeiros (incluindo uma criança) e
três graves

« Como tiveste conhecimento do acidente?

« Foi fácil chegar ao local?

« Deparamo-te com que cenário?

« Qual era o ambiente? Muito apertado?

Semó final do dia.

« Com quem tentas falar primeiro? Foi di-
fícil obter informações? Há relatos de Mariana
Neto e Julia Moreira de 19 anos. Também Amé-
lio Ferreira da Geração 2018 (pág. 29).

« Começas-te a peça objetiva. A peça bedia essa
objetividade? (deixas frases criativas um pouco
de lado!)

« Está peça foi baseada o três colunas. Achas que
tinhas material para ser assentada?

Adriano: te se neste dia, a tua peça substituiu

outro?

Relatório com outro texto

* 5 movimentos - breve (foto/legenda)

"Dois acidentes na A4 provocaram seis feridos"

↳ Em ambos os casos, há registro de vários feridos. Qual achas que é o motivo dos diferentes destaques?

- Janisa Silva

1 de dezembro 2018 (pág. 20)

Aventura seca

"foi mais forte fazer medo, o fogo tomou conta do prédio"

↳ vítima mortal: Júlia Casanova, 100 anos

* Como houve conhecimento do incêndio?

Foi na volta ou alguém do jornal avisou?

* Foi fácil chegar ao local?

* Deponeste-te com que cenário?

* Com quem tentas-te falar primeiro?

↳ O jornal foi encaminhado com o jornal. Qual era o ambiente no local, recordas-te?

* Foi difícil obter informações sobre a vítima?

Falaste com Oscar Silva, descrito como sendo um testemunha. Também com Zulmira Rodrigues, funcionária numa feitoria e com António Pereira, proprietário de um café. Para além do Comandante dos Sapadores, Carlos Pinheiro.

* Na redação do texto, optas-te por uma visão no título e na abertura. Algum motivo em especial? É uma característica tua?

* Este texto fez abertura de secção. Nota

ponto de vista porque é que tens este destaque? ④

« Lembra-te se, neste dia, já havia peça para sen aventura? Ou já tinha sido apontado para tal quando da paginagem?

« Há alguma coisa no texto que seja uma particularidade tua?

④ « Nesta peça houve uma vítima mortal. Na peça da página seguinte, morreram dois jovens num acidente de carro. ⑤ Qual o teu ponto de vista sobre o destaque dado à vítima de 200 anos? A sua idade?

« Na tua perspetiva, quais são as condições para uma peça sen aventura? É breve?

→ Idade: 20

→ Anos jornalista: agosto 2017

→ Anos juv: agosto 2017 → tanto José Luís

11 contrin

⑤ 11 mais um texto legendo.

①

- Alfredo Teixeira

15 outubro 2018 (pág. 20)

Aventura senca

" Sem obigo morre na rua em pleno centro do Porto"

↳ vítima mortal: Joaquim David, 47 anos

« Como tiveste conhecimento do sucedido?

« Foi difícil chegar ao local?

« Deponeste-te com que cenário?

« Com quem foste primeiro?

« O corpo foi encontrado embutido a um contentor. Qual era o ambiente no local, recordas-te?

« Foi difícil obter informações sobre a vítima? Faltas-te com uma assistente social e Carlos Gomes e José Gomes, amigos da vítima.

« Na redação do texto, optas-te por uma contextualização e descrição do cenário geral dos sem-obigo. Por algum motivo em especial?

« Esta peça faz aventura de senca. No teu ponto de vista porque é que tens este destaque?

« Lembra-te se, neste dia, já havia peça

para ser aventura?

× Há alguma coisa no texto que seja uma particularidade tua?

× Na tua perspetiva, quais são as condições para uma peça ser aventura? É breve?

→ Idade 30

→ Anos jornalista 26/27/28

→ Anos JV: 1

Relação com outra peça

6 outubro - breve

× "Motociclista morre numa colisão com um carro na EN102"

→ Em relação ao texto, há um momento. Porque consideras que um foi aventura de secção e outro breve?

(2)

- Alfredo Teixeira

26 janeiro 2019 (pág. 20)

Aventura secção

"Fuga de motociclo de caserna mata dois homens no hospital"

↳ vítimas mortais: 53 e 58 anos

× Como tiveste conhecimento do acidente?
~~As notícias / jornais nos dias anteriores~~ O acidente já tinha ocorrido no dia anterior de manhã.

× Chegaste a ir ao local?

× Com quem foi necessário falar?

× Embora haja referência às idades das vítimas, não há nomes. Porque?

× Há alguma dificuldade na redação da peça?

× Qual é o teu ponto de vista sobre o destaque dado à peça?

× Quando foste escrever a peça, havia uma aventura na página 20? (= A tua peça substituiu outra peça previamente escrita?)

- Carla Soares

18 janeiro 2019 (pág. 22)

Uma coluna

"Ferreira regressou a casa depois de consultá-la"

↳ vítima mortal: Ana Pereira Ferreira,
84 anos

• Como tiveste conhecimento do acidente?

• Foste ao local?

• Deportaste-te com que carinho?

• Na peça escreves-te: "Famílias e amigos recordaram entre o mulher "fuladona" que ficou viúva "muito nova" (...). (com quem tentas-te falar primeiro?)

• Foi difícil obter informações sobre a vítima?

• A peça começa de forma objetiva mas no quarto parágrafo há uma descrição da vida da senhora. Tens alguma característica própria que tentas imprimir nos teus textos?

• Ou depende dos textos?

• Qual é o teu ponto de vista sobre o destaque dado à peça? (mesmo com um morto) (A)

(A) Comparativamente à peça que faz assentura, faz sentido o destaque dado à tua peça? (É com a greve c/ 3 feridos)

• Na tua perspetiva, quais são os condicionalis para uma peça ser assentura? (Greve?)

→idade:

→ anos já no campo

→ Editores Hugo Silva e Cláudia Figueiro

• 15 outubro 2018 → Assentura de seccas

"Sem-o-ônigo morre na rua em pleno centro do Porto"

vs.

• 6 outubro 2018 → Breve

"Motociclista morre numa colisão com um carro na EN108"

↳ Porquê a diferença? Ambos c/ um morto.

• 1 janeiro 2019 → Duas colunas

"Despreste na A1 vítima jovem jogador de futebol de 20 anos" (foi um ferido ligeiro)

vs.

• 7 outubro 2018 → Duas colunas

"Apai-xomado por mortos morre em acidente"

↳ 1 morto. Mesmo destaque. Meses diferentes.

• Qual é o trabalho de um editor?

• Como é que selecionamos as peças de cada edição?

• Tem algum plano pré-definido para notícias de última hora? Como é que inserem a peça no noticiário?

• A imtemporalidade e o imediato são fatores importantes na seleção das notícias?

• Como é que decidem qual é que vai ser a assentura?

• O destaque das peças depende da informação que o jornalista resolve no local? Ou depende do assunto / temática?

• Hora de fecho da edição

• Quantidade de páginas e desenho das manchetes

↳ Como funciona?

4

Apêndice 7 - Cronograma do desenvolvimento do relatório

Ação	Mês						
	Outubro 2018	Novembro 2018	Dezembro 2018	Janeiro 2019	Fevereiro 2019	Março 2019	Abril 2019
Estágio							
Diário de bordo							
Calendário de satisfação							
Introdução							
Contextualização do jornal							
Explicação do estágio							

Metodologia							
Revisão de literatura							
Consulta dos jornais em estudo							
Análise dos jornais em estudo							
Entrevistas aos jornalistas							
Entrevistas aos editores							
Conclusão							
Bibliografia							

Legenda	
Finalizado	
Incompleto	